José Rafael de Menezes

Patriarcas de ALAGOA DO MONTEIRO



Série Publicações Independentes

Editora Universitária UFPE

Ao publicar seu trigésimo livro, o Prof. José Rafael de Menezes, viu-se questionado, por amigos e por si mesmo, porque nessa vasta obra faltava um trabalho específico sobre sua terra. Sem dúvida mencionada estava a cidade de Monteiro, nos textos do memorialista, principalmente em **Memórias de um pau-de-arara,** igualmente editado pela UFPE, em 1990.

A influência exercida pelo Tio Jayme Menezes, por personalidades como o advogado João de Almeida, por afeições de avós e tias, alcançaram um belo momento nas páginas que dedicou a grande dama Maria das Dores Raphael sua genitora.

Em **Patriarcas de Alagoa do Monteiro,** José Rafael de Menezes, aplica a mesma metodologia de **Homo Nordestinus** para perfilar uma centena dos seus contemporâneos que se distinguiram na educação dos filhos. Dos chefes de famílias monteirenses que, nas décadas de 30 e 40, velaram - e alguns se exauriram - para que os descendentes obtivessem graus superiores, sobretudo nas Faculdades do Recife.

Ao lado dos **patriarcas efetivos,** dos pais encaminhadores da educação dos filhos, num patrocínio direto e perseverante, apresenta o Autor, os **patriarcas itinerantes.** São estes os sacerdotes, magistrados, professores, médicos de exercício profissional na cidade do Cariri paraibano. Inclui José Rafael, alguns domiciliados no Recife que repercutiam solidários, acolhedores, modelares, e assim contribuiam no destino das novas gerações. Duas dezenas de Damas são lembradas em anexo aos Patriarcas. Sem elas não se completa a sociedade monteirense das décadas invocadas, nem os feitos dos filhos doutores. Na Introdução, resume o Autor um informe sobre as origens das famílias monteirenses, numa reconstituição que ajuda a se compreender Patriarcas e Damas. Sem pretender fazer História, nem Biografia, o livro ganha essa dimensão nas páginas introdutórias. Mas no essencial uma prova de amor à sua terra e à sua gente de Alagoa do Monteiro.

O AUTOR

JOSÉ RAFAEL DE MENEZES autodefine-se como um professor universitário que fez de seus escritos extensões de sua Cátedra. Por trinta anos lecionou em unidades universitárias, pioneiro na Universidade Federal da Paraíba, como na Universidade Católica de Pernambuco. Por zelos de autodidata, empreendeu seu mestrado, sem oportunidade para cursos especializados. Comprovou-se apto e atual em meia dúzia de ensaios universitários, inspirados pela profissão, além de interessar a todo estudioso: FILOSOFIA SOCIAL DO DESENVOLVIMENTO, PSICOLOGIA SOCIAL, SOCIOLOGIA APLICADA A ADMINISTRAÇÃO, são alguns desses trabalhos que realçam nessa obra didática.

Esmerou-se, por outro lado, em interpretações críticas e biográficas: UM HOMEM DO BEM COMUM, sobre José Américo de Almeida, seu mestre de civismo; O FILOSOFAR EM LUIZ DELGADO, seu mestre ético; O PODER REFLEXIVO DE ASCENDINO LEITE, seu mestre literário. Nessa ordem afetivo-erudita, inscreve-se APROXIMAÇÕES DA OBRA ESTÉTICA DE EVALDO COUTINHO. As disposições inatas e a disciplina intelectual de JOSÉ RAFAEL DE MENEZES, permitiram-lhe atuar na imprensa brasileira, em jornais de Belo Horizonte e Porto Alegre; em revistas do Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo e Ceará. Mas, é no Recife, onde há quatro décadas cumpre-se com expressiva assiduidade, em todos os grupos e tipos de publicações notórias. Bacharel de 1948, preside a Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Direito do Recife, e orgulha-se de pertencer à geração de 45, um dos seus nomes mais honrados e ativos, em todo o Nordeste.

Patriarcas de ALAGOA DO MONTEIRO

José Rafael de Menezes

Patriarcas de ALAGOA DO MONTEIRO

Série Publicações Independentes

Editora Universitária UFPE

Foto da Capa: Panorâmica da Cidade, em 1932, da Praça João Pessoa à Igreja.
Capa: Elvira MR de Paula
Colaboração: Jorge Lopes de Oliveira
Composição: Rubson Ildes Silva
Revisão: O Autor
Montagem / Impressão: Editora Universitária / UFPE

Menezes, José Rafael de
Patriarcas de Alagoa do Monteiro / José Rafael de Menezes. - Recife: Ed. Universitária da UF-PE, 1993.
148 p.

1. Literatura brasileira - Memórias. I. Título.

869.0 (81) - 94 CDU (2.ed.) UFPE
B869.0 92 CDD(19.ed.) BC93 - 23

AGRADECIMENTOS

EM CADA PATRIARCA (ou DAMA) PERFILADO A ATENÇÃO, O CONCEITO, A HOMENAGEM DO AUTOR.

NENHUMA INTENÇÃO BIOGRÁFICA NEM RECONSTITUIÇÃO DE MÉTODO HISTÓRICO. DAÍ OS POSSÍVEIS EQUÍVOCOS E IMPRECISÕES DESCULPÁVEIS DESDE QUE NO CONJUNTO A PERSONALIDADE ESTEJA INTEIRA.

TUDO É MEMÓRIA, LEMBRANÇA GRATA E AMIZADE.

DEDICATÓRIA

Para JANSEN FILHO - cujo talento poético é o mais fiel testemunho às glórias e riquezas de Alagoa do Monteiro.
Para AGENOR LAFAYETTE - um entusiasta das origens dos seus pais e irmãos.
Para JORGE MENEZES - que me pediu este livro como um serviço a mais que presta à sua terra.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 13
PRIMEIRA PARTE
FAMÍLIAS TRONCOS 23
SEGUNDA PARTE
PATRIARCAS EFETIVOS 31
TERCEIRA PARTE
PATRIARCAS POR BENEMERÊNCIAS
(ITINERANTES) 93
APÊNDICE
DAMAS MONTEIRENSES 123

APRESENTAÇÃO

A História de uma pequena cidade interiorana é a História de suas famílias. E em cada uma delas, personalidades líderes, de varões em distinções patriarcais. Não obrigatoriamente o pai do grupo mais numeroso, da grande família, porém um membro eminente, que se distinquiu pelos seus títulos ou sua perícia, por sua inteligência ou por sua generosidade. Nó presente livro, pretendo perfilar vultos eminentes da vida monteirense. Situá-los numa família, na família que representam é um procedimento lógico, de lógica comunitária, ainda que não pretenda fazer sociologia doméstica, nem genealogia. Muito menos História.

Em **Patriarcas de Alagoa do Monteiro,** a lembrança de personalidades fortes, de homens saudáveis, que definiram a sociedade das minhas origens.

O carater afetuoso do escrito corresponde ao que, Jansen Filho, Antonio Rafael, Jayme Menezes, Aldo Falcão - publicaram sem ambições literárias ou científicas, em testemunho fiel da infância e da adolescência.

No que aqui assino há uma intenção de vir ao nosso tempo. De perfilar alguns vivos e ativos cidadãos, meus contemporâneos. Em anexo uma vintena de mulheres, Damas Monteirenses, que completam o projeto editorial.

De Alagoa do Monteiro: porque na emoção do Autor, a prevalência do nome completo da cidade, até 1940, data caracterizadora do tempo reconstituido. Da época áurea dos patriarcas.

O município vasto de Alagoa do Monteiro, com sua cultura de algodoais uma das mais rendosas da Paraiba; com suas Fazendas, de três a cinco mil hectares, onde pastavam

duas ou três mil cabeças de gado - nesse Município algumas distinções geo-econômicas que contribuem para a Justificativa do livro.

Ao incluir familias de São Tomé, Prata, Ouro Velho, Camalaú, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro, fiel estou ao patrimônio monteirense que se irradiava pelos distritos, hoje cidades. A extensa comunidade municipal explica a fecundidades dos antepassados, modestos e fieis, com repercussões éticas sobre os descendentes. Não há melhor forma de agradecer, do que invocando e descrevendo os antepassados. Há uma gloria monteirense, pelo desempenho dos filhos ilustres, nas metrópoles brasileiras, em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Recife. No Recife é um capítulo tão significativo que a Fundação Joaquim Nabuco programa estudar Médicos, Bacharéis, Engenheiros, Economistas, Professores, Homens públicos, nascidos em Alagoa do Monteiro, sempre vinculados à sua gente, profissionalmente realizados. Em lideranças universitárias, de Reitores, de Desembargadores, de secretários e chefes de serviços, de intelectuais, Monteiro, numa evidência, pelos filhos ilustres, supera outras cidades bem maiores, em Pernambuco e no Nordeste, na colônia domiciliada no Recife.

O nosso escrito pretende situar os monteirenses das distinções mencionadas, em suas origens, em seus compromissos afetivos como personolidades patriarcais, invocando o título tradicional, do primeiro meio século, ALAGOA DO MONTEIRO, amplia-se o projeto redacional, fazendo justiça aos varões de heróica paternidade, que nos anos de 30 e 40, asseguraram aos filhos, o melhor estudo, no Salesiano, no Nóbrega, no Marista - os colégios recifenses, com algumas moças matrículadas nas Damas, no São José, no Regina Pacis, no NS do Carmo, na Academia de Santa Gertrude.

O zelo paterno por essas escolhas, o esforço familiar de sustentação, a cota superior da participação do Município, centra-se no todo das Famílias monteirenses. Sem se omitir o papel das matriarcas e o sacrifício dos que não vieram estudar, e se esmeraram em complementar os orçamentos colegiais.

As secas periódicas, a rotina ruralista, o empirismo administrativo, o banditismo, e sobretudo as rivalidades locais, ingressam no complexo doméstico, em pertubações que valorizam mais o heroísmo educador. A força civilizadora das famílias de Alagoa do Monteiro.

Sem pretensões de historiador, nem de sociólogo, embora universitariamente titulado e didaticamente realizado, o que prevelece nas páginas desta edição é um telurismo otimista, pelo clima sertanejo, é um folclorismo alegre, na colheita de tipos inteligentes, é um bairrismo afetuoso e grato, que só interessa aos conterrâneos. Mas à semelhança do que realizaram os poetas, com Jansen Filho e Severino Pinto, em depoimentos documentados, o que se anota sobre Alagoa do Monteiro, repercute no Nordeste, será lido em Brasilia, em São Paulo, no interior do Paraná, onde residem centenas de conterrâneos. E os nossos vizinhos, do Cariri, do Moxotó, do Pageú, se sentirão enlaçados pelo parentesco telúrico e genético.

O perfil de cada patriarca, dos chefes de família, há de predominar para oferecer ao livro uma unidade psicológica e ética. Porque sem recorrer a documentos, sem dispor de um complexo institucional para a interpretação sócio-histórica, o critério do perfil combina melhor com a afetuosidade do projeto. E numa região pobre, do semi-árido, na cidadezinha sem indústria nem fontes minerais, sem turismo nem rendas desenvolvidas, os seres humanos, como personalidades comunitárias realçam e vinculam.

Em **Homo Nordestinus** apliquei a metodologia tipológica, a reconstituir personalidades que conheci na metade dos perfilados, professores, confrades, amigos de projeção. No escrito a divulgar-se procuro reavivar os conterrâneos que marcaram o ambiente de minhas origens, e que explicam os percursos profissionais dos meus coetâneos. Nas seis dezenas dos que trago para estas páginas, nenhum homem público, nenhum intelectual, nenhum empresário - que na Alagoa do Monteiro, dos anos de 30 e 40, não se permitiam. Mas todos eles, os perfilados como chefes de família ou adultos de lideranças municipais, de sacerdotes a magistrados, nem todos nascidos no Cariri paraibano, a expressão genética e ética de homens saudáveis, altivos e generosos, respeitáveis, que compõem dignamente duas gerações fundadoras de uma comunidade interiorana. A comunidade que gerou e inspirou a centena de profissionais que prestigiam a Alagoa do Monteiro da primeira metade do século, como matriz de personalidades nacionais. A maioria curricularmente no Recife, onde os filhos prosseguem e procuram as razões da paternidade fecunda.

Sem aprofundar como um estudo, sem me presumir autor de mais um ensaio, incluo-me entre os conterrâneos que já escreveram sobre as suas origens, a terra e a gente de Alagoa do Monteiro, no igual tom afetivo das outras edições.

Para os dias nacionais, de perplexidade e orfandade, quando as sociedades se confundem com agrupações fúteis e os homens de prestigio, nem sempre dignificam a condição humana, o que relembramos da velha Alagoa do Monteiro, possue um significado ético e cívico, quase pedagógico. Nossas familias afirmaram-se briosas e coerentes, dentro da realidade social modesta, de gente sertaneja. Com sua honra tradicionalista e seu senso de progresso juramentado na educação dos filhos. Os varões da invocação municipal, sitiantes, fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos, um pouco desse mínimo profissional em cada vida zelosa, foram grandes na composição pessoal, que incluia o investimento exportador de talentos, para as capitais que serão anotadas. Uma grandeza genética e ética, de homens, aos quais a arte, as letras, a ciência, valiam o preço das exaustões econômicas, do sacrifício para a educação dos filhos.

Ao me prestigiar pela publicação de 30 livros, descobri com remorso que nesse itinerário bibliográfico, poucas páginas tivesse dedicado à minha cidade de Monteiro. Se no romance de estréia, o mal lançado graficamente e teoricamente descuidado,**Êxodo,** a pretensão de tudo ambientar na terra de nascimento frustrou-se com a má qualidade do livro. Se dispor da oportunidade de uma nova edição, cuidarei para que Monteiro sirva melhor ao percurso dos personagens.

Uma História de Alagoa do Monteiro apropriada ficava à experiência do ensaísta, Autor da **História do Lyceu Parahybano** e do laureado **Mestre Escola Brasileiro.** Posso ainda retomar a idéia, quando domiciliado na cidade, junto às fontes documentais tidas como precárias. Enquanto não chega essa vez, a depender da instalação de um Curso Superior, no Cariri, contento-me com a presente adição. **Patriarcas de Alagoa do Monteiro** ou Personalidades Monteirenses. Duvidei no título. Se prevaleceu o primeiro e foi no atendimento ao método histórico, de relembrança dos nomes maiores, dentro da linhagem aristocrática, proporcional ao grau hierárquico e a sedução autoritária deles. Grandes em Monteiro, para a infância do apresentador. Por outro lado o Alagoa do Monteiro, a com-

binar com essa diretriz, desde que nos anos de 30, da emersão e glória dos principais, o Município assim se denominava. E fica ampliada a área de busca e atuação dos nossos antepassados.

Incluo alguns contemporâneos, isto é personalidades de hoje. É uma homenagem aos modestos conterrâneos que se tornaram amigos recentes e formam causa comum da educação Superior. Se não havia me relacionado com os antepassados deles, que os considerem credenciados para se incluirem no livro.

Fico em dívida com as Damas monteirenses. Uma delas, minha mãe, mereceu um terço das **Memórias de um pau de arara.** Quantas foram iguais a Da. Mariquinha de Seu Alcindo? A irmã Lydia, sem duvida. As primas Toinha, Louzinha em plena forma, e uma amiga fraterna, minha hospedeira tão querida, Da. Maroquinha Santa Cruz. Da. Sebastiana, Iracema de Dr. Jayme, as jovens Paraguay, Ana e Francisquinha. Da. Filó, Da. Santa, Da. Áurea Gomes, Da. Julieta, ou essa esfusiante Maria Martins, mãe do Dr. Nilo Oliveira? Como esquecer Alice Viana, ativa prestativa aos 92? Merecem algumas páginas em Anexo.

Os Patriarcas firmam-se na mente do Autor, numa retrospectiva da Infância e da Adolescência. Para a Infância tudo é maior. Há grandezas ingênuas, em projeções mitológicas. Se um livro sobre Monteiro, o otimismo e a generosidade dos julgamentos. Seria cruelmente impróprio um rigor crítico de historiador. Perfilo segundo um critério de estimas. O mesmo que presidiu o ensaio **Homo Nordestinus.** sem a erudição e o emguadramento intelectual, da personalidade de jornalistas, escritores, acadêmios, meus colegas, meus mestres. Aqui distingo os que negociavam com o meu avô Manuel Joaquim Raphael, ou a ele serviam. Os clientes do farmacéutico Alcindo Menezes, meu Pai, os amigos e convivas, das conversas vespertinas na Farmácia São Francisco: Andrelino, Jayme, Marcolino, Dr. Joca, os do cotidiano alegre, dos anos de 30 e 40. Personalidades comunitárias, de fazendeiros, a Sizenando, a Napoleão, a Pedro Mariano, a Tobias Mayer, a Cícero Nunes. Autoridades: os Prefeitos, os Magistrados, os Párocos. Artistas e artesãos. Esportistas, os Professores, os Médicos.

Sempre se esquece alguém. Fico na defensiva, quando o escrito demarrou sem anotações e se cumpriu em dois me-

ses. Não é um ensaio. É um texto memorialístico, objetivando reverências, gratidões, lembranças efetivas dos que fundaram Alagoa do Monteiro, na primeira metade do século. Fundaram a sociedade da qual brotaram tantas personalidades distintas, prestigiadas no Recife, em João Pessoa, em Brasília, no Rio, em São Paulo, no Paraná. Não teria sido impróprio se tivesse redigido estas páginas a partir dos evidentes de hoje. Para explicá-los. Houve quem me sugerisse um tal método. Preferi a ordem do memorialismo. Da invocação pessoal, com as repercursões da Infância. Sobre a Infância, quando uma centena de adultos realizados, combinavam experiências e recursos, para colocar os filhos nos colégios do Recife. A singularidade dos monteirenses aqui se define. Nos filhos a oportunidade do melhor ensino. Aos filhos o diploma Superior. Nas cidades vizinhas, não aconteceu com a extensão e preocupação do tempo monteirense. Patriarcais são esses cidadãos de classe média, comerciantes, agricultores, funcionários públicos, motoristas, mecânicos - nem todos ricos portanto. Se uma dúzia ostentava um padrão social mais alto, por ser bacharel ou médico, por ser dentista ou farmacêutico, na maioria o cidadão esforçado, consciente do que investia com a educação do filho e pronto para se equiparar aos abalisados. Havia uma honra cultural, bem mais do que uma competição vaidosa. E na hora de madrugar para o trem, de preparar o enxoval, de comprar livros, de escolher o colégio - todos se igualhavam. Nas notas as diferenças, e as surpresas: nem sempre os filhos dos mais abonados eram os melhores alunos.

Nos anos de 30 e 40, no Colégio Salesiano, a colônia de Alagoa do Monteiro, ultrapassa Caruaru, Garanhuns, Campina Grande. Logo se dizia que a razão estava nos bons colégios locais. Mas o Recife se impunha como capital, onde os estudos abriam as portas das Faculdades. Por outro lado, Alagoa do Monteiro vencia Pesqueira, Arcoverde, Serra Talhada, Goiana, Palmares. E nenhuma cidade do Interior Paraibano nos superava. Em número e em qualidade.

Primeiros nas aulas, nos esportes, nas artes, nos concursos, na alegria de estudar, na solidariedade municipal. Por que? na personalidade dos Patriarcas, a resposta. Pelo menos para um começo de explicação. Porque há os que invocam o clima, as àguas, os minerais do solo, a alimentação. Tudo isto

se incorporara no composto biótico dos nossos pais. Os nossos padrões genéticos são preciosos. Dai a longevidade do monteirense, em média altissima no recensseamento de 1970. Seria bem acima, se recensseada a cidade em 1938, um ano consistente do bem estar comunitário de Alagoa do Monteiro.

Como sucedeu com a Grécia, esgotaram-se as personalidades e a Natureza ficou? O clima, as águas, a luminosidade, o solo, a topografia, se é a mesma por que não as vocações, os talentos, a saúde mental? Ingressaram fatores comprometedores. Primeiro o excesso de população, a cidade quintuplicada em 30 anos. Em seguida, o impacto tecnológico, das estradas, dos transportes, das mídias. A tv faz muitos estragos, pela música ruidosa, pelas novelas hipócritas, pela violência que comanda noticiários e espetáculos.

Patriarcas... em Alagoa do Monteiro, são primeiramente os pais que se preocupam com o destino dos filhos e tudo investem neles, a partir da Educação. Do ensino nos internatos do Recife.

Em seguida, cabem no título - e no histórico da cidade - as autoridades, os tipos carismáticos, os grandes proprietários rurais, como os motoristas, operários, professores primários que contribuem para o bem estar social, sempre referido ao destino juvenil.

Distinguimos os Patriarcas efetivos, os que constituiram família, nascidos ou não em Alagoa do Monteiro, e se demoraram o tempo da procriação dos filhos que irão estudar. José Faustino Vilanova, por exemplo, passou doze anos em Monteiro, e através da sua arte e da sua afeição, superou seu prazo de hóspede em preocupações de cura, na cidade sanatório. Mas através dos seus filhos o engajamento esportivo, literário. Por Lourival, um modelo de estudante para toda uma geração. Os Patriarcas Por Benemerências compõem-se de Magistrados, de Párocos, de Professores, em escalas aprazadas. Sem eles não se esclareceriam os propósitos, não se instrumentariam os adolescentes, para a matrícula ginasial.

Precisamos manter no critério de reconstituição de cada tipo, a consciência comunitária. A qualificação complementar dos contemporâneos. Como contribuiram para o rendimento escolar dos adolescentes, a partir do que realizavam de positivo na cidade.

Assim invocaremos as virtudes dos párocos, a sabedoria dos magistrados, didática dos mestre-escolas. A coragem de um visitante enfermo, com suas lições de vida.

Nem todos os Patriarcas efetivos matricularam os filhos no Recife, na caminhada privilegiada do êxito profissional. Mas em muitos, alguma coisa a somar para esse processo: no motorista que nos conduzia de madrugada para apanharmos o trem; no mecânico que cuidara do veículo; no sitiante que fornecia o leite e a ave; no fazendeiro próspero pelo árduo trabalho. Sem filhos um Sizenando Raphael é uma personalidade modelar. Por tudo que realiza com caprichada devoção, por inventiva habilidade. A música e os esportes municipais imcluem-se. Como os violeiros e os poetas. Termos sidos contemporâneos de Severino Pinto, o cantador mais famoso na segunda metade do nosso século, é uma glória com o seu mestrado. Saber utilizar a imaginação, apostar nos dons inatos, acreditar nas intuições populares são etapas da aprendizagem. E somam para a Democracia.

Os Patriarcas, em regra possuem nível primário de instrução e leituras atualizadoras. Na Alagoa do Monteiro de 1940, há uns 40 assinantes do "Diário de Pernambuco", outro tanto da revista "Seleções". um terço de "O Cruzeiro". Bibliotecas particulares, como a do Promotor Mário Campelo e do juiz Agricola Montenegro, organizam-se em milhares de volumes. Na casa de Jayme Menezes, há enciclopédias, franqueadas aos jovens.

O denominador comum da categoria: a saúde mental. Todo Patriarca monteirense é um homem lúcido e confiante, astuto e bem humorado, com seu senso do tempo e sua conciência histórica. Principalmente bem dotado de uma energia vital que começa com a virilidade e se expressa com uma vontade lúcida de brigar por seus objetivos. Sem traumas, sem dramas. Essa gente assim sadia, límpida e corajosa, de afirmativo gosto de viver e de servir, compôs o homem nordestino. Não há neles pederastas e imbecis, nem viciados de drogas, nem profissionais do golpismo sórdido. Nem tímidos, nem preconceituosos. Há uma raça de homens.

O nordestino, que hoje um jornalista canalha como Paulo Francis, gay confesso e agente das multinacionais, o nordestino denunciado como incompetente e neurastênico, raquí-

tico e debilóide, nega essa calúnia infame, num apanhado municipal dos nossos antepassados. Em outros livros argumentei com a legenda de intelectuais, empresários, homens públicos, nascidos no Sertão, a área castigada pelas secas, de população de muitas carências. Lembrei para Pernambuco, Agamenon Magalhães o Cardeal Arcoverde, os escritores:

Zeferino Galvão, Ulysses Lins, Luiz Wilson Ferraz. Para a nossa Parahyba, de um Epitacio Pessoa a um Assis Chateaubriand, do semi-árido de Umbuzeiro. Do Alto Sertão, um Celso Mariz, um Coriolando de Mederios, o maestro José Siqueira, o escritor Ascendino Leite. O homem público e incomparável orador Alcides Carneiro. Os grandes bispos: Carlos Coelho, João da Mata, Fernando Gomes.

A geração dos grandes cearenses, pioneiros de nossas letras é toda interiorana; O Interior do Ceará é todo Sertão, terra de Clovis Bevilaqua, Capistrano de Abreu, Farias Brito.

Alagoa do Monteiro comparece em nossa contemporaneidade com nomes ilustres. De inteligências fulgurantes. Que se realizaram como Reitores e professores no Recife, como Ministros e jornalistas em Brasília. Se optarmos pela citação dos pais, pelo perfil dos pais estaremos em missão cultural mais apropriada. Em método justo e historicamente correto.

Numa Primeira Parte uma Apresentação das Familias Monteirenses. Os Patriarcas somente serão compreendidos no contexto de suas matrizes e dos seus enlaces. Sem fólego documental para uma síntese segura, irei lembrar origens, características dos agrupamentos domésticos fundadores de Alagoa do Monteiro, sem compromissos com a densidade e o perfil histórico. Em preliminares do que anuncio como Patriarcas da Alagoa do Monteiro. Para que mais nítida fique a personalidade dos escolhidos pelas visões da Infância e da Adolescência. Com legítimas extensões - e invocações - de uma contemporaneidade agradecida.

Monteiro, dezembro de 1992



A Igrejinha antiga e Os Patriarcas.

Primeira Parte

FAMÍLIAS TRONCOS

Assim como o Alto Sertão da Paraíba procede socialmente de entrocamentos familiares Cearenses, o Cariri é Pernambucano. Sobre Alagoa do Monteiro convergiam os nascidos em Pesqueira, Belo Jardim, São Caetano, Caruaru, região agrestina e muitos outros das ribeiras do Moxotó e do Pageú. É mínima a presença genética de litorâneos da capital, embora descendentes de portugueses, holandeses e franceses, tomem parte no complexo societário monteirense.

Para explicar as origens e inclinações dos Patriarcas de Alagoa do Monteiro, obrigado estou a mencionar os núcleos domésticos, basilares da sociedade que, na primeira metade do século xx passou a exibir características próprias.

As lutas de 1912, conflitos locais que iriam possuir repercussão nacional, envolvem Santa Cruz, Neves e Bezerra. Os grupos consanguíneos conflitados não se solidarizam em blocos compactos. O Doutor Augusto, principal figura da rebeldia municipal só contará com os seus irmãos na hora da defesa. De arma em punho arrasta amigos e convoca capangas. O mesmo se dirá dos Neves, que retirados nos principais, deixam na cidade, sem envolvimentos os mais modestos. Por sobre os Bezerra, não me consta que Mariano ou Aristides tenham sido sequestrados com o Cel. Pedro, chefe político de Alagoa do Monteiro. Por isto os incidentes de 1912 não perseveram. Não haverá como em Exu ou como em Garanhuns, uma rivalidade secular de famílias monteirenses. O esquentado idealista Dr. Augusto Santa Cruz, nos anos de 30 iniciará carreira de Magistrado em Pernambuco, ao lado do Dr. José Ne-

ves, filho do monteirense a quem expulsou da honorifica função. Ambos cumprirão com exemplar competência - e serenidade - o ofício distinto e útil.

Se os Santa Cruz vieram de Alagoas, terra de gente aguerrida, os Neves são monteirenses autênticos. Eles criaram a povoação de São Sebastião do Umbuzeiro, no déculo XIX, e se distinguiram na séde, num enraizamento familar municipal. Os Torres procedentes de Pesqueira, onde também se fixaram. Há portanto um fronteirismo ecológico, ao lado do consanguineo nas origens de Alagoa do Monteiro.

Tão carismático era o Dr. Augusto, que mesmo com poucos descendentes, inspirou o uso familiar do seu nome. Entre os Santa Cruz, de hoje, há compadres, admiradores, e nem sempre parentes do revolucionário bacharel.

Os Torres pacatamente assumiram no final do século XIX, a composição sócio-politica de Alagoa do Monteiro. Francisco Torres contava ter chegado à beira do Parahyba, nas costas de um jumento, num caçoá que se equilibrava com outro irmão criança. Teve fortes razões para ir à luta contra o Dr. Augusto, na defesa da honra familiar. Assistido pela esposa, piedosa, e realista, deixou de lado a vindicta e penitenciou-se com rigor, deixando a vida pública de começo esplendoroso. Segundo Agenor Lafayette, o Cel. Francisco Torres possuia imensa sensibilidade fraterna e segura visão de negócios. Por tais virtudes conduziu o modesto jovem do Sítio Cacimbinha, a se tornar no próspero comerciante e grande patriarca Joaquim Lafayette.

Os Torres inauguram em Alagoa do Monteiro a administração pública, as aulas e as famílias troncos. Torres Raphael, Torres Gomes, Torres Santa Cruz, Torres Ventura, Torres Lafayette, Torres Simões, Torres Mayer, Torres Alcântara. Os Alcântara são portugueses. Da. Leonor, esposa do Cel. Francisco Torres considerava-se portuguesa. Mas os Alcântara não influirão tanto nos destinos de Alagoa do Monteiro. Representaram-se modestamente nos enlaces com os Guerra, os Viana, os Feitosa. Raphael é um nome histórico na cidade. Um sobrenome que procede de Pernambuco. Duplamente. Há um marco consanguineo em Escada, na Zona Sul do Estado e outro na ribeira do Pajeú. Desta sairiam os irmãos Paulino e Manoel Joaquim. Paulino reinará na Fazenda Varzinha, com seu

estro de chefe político em Afogados da Ingazeira. Cinco das suas filhas, ganharão Fazendas e pelo dote conjugal manterão posses e tradições da família. Manuel Joaquim Raphael torna-se o patriarca mais festejado da Alagoa do Monteiro dos anos de 20, 30 e 40. Sem jamais ter as envolvido em política, desfrutou de um prestígio sem igual na comunidade que muito ajudou a fundar. Como comerciante, agricultor, industrial, prestador de múltipla benemerência. As filhas se casaram em famílias que alimentariam o processo de unificação da cidade: Nana, com um Feitosa Ventura; Jove, com um Ferreira Gomes; Lídia com um Freitas Mayer; Maria das Dores, com um Bezerra de Menezes; Laura com um primo do Pajeú. Dos 40 netos que o Cel. Raphael conheceu, todos frequentaram colégios e se diplomaram, numa média gloriosa para a gente de Alagoa do Monteiro. O avô patriarcal que exigia dos casais de suas bençãos, o domicílio monteirense, completou sua obra exigindo deles a educação dos seus netos.

Os sobrinhos Andrelino e Sizenando, apesar de não terem procriado, acrescentam ao estro da familia Raphael em Alagoa do Monteiro, uma cota de serviços, ao lado do que na personalidade de ambos havia de simpatia e cavalheirismo.

Os Dantas inauguram no Municipio a categoria doutoral. São Paulo e Pedro II Fazendas Sedes dos primeiros monteirenses portadores de diploma de Curso Superior. E nas suas irradiações genéticas, os Dantas prestigiaram Alagoa do Monteiro, sempre decididos e cordiais. De uma estirpe que a Paraíba hoje recupera, após os equívocos de 30. Corajosos homens públicos, os Dantas tiveram no Dr. Franklin o Deputado Presidente da Assembleia Legislativa da Paraiba. Um monteirense Histórico, portanto. Os Gomes, de Olympio, Victor, Janjão - os que se consorciaram com monteirenses, procederam de São Caetano, para o Pajeú, onde a Fazenda Caiçara recompôs o grupo fragmentado por divergências no Agreste pernambucano. No Apêndice sobre as Damas Monteirenses invocaremos as filhas do fazendeiro Ferreira Gomes da Caiçara, cujas virtudes maternas definiram a sociedade de Alagoa do Monteiro das primeiras décadas do nosso século.

Os Nunes, de Bomfim, na fronteira com Pernambuco, cumpriram missões ruralistas que os patriarcas pontualizaram, em apoios para a educação dos filhos.

Os Bezerra de Menezes, de Carpina, vieram com os pais mestre - escolas para Alagoa de Baixo. Ao se consorciarem em Alagoa do Monteiro, Alcindo e Jayme, compõem uma dupla de alta representatividade do meio século vivido no Cariri paraibano. Distrito de Buique.

Japiassu é uma gente de alto nível da Pedra. Um Japiassu administrou Arcoverde, cuja Avenida principal tem o nome histórico de Antonio Japiassu. Vieram para São Tomé e daí para Alagoa do Monteiro, sede municipal. Enlaçados aos Mayer e Gaudêncio, os Japiassu prolongam-se no Cariri paraibano.

Falcão é outro nome ilustre de Pernambuco. De Floresta e Pesqueira. Francisco Cândido, um dos , nossos patriarcas acompanhou-se de irmão e sobrinhos. Totoinho, Aldo, Pindoba, Alberto - são personalidades vinculadas a Monteiro. A genitora de Djair Brindeiro, um dos primeiros médicos e dos mais ilustres monteirenses no Recife, era da família Falcão.

Os Brito de São João e São José do Cordeiro, também se afamiliaram a Alagoa do Monteiro. Os Freitas e os Quintães ilustres no Congo, e ilustres em Sumé e Monteiro.

Os Feitosa, de tão aguerrida presença nos pleitos políticos, com suas divisões locais, Ignácio versus João, procedem dos Inhamuns cearenses, onde se obrigaram a migrar por desavenças que fizeram história. No entanto o mais pacato e pacificador dos monteireses, o Desenbargador Feitosa Ventura pertencia ao clã. Batista Malaquias, líder político e fazendeiro próspero, de filhos inteligentes, vinculava-se aos Feitosa, de São Sebastião do Umbuzeiro.

Os mais antigos filhos de Alagoa do Monteiro pertencem ás famílias Souza, Branquinho, Simões e Bezerra. São contemporâneos do Antonio Monteiro que deu o nome à Vila de 1835.

Os Lafayette iniciaram-se modestamente Pereira, no Sítio Cacimbinha. Amaro Lafayette, um raro talento, comandou o prestigio familiar. Por assinaturas de 109 personalidades municipais, propunha-se em 1938 a indicação do Tabelião Jayme Menezes para Prefeito de Alagoa do Monteiro. Não houve resultado político correspondente ao abaixo-assinado, porém ficou nesse documento uma imagem impressionante da sociedade monteirense. A centena de cidadãos em pleito cívico, expressava um complexo social respeitável. Por isto, no ano, ha-

via em colégios recifenses e em academias, um estudante por cada líder do documento. Aproximadamente, o que nos conferia uma distribuição democrática, em reforço dessa proporcionalidade lúcida.

Em resumo: Ferreira, Bezerra, Souza, Neves, Alcantara, Dantas, estão entre os sobrenomes precursores da sociedade de Alagoa do Monteiro. O fundador não deixou descendentes e pouco se sabe a respeito do fazendeiro que inspirou a nominalidade do bebedouro dos animais em trânsito para o litoral, em anos estiados. O manacial que não resistiu à seca de 32 denominou-se secularmente Lagoa do Seu Monteiro. A partir de 1940, ficou evidente a inatalidade. Daí o resumido Monteiro. Secamente...

Os forasteiros bem acolhidos, que se credenciaram pela inteligência e pelo caráter a esse acolhimento, irão somar mais no modelo do patriarca educacional, ou de efetiva atenção com a matrícula dos filhos nos colégios das capitais. Eles se habilitam à monteirensidade, realmente aclimatados, a partir do vínculo afetivo com a dama que esposam. Observe-se que há um só Falcão, Francisco Cândido; um só Japiassu, Cazuza, um só Inocêncio, o de Almeida; um só Cesar, o de Melo, um só Pedrosa, o futuro Fiscal do Consumo, um só Brito, Alexandre da Silva, um só Formiga, o Telegrafista, e os irmãos Bezerra de Menezes - todos consorciados com monteirenses enraizadas no patriarcalismo que vai convertê-los. De tal forma que nos anos de 40, dois terço dos jovens em distinções, possuem um pai incorporado, radioso e útil, na vida de Alagoa do Monteiro.

Não se há de esquecer o percursso histórico de João Santa Cruz, Francisco Torres, Vicente Ferreira, e Manuel Joaquim Raphael que se situam-se em Alagoa do Monteiro na segunda metade do século XIX, e lideram no século.

A cidade nascerá de um entrocamento de caminhos e famílias.



Os velhos Patriarcas e os seus Netos.

Segunda Parte

PATRIARCAS EFETIVOS

ADAMASTOR NEVES

Modesto em tudo, na profissão de alfaiate e na convivência suave, longe estava dos dias tensos dos seus tios, envolvidos pela batalha municipal de Neves versus Santa Cruz que se tornou tema nacional. Homem doméstico, no ajustamento com Da. Julieta, a admirável dama de família Batista, que habitara em Sítio e apenas se ilustrara com as primeiras letras.

O casal Batista Neves procriará uma meia dúzia de filhos que representam a média melhor da família monteirense. Educados com base na religiosidade da genitora, assistidos pelo caráter do pai, Yedo, Wanda, Carlos, José Neves tornaram-se adultos, constituiram-se profissionais de nível superior, a partir das lições paternas. Em Yedo um histórico escolar que merece registro. De auxiliar na Farmácia São Francisco, onde escutava os debates dos pontuais convivas do farmacêutico Alcindo, partiu para os cursos de recuperação no Recife e em São Paulo. Diplomado em Direito, aprofundou-se na técnica Jurídica, publicando livros que chegam à dezena, com suas reedições nacionais. O alfaiate Adamastor Neves não se privilegiou da longevidade dos patriarcas monteirenses. Não assistiu a glória dos seus filhos que Da. Julieta acolhe com a meiga gratidão da dama católica.

Adamastor Neves apreciava a música, compunha e tocava clarinete, nos saraus de 30, na banda municipal, no seu laser doméstico. Deu a Alagoa do Monteiro o toque artístico de sua bela alma. E não duvido que esse dom musical, essa cota sinfônica, tenham contribuido para a saúde mental dos seus descendentes privilegiados.

No amanhecer monteirense de Da. Julieta Neves, a caminhar três quilometros, na Praça João Pessoa, o perfil de Adamastor que tinha na Praça a sua sala de trabalho é invocado com saudade, sob o fundo musical que as retretas guardaram. Dos bons tempos da Alagoa do Monteiro do bom Adamastor Neves.

O FARMACÊUTICO ALCINDO MENEZES

Nas viagens de estudante nascido, em Carpina, a passar as férias com os pais, professores em Alagoa de Baixo, conheceu o jovem acadêmico de Farmácia, a adolescente Maria das Dores, aluna das Damas no Recife. Para se consorciarem exigiu o Cel. Raphael o domicílio monteirense. Assim procedia patriarcalmente. O jovem farmacêutico concordou com as regras familiares, e veio a instalar-se na Alagoa do Monteiro de 1917. Onze filhos nasceram do casal, nove criados, e bem encaminhados na vida pelo Dr. Alcindo, austero e operoso. Intermediário entre os empíricos e os doutores, tornou-se imensamente útil a formular, no que aprendera com Amaro Lafayette, a receitar, por conta dos seus mestres recifenses.

Fazia pequenas cirurgias, encana braços, sarjava tumores, partejava. Estimado por essas perícias e pela sobriedade do seu patriarcalismo, conduziu Alagoa do Monteiro, nos quatro anos de uma administração municipal das mais aplaudidas. Não quis porém prosseguir na atividade política. Encerrado o ciclo getulista recolheu-se às suas manipulações, aos frascos e receituáarios da vocação. Teve tempo para criar gado e plantar algodão. Pioneiro ao lado do irmão Jayme Menezes, em forrageiras de palma, capim, algaroba, também iniciou o plantio da agave no Cariri paraibano.

Aos 74 anos, em plena faina dos seus diversos ofícios, enfermou e veio se tratar no Recife, tardiamente. Se zelara pela saúde de milhares, menosprezou seu próprio bem estar e faleceu na capital pernambucana. A esposa Maria das Dores, completaria o ciclo da longevidade sertaneja, a contribuir para que os filhos permenecessem unidos e estimassem Monteiro, como o pernambucano Alcindo Menezes estimou e serviu por meio século.

ANDRELINO RAPHAEL

Um patriarca sem filhos, como o irmão Sizenando, e no entanto cidadão educado, prestativo, presente na Alagoa do Monteiro dos anos de 30. Figura de modos aristocráticos, de bom gosto no vestir, de comodidades urbanas, caprichoso no carro do ano que causava admiração e produzia comentários sobre sua riqueza, Andrelino Raphael sabia aproveitar a vida. Se não possuia filhos porque economizar? A fama de avarento aqui se dissolvia, não era um gastador, nem um festivo, nem muito menos um perdulário.

A ninguem incomodava e a uns raros amigos servia sem exibir-se. Proprietário da Fazenda Mata Verde, parte da herança que lhe coubera, por consórcio com a filha do Cel. Paulino, também na Varzinha atuou, a preservar o patrimônio famoso do Coronel do Pajeú.

Refinado, dispunha de coleção de discos com eletrolas da época, e era bom no clarinete, no seu lazer de matuto.

Mas não esquecia o Recife, aonde viajava cada mês, hospedando-se no Hotel Caxias, com privilégios de um freguês distinto. Viajava de carro, no seu automóvel do ano, com o motorista de sua confiança. Fez escola deles, de um Jonas a um Pedrinho Chaves, a se profissionalizarem no Recife, com a oportunidade das viajens de Andrelino. Visitava os sobrinhos e primos, nos internatos e nunca se negava a trazer encomenda para os colégios, como a conceder bigús, se coincidissem os começos das aulas ou as benditas férias.

Discreto, tímido, de palavra sussurrada, não se afastava do convívio amável, e na Farmácia São Francisco era dos mais assíduos.

Facilitou a vida de muita gente, com seus modos gentis e deu ao melhor tempo monteirense, a sua presença de um homem fino e pacífico, vocação de citadino, talvez parisiense.

O DESEMBARGADOR FEITOSA VENTURA

Da vila de Umbuzeiro, precisamente São Sebastião de Umbuzeiro, para a Magistratura paraibana, a vocação de julgador, do altivo e austero Dr. Antonio Feitosa Ventura. Contemporâneo dos Santa Cruz, na Faculdade de Direito do Recife, pautou-se o filho do Município de Alagoa do Monteiro como uma personalidade serena e segura, de pacificador. E sua realização profissional aconteceria nas Comarcas inflamada, de Princesa, de Souza, nos anos dos coronéis arbritários que por vezes se extralimitavam no comamdo de bandos armados, o que significava cangaceirismo.

Patriarca clásico, pela família numerosa e pelo dominio moral, o Dr. Feitosa Ventura, compartilhou a sua liderança doméstica, com a admiravel esposa Da. Ana Raphael. Representa por isto, o casal a transição civilizada, entre o estilo tradicionalista do marido imperioso e da esposa submissa. Casado na família monteirense de maior prestígio, o juiz atendeu ao principio do rodísio profissional e se foi de Comarca em Comarca, aonde os filhos iam nascendo. Nenhum deles natural de Alagoa do Monteiro, e no entanto todos eles afeiçoados, orgulhosos até das origens paternas. O futuro Desembargador velava por essas vinculações e não deixava de passar as férias forenses entre os seus conterrâneos.

Personalidade lúcida, de composição intelectual jurídica, um dos primeiros doutores da terra, soube o Desembargador Antonio Feitosa Ventura, fazer história honrando Alagoa do Monteiro.

ANTONIO VELHO

Da família Bezerra da Silva, o modesto rapaz nascido no Sitio Barra Nova, sem oportunidades escolares deu a Alagoa do Monteiro das últimas décadas, a utilidade de um servidor empírico da saúde.

Instalou Farmácia, após anos de auxiliar. Habilitou-se em receitar a população pobre, aliviando as filas dos postos públicos.

Simples e gentil, manteve seu estabelecimento droguista em nível de sortimento proporcional às exigências da cidade, e contou com os familiares para alongar o expediente de serventia.

A cota patriarcal de Antonio Velho fez-se maior e apropriadamente, com os filhos que soube criar, afeiçoados e responsáveis, a maioria deles se diplomando em Cursos Superiores.

No Banco do Brasil, em repartições públicas, em colégios, a carreira distinta e eficaz dos filhos de Antonio Velho, Antonio Bezerra da Silva, um cidadão correto, honrado, seguro em suas opiniões e em suas decisões, com suas amizades e suas influências, com sua profissão popularizada, sem contagens nem demagogia.

Pelo esforço em progredir, pela autodisciplina de um lutador, oriundo da condição modesta de camponês sem prosperidade, sem letras, Antonio Velho é um exemplo do talento sertanejo que se conscientiza e investe com bravura, na busca de uma vez social.

Vez social que os filhos alcançam nas distinções mencionadas, a orgulharem o devotado pai e aos seus conterrâneos de Alagoa do Monteiro.

ANTONIO BEZERRA

De família tradicional, dos mais enraizados monteirenses, Toinho Bezerra é um comerciante modesto que vivera em função dos filhos. A princípio associado ao irmão Nestor, habilita-se em ramo autônomo e é visto a conduzir os filhos, numa paternidade minuciosa, afetiva e preocupada. Ruma cedo para o Recife quando exaure suas economias para o custeio dos internatos. Admite-se em qualquer atividade para assegurar aos seus descendentes a melhor educação.

Contara com a ajuda dos cunhados já vitoriosos na capital pernambucana. Mas é visto a madrugar para atender á freguesia de um bar, no Bairro da Madalena.

Tanto luta e tanto investimento, cedo recompensam ao bom pai Toinho Bezerra, que vai garantindo os estudos dos filhos mais jovens por conta dos primeiros ganhos dos que se empregaram.

E conta com o espírito doméstico, de ordem e poupança, da admiravel Da. Nair, esposa de predicados apropriados aos intentos do casal. Mantém Toinho Bezerra vinculações com Monteiro, sempre a se imaginar em retorno feliz, após o cumprimento da missão paterna.

Enfermo aos 60, em tudo semelhante aos irmãos Euclydes e Nestor. Falece cercado da família que o conforta pela aproximação dos seus objetivos, objetivos de um patriarca menor, na tradição abonada de Alagoa do Monteiro, porém a deixar em posição profissional, conceituados e realizados: Cleia, no Magistério; Isnar e Ivan administradores; Paulinho, Engenheiro. Engenheiro que completa seu currículo na Alemanha, ciente dos começos modestos e difíceis do devotado pai.

Em todo o histórico de Antonio Bezerra, seu Toínho, a coragem, a perseverança, o sacrifício do cidadão de Alagoa do Monteiro.

O VELHO BIRA

Nas rodas esportivas de Alagoa do Monteiro, no polêmico futebol de pelejas esquentadas, um craque perseverou sóbrio e elegante, em sua vivacidade de craque: Bira. Ninguém questionou o apelido, numa época em que não se abriam fichários nem se distribuiam carteiras. Bira, Doca, Maninho - três dos melhores futibolistas dos anos de 50, realizaram-se em profissões honrosas, cuidaram dos filhos, obtiveram para eles estudos nas capitais.

Bira está entre os mais afortunados. É um patriarca monteirense, famoso pelos seus dribles e chutes, na condição de center-fó. Um goleador se dirá hoje. No modesto ofício de ferreiro, ao lado de Saguim e Preto, se muito cuidou para manter a forma e durar no malabarismo com a bola, não esqueceu seus deveres na família.

Um dos seus colegas, Zé Pretinho, é pai de trinta moleques, como costuma dizer. Exagerou o marchante que nunca se distinguiu no futebol, embora atuasse viril, colaborando para a escola de craques.

Hoje dá conta da numerosa prole. A moderação de Bira estilizou uma paternidade de meia dúzia e alguns dos seus descendentes, valorizaram-se em carreira de bancário, com seu curso de Contabilidade feito em João Pessoa. Na personalidade de Bira, a homenagem aos pequenos. Aos patriarcas sem títulos, sem posses e que, na estima a Alagoa do Monteiro, na fidellidade ao lar, pedem vez nos perfis patriarcais.

Bira, sem jamais ter possuido um palmo de terra, movimenta-se cada ano, à procura de um roçado que complete o seu gosto de ruralista. Nunca consegue área superior a um campo de futebol onde reinou, aplaudido, carregado pela massa, em tardes de glória.

Cumpre ao setenta e cinco anos, o ritual dos seus ancestrais, de enxada no ombro rumo á semeadura, após as primeiras chuvas.

Ninguém tão realizado nessa expectativa de safra, da pequena colheita que o craque sonha na sua velhice. Sem bola, porém com grão.

SEU CAZUZINHA

José Gomes de Oliveira, um patriarca radical, nos seus excessos de família e nas exigências das diversas profissões. Homem enérgico, sizudo, criou uma dezena de filhos de duas esposas ternas e inteligentes. No latoeiro e no panificador, as marcas de uma rotina que fazia sofrer ao homem bom de preocupações exageradas.

No entanto fez amigos, e os filhos se realizaram no mais variado das oportunidades. Que o pai jamais intuiu nem cobiçou.

Do quarto estreito aonde cortava e soldava metais, para o balcão da padaria, em esquina comercial, o Seu Cazuzinha foi sempre o profissional zeloso e respeitado, com seu ar de pouca conversa e sua energia incansavel. Na panificadora, madrugava e anoitecia, sem tréguas para o almoço.

Os filhos não haveriam de suportar o autoritarismo desse comando imutável e começaram a sair de casa, na medida em que as forças permitiam. Caso singular: obtiveram títulos, diplomaram-se, bacharéis, militares, dentistas, numa sequência de impressionante recuperação, para o retorno vitorioso, de visita ao pai a finar-se sem remorso. Em nenhum deles a menor mágoa.

Pelo contrário, conduzem um bairrismo monteirense, no Paraná de Thiago, no Rio Grande do Sul, do filósofo José, nas diversas regiões onde Ovídio serviu. De Ponta Grossa o cirurgião dentista Thiago Gomes, corresponde-se com os monteirenses e sonha em voltar à sua terra. O farmacéutico Alcindo Menezes soube prever a potencialidade dos filhos do compadre Cazuzinha, empregou Alcides, orientou cada um deles na hora da demarragem, e visitou o velho de insatisfações crônicas. Nas duas esposas de Cazuzinha a explicação dos dons da dezena que obteria as láureas profissionais. Mas ninguem está autorizado a menosprezar a operosidade, o senso de economia, a sobriedade e a sizudez do honrado José Gomes de Oliveira , um patriarca sem brilho, sem pôse, sem lazeres, porém um honrado cidadão monteirense, glorioso como os grandes patriarcas, na retrospectiva dos filhos realizados.

CRISPINIANO

Um fótografo sem filhos, procedente de Rio Branco, abre seu modesto laboratório, arruma a máquina, e pontual se faz nos casamentos, nos batizados, nas solenidades públicas.

Na cidade doméstica a documentação dos atos solenes, das bodas, dos encontros festivos, como dos fúnebres, tem significado maior. Procura-se deter a vida, em técnicas de recordação.

Crispiniano está em todas. Não lhe sabemos o sobrenome. É Seu Crispiniano, o Fotógrafo.

Ordena paciente o grupo, procura a angulação melhor, examina ventos e luminosidade, como um cineasta matuto. Possue gosto do detalhe, é um profissional completo.

Coleciona. fotos da velha Monteiro, dos arruados míninos, sem graça, flagrados da torre da igreja ou de algum sobrado estão na casa de Crispiniano. Por eles ficamos orgulhosos do crescimento urbano, das melhoras em avenidas e praças, que os prefeitos Ageu, Silveira, Alcindo, Ignácio, Cesar, cuidaram numa sequência rara. Para se chegar ao porte urbano da nossa vaidosa usufruição.

Fixando no papel as personalidades, os sizudos patriarcas, a Delfino Mendes ou a Francisco Cândido, os alegres Joaquim Lafayette e Cícero Nunes, o Andrelino e os elegantes Nestor, o modesto Joaquim Romão - ficamos a dever a Crispiniano a história da cidade pela fisionomia e porte dos seus maiores.

Na Fazenda Varzinha, um casamento de 1932, documenta a melhor sociedade de Alagoa do Monteiro, a única que adqueria consistência. São cinco ou seis dezenas de casais, com outro tanto de jovens e crianças, numa foto histórica.

Crispiniano deixou para Alzira Simões, monteirense de raízes, o vasto acervo de sua atividade de fótografo exímio, no tempo do preto e branco. Ali estão nossos pais e avós, nossa cidade em cada década, nossa infância encerrada. O fótografo se fazia estimar, por sua arte e sua educação, com a dignidade e a solenidade dos retratados.

Por isto se inclue entre os Patriarcas de Alagoa do Monteiro.

CLÁUDIO LEITE

Sem dispor de linha ferroviária, com que nos obrigava a madrugar para o trem em Alagoa de Baixo, a velha Monteiro sempre dependeu de uma frota particular de caminhões. Jamais se agruparam em classe, imersos na comunidade que neles confiavam e da qual tiravam o sustento para a educação. Joaquim e Paisinho Romão, desde os anos de 30. Cláudio Leite aprecearia inaugurar o asfalto.

É uma personalidade de operário lúcido, com os filhos bem dotados para a liderança comunitária e cargos públicos relevantes.

Mecânico habilidoso, instalou oficina a prestar serviços confiáveis que atraiam clientes das cidades vizinhas.

E no caminhão se mantinha em forma, apesar da diminuição das mercadorias.

Exigido pela idade, para moderar, passou a prestar sua cota profissional de motorista ao Banco do Brasil, conduzindo malotes e funcionários para os Postos dentro do Velho Monteiro.

Um cidadão operoso, de incansavel pontualidade, exímio motorista e mecânico atualizado, um mestre na sua área, que dispõe de tempo para os familiares, a passear com os netos, a inventar pequenas engrenagens para a diversão deles.

Não esquece a agricultura, gosto e lazer de todo sertanejo. Planta nos meses de invernada e se colhe presenteia aos amigos.

Brincalhão, imrreverente, picante, como é normal aos do seu ofício, Cláudio Leite de certa forma encerrou o cíclo dos proprietários de caminhão, com seus compromissos semanais rumo a Campina Grande. Se os algodoais não se sustentaram, se os maquinismos locais desativaram-se, se agave e mamona não compensam pela competição africana, o jeito é encostar o veículo que fica no museu da familia, como lembrança das viagens rotineiras garantias da educação dos filhos. Eles não são numerosos, como o patriarcalismo monteirense indicava, porém são competentes e bem quistos, a honrarem a memória do pai zeloso, que deu duro na múltipla atividade de conduzir e consertar, caminhões e carros, em anos de boa safra e prestígio da profissão.

CÍCERO NUNES

Se exaltamos a saúde mental dos patriarcas monteirenses, no fazendeiro Cícero Nunes de Farias, faz-se completa. Favoreceu-o o bom clima e a bela paisagem de sua Boa Vista, com um açude a espelhar águas esverdeadas, vizinha ao casarão secular.

Criador e agricultor, aprendido nas terras paternas, da ribeira do Pajeú onde se criara. No Município de Alagoa do Monteiro, com os irmãos nas proximidades, labuta incansável.

As rivalidades com os Dantas motivam ainda mais o zelo do pecuarista. E o que nas primeiras décadas do século fora desafio e desaforo, com armas engatilhadas, passa a ser uma competição vaidosa, a decidir-se na sede municipal em tempo de eleições.

Cícero Nunes é um conviva muito bem vindo ao Sobradão do Cel. Raphael. Se o irmão Antonio Farias é brilhante bacharel, realça com sua dialética e por vezes em discursos solenes, o fazendeiro é um mestre ruralista, com explicações sobre o clima, muita confiança nos invernos. Um otimista luminoso, que tudo conclue com uma risada de eco feliz. Paternal, adorado pelos filhos, surpreende e enluta a todos quando é acometido por um enfarte em viagem de negócios a Campina Grande. Viveria a metade do tempo dos seus pais.

Deixou porém uma obra estável, na sua Boa Vista, de açude sólido e cercas duradoras. De engenho moendo e gado nos currais.

Após sua morte precoce, os filhos domiciliaram-se em Monteiro, aptos ao serviço público. A filha doutora, Sevi Nunes, professora e jornalista, conquistou a elite de Campina Grande, em aulas e coluna assinada. Priscila seria primeira dama de Monteiro, no periodo administrativo de Josa Leite. E os netos sorriem robustos e viris, empáticos, a lembrarem Cícero Nunes, senhor amável e saudável da Boa Vista.

CAZUZA JAPIASSU

O dentista de mãos mágicas que fazia com que as crianças abrissem a boca como se fossem comer pão de ló, e os adutos dialogassem confiantes, na hora da limpeza e da cárie - Cazuza Japiassu possui dons singulares. De tudo entendia e tudo emprendia com serena segurança. Um infortúnio doméstico levou-o a deixar o lar, a residir em hotel, e a constituir uma segunda família. Este incidente teria sido fatal na profissão de uma personalidade frágil, em sociedades de rígidos costumes. Cazuza jamais se abalou.

E com sua discreção, com sua coragem, com sua competência, cuidou dos filhos por igual, mantendo a mesma autoridade e ganhando iguais estimas. As intolerâncias do clero e dos beatos ruiram com essas provas de correção e de superação do patriarca, desdobrado em duas frentes delicadas, nas quais vencia pelo talento, pela boa vontade, pela poética expressão de um homem fundamentalmente bom.

O dentista de clientela imensa, preferido na cidade que crescia, sem ser doutor, era assoberbado por todas as idades, que confiavam no seu trabalho e se alegravam com sua convivência.

Perito em eletro-domésticos, dava jeito num liquidificador, como num relógio, num rádiosinho de pilha como numa eletrola, e nos seus momentos de lazer o mecânico prodigioso de ninguém cobrava.

Com igual destreza opinava sobre enfermidades, sobre viagens, sobre leituras. Ninguém jamais o viu impacientar-se, reclamar de atropelos e assédios. Nem dos filhos.

Um amigo útil, um pai assumido, um contemporâneo grandioso da melhor Alagoa do Monteiro.

Os filhos formados, se deixaram a terrinha, nos desafios profissionais, mantiveram-se vinculados pelas lições comunitárias recebidas.

Um terço deles ficou, a reeditar as prestimosidades e habilidades do dentista Cazuza Japiassu, um patriarca generoso, heroicamente assumido em duas frentes domésticas com tempo gentil e técnico para os seus contemporâneos.

DELFINO MENDES

O proprietário da Fazenda Carrapateira possue o tipo senhorial de um grande do Império. O Major Delfino parece saído de uma moldura do século XIX, com sua elegância e sua sobriedade.

Não viajou, nem estudou, simplismente assim chegou, herdado no Cariri, dos primeiros Mendes, nomeados de " marinheiros ".

No Recife, razão para desconfiar, do gringo esperto, cavador da vida. No Sertão, um referencial cerimonioso, que os europeus recemvindos, produziam. Delfino Mendes, o segundo na ordem genética, ocupava-se da agricultura, de mistura com o criatório, não faltando a indústria do algodão, nas bolandeiras.

Há de ter possuido engenho de rapadura nas várzeas férteis do lado leste do Municipio de Alagoa do Monteiro.

Pontual no sabado, da feira, com pernoite para a missa domingueira, estilizava-se na hospitalidade do velho Leopoldino, seu cunhado. Ai recebia as reverências dos sobrinhos, um deles a prosseguir com o nome de tradição, no que não foi longe, vítima de um acidente de automovel na vizinhança de Caruaru, aonde se foi com toda a família. O Sobrinho Heráclito, colega distinto no Grupo Escolar Miguel Santa Cruz, casou-se com uma filha do Major e o seu primogénito assumeria o título aristocrático.

Delfino Mendes, conviva citadino, de participação em festas religiosas e civícas, fazendeiro próspero, com seu enraizamento sertanejo, será lembrado pela figura senhorial de um homem solene, com sua roupa branca bem engomada, seu colete, sua gravata, e um relógio holandez, de corrente prateada.

E o conceito de produtividade da sua Carrapateira, o tipo exemplar do patriarca viril e saudavel, dono de algodoais fibrosos, frutas doces e gado leiteiro.

EPAMINONDAS AZEVEDO

Personalidade estilizada no modelo dos grandes do Império, com sua elegância, sua altivez e seu orgulho, Epaminondas Azevedo nasceu para liderar. Modernizado pelas leituras, pela língua francesa que dominava em zelos gramaticais, ultrapassou o tipo mestre-escola que decaira desde 1920, para apresentar-se polido, atualizado, como um contemporâneo do próximo século.

Tabelião que ensinava aos bachareis, professor primário que garantia os preparatórios aos adolescentes, político maquiavélico, com sua visão do futuro, nunca se municipalizou nem se paroquianizou, existindo altivo, elegante, convicto, com seu saber de discípulo de Victo Hugo e de Renan, grão mestre maçônico, cidadão do mundo.

A sabedoria do tabelião Epaminondas Azevedo passou integralmente para o casal Jayme Menezes. A filha única, Iracema abeberou-se dos ensinamentos paternos e habilitou-se ao diálogo existencial da dúzia de personalidades assumidas. Genética e culturalmente.

Septuagenário na metade do século Epaminondas Azevedo perseverava esbelto e senhorial, como um verão europeu. Se em sua origem não havia nenhum traço nobiliárquico, criou-os com a estratégia de um homem temporalizado, sem a beatice dos seus contemporâneos. Não cedia porém em moralidade.

Imaginava-se nos antigos, em Marco Aurélio, em Seneca. Citava o cético Montaigne dos Ensaios e passava a juventude, dos netos e dos seus alunos, da sua cidade, o perfil de um estudioso, com suas convicções liberais e seus ardores cívicos.

Um cidadão de postura ascética, que não deixava de ser astuto e malicioso, que tomava posições políticas e se empenhava em vitoriar com garbo. Um homem estimado e temido numa sociedade em transição, na qual ele apostava no futuro da sua gente de Alagoa do Monteiro.

FRANCISCO CÂNDIDO FALCÃO

De Pesqueira para Alagoa do Monteiro, pelo desfrute de melhor clima, Francisco Cândido consorciou-se na família Paraguay e se fez seguro um patriarca monteirense.

Sizudo, caseiro, de poucos contatos, era tido como sovina. Ele, Andrelino, Alcindo. Equívocos dos apressados ou dos frustrados.

Dos que pouco trabalhavam e não sabiam poupar. Em Francisco Cândido uma sobrildade operosa, de agenciador de algodão, mamona, peles, com seu armazem, sua indústria, sua equipe.

De sua Terra vieram sobrinhos se testarem nos diversos ramos do empreendedor. Um deles, Aldo Falcão identificou-se com o Tio, e se tornou monteirense, dentro de outros estilos.

Abusou do alcool após a morte de Chico Cândido, e cedo se foi, no desperdício de um belo talento.

Em 30 anos de domicílio monteirense, o sóbrio cidadão pernambucano, conquistou fortuna e fez amizades, e criou família numerosa. Os estudos dos filhos, nos melhores colégios comprovam a abertura e a correção do patriarca. Todos os filhos e filhas nos melhores colégios do Recife. Os varões se diplomaram cedo e um deles, Djacir, percorreria todos os graus da Magistratura, a culminar-se no Supremo Tribunal, um Ministro que prestigiou suas origens. Uma filha de Francisco Cândido e Da. Inezinha casou-se com Etelvino Lins, e tornou-se primeira dama de Pernambuco.

Ao discreto e operoso Francisco Cândido, virtudes de um aristocrata, de um britânico cidadão que não gosta de intimidades, nem de demagogia. Correto e credenciado, deu conta de negócios e de familiares, foi um patriarca de adoção na cidade que amava e que à respeitou à distância. Sem deixar de proclamar as virtudes que os filhos herderam nas diversas funções exercidas e encerradas com dignidade.

A dignidade de Francisco Cândido de Melo Falcão.

FRANCISCO CHAVES

No próspero Distrito de Camalaú, com irradiações para São João do Trigre, no extenso Município de Alagoa do Monteiro, por 60 anos reinou Chico Chaves. Sem estudos nem posses de rico, por pura vocação comunitária, um líder simples, generoso, de permanente e lúcida boa vontade.

Na campanha política de 1950, quando José Américo porfiava com Argemiro de Figueiredo, no mais renhido pleito da vida pública paraibana, Chico Chaves, ao lado de Ignácio Feitosa era o homem forte da região mais seca do Munícipio. Cumpriu com uma leadade eficaz a sua liderança, e desde então figurava com prestígio entre os cabos eleitorais do Cariri paraibano. Mas distinguiu-se também no criatório, no cultivo do algodão, na luta braba contra a seca. Dizia-se discípulo de Sizenando Raphael, o fazendeiro imperial do Feijão. E na vizinhança de Pedrinho Bezerra, seu principal adversário político, não se negava a negociar nem a colaborar.

Pai de família numerosa, compôs um tipo de coronel sem espada nem diploma, com sua presença radiosa no meio àspero onde nascera. Os Chaves prosseguem invictos nos novos Municípios por conta dos antepassados sensatos e corajosos, que nas primeiras décadas do século inauguraram um estilo educado de convivência.

Sem que para isto tivessem viajado, muito menos se matriculado em colégio. O sertanejo, que no final do século XIX possuia as paixões beatas de um discípulo de Antônio Conselheiro, e que ao evoluir um pouco, acostava-se ao fanatismo do Padre Cícero, esclareceu-se na convivência com os doutores, com os farmacéuticos a Alcindo Menezes, os advogados a João de Almeida, os párocos a João Honório. O líder comunitário Chico Chaves foi um deles. Um dos maiores na Camalaú de Alagoa do Monteiro.

IGNÁCIO FEITOSA

O espírito empreendedor do jovem que ao sair do seminário montou aula primária na Alagoa do Monteiro de 1920, cresceu de tal forma que pertenceria a Ignacio José Feitosa a distinção de abrir casa comercial em Campina Grande. A Casa Imã passava a ter filial na metrópole comecial da Paraíba.

No longo percurso monteirense, negócios outros de peças de automóveis e de combustíveis, com os ódios estúpidos de 30 tentando anular o esforço honrado e a competência modernizante.

Ignácio Feitosa, sem espírito revanchista,com habilidade e perseverança, ganhou mandatos parlamentares, na Assembléia Legislativa da Paraíba e cumpriu bom período de administração municipal. Seu nome ficou na obra realizada como Prefeito de Alagoa do Monteiro.

Personalidade exigente, com seus compromissos de família optou pela Capital, ressentido com as deserções de alguns amigos na sua faina política. Tudo normal nessa área de incidentes e decepções. Mas no conjunto de sua vida, uma bela vida, com os filhos a se diplomarem e a família a ampliar-se com os numerosos netos.

Comerciante de faro, pouco inclinado à agricultura, não ficou Ignácio Feitosa fora do mundo rural, se filho de fazendeiro e genro de fazendeiro, vinculado a propriedades famosas, como Ribeiro Fundo, de Sátyro Feitosa e o Jatobá de Napoleão Santa Cruz.

Inteligente, astuto, progressista, Ignácio Feitosa inaugurou em Alagoa do Monteiro, o modelo do empresário que se organiza para conquistar mercados fora do seu Município, e nisto se realizou com uma segurança que levou para longe a prova do talento e do espírito empreendedor do homem sertanejo. Um patriarca em versão de empresário, a ultrapassar suas origens e a honrá-las no zelo e na correção dos seus desempenhos comerciais.

INOCÊNCIO ALMEIDA

Da primeira geração dos patriarcas patrocinadores da educação dos filhos, Inocêncio Lopes de Almeida, nascido em São José dos Cordeiros, município vizinho, veio para Alagoa do Monteiro por etapas.Ao se casar na família Brás, seu ponto de começo o Distrito de São Tomé. Na véspera da Revolução de 30, em Alagoa do Monteiro sofrera da hostilidade mesquinha dos vitoriosos. Manda a família para Alagoa de Baixo, onde acolhe outros monteirenses perseguidos. Corajosamente retoma seus afazeres, de comerciante, com momona e algodão em seus estoques. Prestigia-se no desafio, ajuda os menos audazes, e sai do clima hostil em condições de realçar na sociedade monteirense. Ao formar Netário, em Medicina, orgulha-se tanto do filho doutor que se apresenta com o título patriarcal.

Numa viagem ao Recife, saúda os anônimos, a crer ingenuamente que o conheciam pela paternidade. Esse gesto humilde e ingênuo, retrata a grandeza do pai, no seu orgulho e no seu sacrifício.

Contador de anedotas, inventor de anedotas, inspirava algumas quando se estilizava tão sem malícia, nas espontaneidades poéticas de um matuto criativo.

Na resposta profissional ao seu devotamento: um médico, um bacharel, dois dentistas, um bancário, uma secretária, duas professoras. Todos felizes na paternidade cristã. Da. Nair a mais velha, um modelo de afeição e compostura que as novas gerações terão de admirar. Compadre de Lafayette, Alcindo, Jayme, Ignacio - os mais prestigiados de Alagoa do Monteiro, nos anos de 40, Inocêncio se concluia superior a todos eles.

Porque se preocupara com a instrução dos filhos sem ser instruido; aplicara na formatura dos oito patrimônio mínimo que se exaurira no investimento. Nunca um esforço educador fez-se tão notório e nunca a recompensa tão exata. Inocêncio Lopes de Almeida só não encontrou quem lhe dissesse isto. Mas foi até o fim com alegria de sua milagrosa paternidade.

JACINTO DANTAS

Primo do bacharel que assassinou o Presidente João Pessoa, Jacinto Dantas pouco possui da vitalidade aguerrida dos seus legendários antescedentes. É um perfeito cavalheiro. Em estilizada capacidade de conviver.

Sem ter se diplomado por Faculdade, atualiza-se pelas leituras e conduz os ensinamentos do Dr. Sérgio, o pai senhorial e culto, das citações latinas, uma delas em saudação ao visitante na Fazenda Pedro II. Os dons diplomáticos, do jovem com seu charme e sua literatura,comquistam a radiosa jovem miss de Caruaru, Mabel, filha do famoso Farmacéutico Seu Sinval da Francesa. Da. Mabel vem para o clã dos Dantas, com sua música e sua elegância, a corresponder ao gosto e temperamento do marido. Formarão um par aristocrático, nas festividades de Alagoa do Monteiro.

Deputado Estadual nos anos de 50, Jacinto Dantas movimentou-se estratégico nas Secretarias; é um assíduo representante do Cariri, e melhora as condições urbanas da Vila de Ouro Velho que os seus filhos e netos irão liderar, após a morte do patriarca gentil. Morto aos 56 anos, que contraria a linhagem genética dos nascidos no Sertão.

Fazendeiro de visão tecnológica, recuperador dos bens da família que a crueldade dos revolucionários de 30 depredara; parlamentar atento e astuto; líder comunitário ruralista, de hábil e honesto convívio com a matutada, Jacinto Dantas marcou época com o seu charme e a sua cortesia, de um britânico no áspero Cariri paraibano como o médico Rafael Sebas e o fazendeiro Cesar de Melo.

Se o seu amor a Alagoa do Monteiro deu continuidade ao que havia nos seus antepassados, nos Dantas, precursores dos estudos universitários, houve na sua cota pessoal, acréscimos de uma inteligência voltada para o bem comum monteirense.

JAYME MENEZES

Em visita ao irmão Alcindo, o farmacêutico casado na família Raphael, conheceu a filha do Major Epaminondas Azevedo, e fundou seu grupo doméstico. Um dos mais consistentes e representativos do patriarcalismo modernizado, de uma burguesia caracterizada como classe média, na Alagoa do Monteiro da década de 30. Nada menos de doze filhos, todos eles encaminhados aos estudos recifenses. Entre os Colégios Marista e NS do Carmo.

Jayme Menezes, diplomado dentista, passou a assumir encargos de Tabelião, junto ao sogro; em seguida fez-se ruralista; montou maquinismo, de desfibrar algodão e agave. Mas foi sobretudo um líder cultural. Estudioso, atualizado em letras, em Pedagogia, em História, ensinou no Colégio NS de Lourdes, pronunciou conferências, escreveu para jornais. UmaCartilha do Agricultor,editada em 1960, prestigiou mais o intelectual matuto que completou seus escritos comCadernos Monteirenses.Imenso Dr. Jayme, a envelhecer como o patriarca cultural do Cariri, visitado por autoridades, governadores e secretários, bispos e jornalistas. A corresponder-se com personalidades ilustres, principalmente com os filhos de Monteiro, em evidências no Sul. Tornou-se um procurador de centenas dos que migraram, assegurando aos pais pobres e idosos, a pensão honrada dos vitoriosos.

Após os oitenta, passou a defrontar-se com os azares da paternidade, enlutando-se pela morte de três filhos. Comportou-se com grandeza, ao receber a solidariedade da comunidade de suas estimas. Sem jamais ter assumido funções públicas recebeu as atenções e as homenagens de uma autoridade civil, que conquistara a liderança espontânea e gratuita, dos monteirenses, por conta do talento, do nível cultural, da expressão moral e artística, de um sábio. Do sábio patriarcal e democrático, sacerdotal e leigo, ruralista e poeta, que fez história em Alagoa do Monteiro, por meio século. Nascido em 1900, aspirava o ano dois mil para pertencer a três séculos. Sua grandeza era mesmo secular.

JOÃO DE ALMEIDA

De Brejo do Cruz, cidade do Alto Sertão da Paraíba, para Alagoa do Monteiro, no final da década de 20, o advogado João de Almeida realçaria pela inteligência, pela oratória, pela paternidade. Não sucedeu a ele o que se tornara comum aos outros ilustres visitantes. Já veio consorciado com Da. Franciscuinha, admiravel Dama do clã sertanejo dos Lira. Extrovertido, polemizador, inquieto e instável, Dr. Joca fazia amizades e criava desafetos, dentro dos ardores do seu temperamento e dos riscos de sua profissão. Os filhos definiam o ajustamento comunitário do casal. Um deles, Clemenceau Dutra de Almeida modelaria no Salesiano, todos os monteirenses, e realizaria carreira de Magistrado em Pernambuco, numa austeridade que nos orgulhava.

Dr. Joca, por essa paternidade correspondida, tornou-se um mestre da juventude estudiosa, conduzindo os colegas dos filhos, aos júris e aos comícios, aos jogos de futebol e aos festivais, na vizinhança. Perito em leis, preferia invocar os vultos pátrios, e os líderes democráticos nos anos da Guerra, num apostolado cultural de alto nível. Jovial, dialético, cativava, exigia. Cultor da língua portuguesa, não deixava que se cometessem erros gramaticais fúteis. Como um mestre-escola clássico advertia, acalorava-se na lição, sugeria leituras. E se um texto lhe fosse dado para revisão, devolvia anotado em minúcias que espantavam.

A oratória do Dr. Joca marcou época na cidade, que viu essa vocação despertar em muitos dos seus filhos. Havia em todos eles a marca do advogado de eloquência clássica. No Forum, nas passeatas, nos comícios, nas bodas, nas despedidas Dr. Joca era exigido, aplaudido, admirado.

Não fez fortuna na advocacia. Desambicioso, nem sempre organizado, ia de causa em causa, com sua verve amadorista, e os compromissos familiares tudo devoravam. Confortou-se em oferecer a melhor escola aos filhos, meia dúzia diplomados pelo zelo e pelo exemplo do estudioso, latinista, gramático, jurista João Minervino Dutra de Almeida.

JOAQUIM LAFAYETTE

Do Sítio Cacimbinha, os irmãos Pereira Lafayette que levariam para o divisor da águas da Serra do Jabitacá, as virtudes do homem sertanejo: talento, coragem, perseverança, crença, solidariedade conjugal. Paternidade. Em Joaquim Lafayette o vigor e a virilidade de um imenso nordestino, que colocará na cena cívica brasileira, catorze filhos. E em todos eles a marca dessa vigília, compartilhada pela dama transbordante de energia e de sagacidade, a matriarca Da. Sebastiana.

Os começos modestos foram dificeis para o casal procriador de todo um clã, e ambicioso no investimento filial. Ao lado do irmão Amaro, o inventivo e próspero líder do Moxotó, apoiou-se Joaquim Lafayette, na confiança de Francisco Torres, o pioneiro do civismo monteirense. Comerciou em tenda de feira até tomar ponto em loja sortida. Comprou área rural próxima à cidade e inaugurou curral. Teria enriquecido se a família não precisasse de todos os rendimentos para os estudos nas capitais. Para o Rio de Janeiro se foi o primogenito, no itinerário do Dr. Rafael Sebas. No Recife tantos se reuniram em busca das aulas Superiores, que Joaquim Lafayette alugou e comprou casa, em duas décadas de matrículas e iniciações profissionais. Da dezena de filhos.

Era visto o coronel Lafayette, com sua paciência e sua boemia, com seu fardo doméstico, de trem, de ônibus, entre Alagoa do Monteiro e a capital pernambucana. Terá sido um recordista nesse percurso, dos 30 aos 90, por mais de meio século. O almocreve da juventude de Taquaritinga, encerra-se sob as bênçãos divinas, com o dever cumprido. Exibe o galardão de uma paternidade romana, com seus bacharéis, seus médicos, seus professores, seus militares, que lideram em Alagoa do Monteiro e se assimilam no Recife, com estilizados desempenhos. Em fiel resposta aos ensinamentos e aos devotamentos de Joaquim Lafayette, o secular seu Quinca, saudoso de Da. Sebastiana.

JOAQUIM ROMÃO

Um motorista, simpático, simples, competente. Procria família numerosa, e apesar da morte o ter levado aos 50 anos, deixou uma lembrança grata na comunidade monteirense.

Da Zona da Mata de Pernambuco, Joaquim Romão veio a negócios de tropeiros na ribeira do Pajeú, passou por Alagoa do Monteiro, apreciou, casou. Viveu radiosamente. Da boléia do caminhão ao seio de sua família. Com muitos amigos pela vizinhança.

O Coronel Manoel Raphael que farejava aptidões e fidelidades, viu em Joaquim Romão um auxiliar da máxima confiança para as suas garagens - oficinas. Confiou ao motorista a condução dos filhos e netos em viagens de emergência. O robusto operário alegrava aos habitantes do Casarão patriarcal, e com calma e segurança inaugurava veículos e estradas.

Proprietário de caminhão, nos anos 40, das safras de algodão, madrugava para Campina Grande, duas a trêz vezes na semana e nunca se ouviu falar que se acidentasse.

Joaquim Romão creditou-se em toda a comunidade monteirense, não somente a conduzir passageiros, mas a comprar mercadorias, paciente, desambicioso com o que lhe encomendavam.

A família foi crescendo, com algumas inteligências se revelando à sombra do pai modesto, de poucas letras.

Jovial, de risada estridente, estimadissimo na cidade, faleceu em ataque cárdíaco fulminante, sem um gemido, na hora da refeição. Toda a Alagoa do Monteiro enlutou-se para ir levar a ultima morada o cidadão exemplar: pai de família e profissional em que nunca se encontrou defeito.

Os descendentes de Joaquim Romão enraizaram-se em Monteiro, fiéis ao amor a terra adotiva do Pernambucano da Zona da Mata. Lojas de peças de automóveis, postos de gasolina, oficinas, frotas, lembram o honrado motorista que não envelheceu. Mas viveu o suficiente para deixar uma descendência que comemora no trabalho competente, a memória do bom e operoso Joaquim Romão.

JOSÉ FERREIRA NOBRE FORMIGA

Os telegrafistas que serviram em Alagoa do Monteiro estão a merecer um capítulo na história da cidade. Porque a maioria deles consorciou-se com filhas de famílias ilustres, de um Caldas a um Sebastião Cesar de Melo. Um deles, o ideólogo José Formiga, natural de Serra Talhada (Pe.), porém de pais paraibanos.

Inteligência superior, temperamento forte, personalidade de estudioso, Formiga anunciou-se marxista na década de 30 e pagou caro pela presunção. Um ideólogo e não um militante, porém facilmente indiciado por sua ostensiva pregação socialista. Em 1935 teve de refugiar-se e interromper a carreira, voltando com as anistias de 45. Se serviu a outras agências, em Alagoa do Monteiro é que definiu-se domiciliarmente. Casado com Da. Leonor, dama de preciosos dons na vinculação mais distinta do clã Torres Lafayette, deu ao esposo uma dezena de filhos e argumentos cristãos para que moderasse. Os filhos talentosos, alguns com índices intelectuais elevados, profissionalizaram-se no jornalismo, na política, no magistério, entre o Rio e Brasília, sem que Alagoa do Monteiro e Alagoa de Baixo ficassem esquecidas. Um terço dessa descendência prossegue no Sertão, e o sobrenome Formiga afirma-se nas lideranças municipais, sem que se coloque em julgamento, o comunismo teórico do velho telegrafista. Nos últimos anos de vida, Formiga, cercado de netos, alimentava a tendência mística dos seus antepassados sertanejos, e sem reconciliar-se com o clero de suas polêmicas juvenis, faleceu como um crente, em tranquilo convivio com os familiares.

O patriarca fica na nossa memória, inteiro por sua descendência de tantos bens dotados, e honrado ele próprio, Formiga pelo seu idealismo apropriado ao tempo histórico e às suas leituras. O casal que se completava com a religiosidade suave de Da. Leonor, atualiza-se no final do século como dos mais representativos da gente monteirense.

JOSÉ TOMAZ DE AQUINO

Proprietário de cinco veículos de passeio, no ano de 30, Cel. Raphael possuia seu quinteto de motoristas: Doroteu, Simeão, José Tomáz, Pedro Crispim, e o reserva maior Joaquim Romão. Adolescente, esperto e curioso, adentrou-se nas garagens, interessou-se pelo locomove, até ser promovido a motorista. Os ensaios se faziam como os netos por perto, pilheriando com o novato e ansiosos por uma "voltinha". José Tomás teve perícia e paciência. Ganhou confiança e simpatia, e em missões longínquas, rumo ao Pajeú onde o Cel. Tércio iria testá-lo com rigor, aprovado também foi para dirigir a limousine de 1934, último da frota do Cel. Raphael.

Ao casar-se com Quitéria, da mesma equipe do sobradão, recebeu a parcela maior da convivência senhorial. Na esposa uma capacidade de trabalho rural, para plantar no tempo invernoso e de criar o ano todo, no Militão.

Após a morte do velho patriarca, iniciou José Tomaz a tarefa do seu credito pessoal. Como a direção permanecesse a seduzí-lo, passou á boleia de um caminhão, viajando para o distante Maranhão aonde admirou de terras férteis, a custo mínimo. Fez negócio sem se desfazer do que Da. Quitéria administrava. Numa das viagens incômodas, o coração falhou e o amaturado motorista, fazendeiro em começo, faleceu em terras distantes.

Os filhos que se haviam colocado á disposição do pai, em caminhão, em postos de gazolina, não foram longe, sem o comando paterno. Da. Quitéria deu conta dos roçados e currais, e venceu em suficiências de pagar dívidas.

Ao lembrarmos o motorista do Cel. Raphael que alegrou a nossa infância e serviu aos nossos pais, realçamos a figura da esposa de José Tomaz, em sua admiravel coragem e liderança.

Um patriarca menor, sem filhos doutorados, ocupa página pelo seu esforço adolescente e suas aspirações de afirma_se no tempo de uma Alagoa do Monteiro, sem patrões egoístas e de empregados progressistas. A democracia desse patriarcado ilustra_se com José Tomaz e Quitéria. Um casal de complementações bravias.

LOURIVAL NUNES

Da infância feliz nos espaços verdes da Fazenda Boa Vista Lourival Nunes instalou-se na sede do Municipio, onde o seu pai comparecia semanalmente, simpático e cordial.

Sem ter concluido os estudos, em compromisso de filhos, ativou-se no comércio, obtendo melhores êxitos em panificação. Aí pelos anos de 50 era tido como proprietário da melhor indústria no gênero, a incluir torrefação.

Essa boa estrela nos negócios contrariada foi por um acidente de moto que vitímou o filho mais velho de Lourival. Incomformado, depressivo, retirou-se de Monteiro para acampar no criatório de seus começos.

Os filhos menores de um segundo casamento exigiram os brios paternos para que prossiguisse garantindo mesadas e matrículas. O primogénito de Cicero Nunes, homem otimista e corajoso, nos desafios da sua condição de fazendeiro, há de ter refletido sobre a memória paterna, de tão altivas e corajosas lições de vida.

Nos velhos patriarcas de Bonfim iguais exemplos de uma continuidade, que a longevidade comprovaria. Lourival, sem jamais retornar a Monteiro, no estilo de sua alegre convivência, entre o clube e o círculo dos amigos, apurou-se na economia do sertanejo que não se rende, a retomou a linhagem do patriarca, como patrocinador da educação dos filhos.

E não há dúvida que tem se confortado com o investimento de elite. Ao ser chamado maiuscolarmente de Irmão, avulta na estima dos confrades.

O clã dos Nunes é bastante fiel às suas origens. Em todos eles a família numerosa, que as tarefas campestres procuram abastecer. Em todos eles uma saúde mental que lembra os pais e tios, de porte robusto e convicções firmes.

Em todos eles, o amor ao trabalho, pelo amor aos filhos. Lourival Nunes aproxima-se da condição de octogenário, a dirigir serviços, a queimar mandacaru, a plantar capim, a repetir hábitos conferidos e a inovar com visão e presteza.

Um patriarca que soube superar seu instante dolorido para oferecer ao Nordeste, exemplares saudáveis de sua descendência.

LUIZ LINS

O menino de dez anos que em 1936 acompanhou as irmãs, professoras na primeira turma do Grupo Escolar Miguel Santa Cruz, voltou a Alagoa do Monteiro, em idade de casar-se na família Torres Santa Cruz. Luiz Lins, bancário, iniciou-se na economia rural e conquistou o posto de um fazendeiro moderno.

Nas terras do Riachão, na parcela que lhe coube por herança de Rodolfo Santa Cruz, aprimourou-se o gerente do Banco do Brasil, em descobrir veios dágua para irrigar lavouras. Da estrada que liga Monteiro a Campina Grande, surpreende em pleno semi-árido o verde dos pastos, dos capins, das algarobas que Luiz Lins cultiva com técnica apropriada na sua Fazenda Marmeleiro.

Se os filhos, nos estudos, ou já os netos nas aulas, obrigam o patriarca de nossa contemporaneidade, a ter domicílio na Capital, semanalmente encamiha-se à sua Fazenda, e no pernoite em Monteiro, é um conviva bem informado e prestativo.

Um cidadão na maturidade realizada, de profissional com carreira exemplar, de pai de família, de agricultor e criador no Cariri. Todos os seus títulos, toda a sua experiência, todo o resultado de suas leituras, convergem para a ecologia do Cariri, na procura de abastecimento, de sementeiras, do melhor gado para os rebanhos qualificados.

Luiz Lins, gentil, desambicioso, ensina mais do que negocia, a renovar os métodos de cura das pragas e endemias, os métodos de cultura regional.

Personalidade assim aplicada no capítulo mais exigido para a sobrevivência do sertanejo, fiel às tradições dos primeiros criadores, amigo da cidade que adotou desde a infância, Luiz Lins é um monteirense de estofo e de escol, ao qual devemos lições de fidelidade e de modernidade.

MANOEL SOBRINHO

Em homenagem ao Cel. Raphael, o Sobrinho que iria prolongar com sua honra profissional e doméstica, o nome patriarcal.

Iniciou-se com loja abastecida pelo chefe da família que lhe abriu crédito em Recife, na firma Alves de Brito. Não deu, na cidade sem indústria, sem oportunidade outras que a dos pequenos negócios concorridos. Alagoa de Baixo, estação terminal do trem da Great Western convidava todos os ramos, e Manoel Sobrinho instalou-se na mesma rua do domicílio de Amaro Lafayette, com quem tinha certeza de contar.

Casado com uma Gomes, a serena e segura Leonila, dos senhores da Caiçara, o comerciante de tecidos, chapeus e sapatos, acompanhou a uducação das filhas, a se casarem em família da terra onde se estabelecera. Carmelita, ao esposar Luiz Leite, adqueria um prestígio pedagógico, se apurava sua boa natureza na convivência feliz com o cidadão de estilizada personalidade.

Manoel Sobrinho que não alcançou a longevidade dos seus ancestrais, deixou de conviver com os netos. Nas netas sobretudo, a ressurreição da inteligência, da simpatia, da cordialidade do patriarca e simples e generoso que foi Manoel Sobrinho.

Em repartições públicas, em Universidades, na SUDENE, em bancos, as netas de Manoel Sobrinho, porfiando com o sobrenome Raphael, prolongam a linhagem patriarcal da família de três ribeiras: do Pageú, de Paulino, do Parahyba, de Manoel Joaquim e do Moxotó, com Manoel Sobrinho em começo.

O comerciante que vinha para a esquina da Rua da Matriz, na Alagoa de Baixo do final da década de 30, era um modelo do brasileiro cordial, de tese apenas anunciada, sem comprovações históriais. Na modéstia do seu cotidiano, homem de orações matinais e vespertinas, Manoel Sobrinho jamais enriquecia nas suas atividades de logistas. Nem na minima agricultura muito menos. Mas plantou a semente da honradez e da solidariedade, da alegria sem malícia, que nos seus descendentes anotam-se.

OLIMPIO MUNIZ DE FARIAS

Há neste modesto agricultor, do Sítio Olho Dáguinha, um evoluir monteirense, de impressionante semelhnça com o reinol patriarca Jayme Menezes. Primeiro por atuar como Oficial de Justiça num setor onde o Dr. Jayme era Tabelião. Segundo pela paternidade: doze filhos. Terceiro pelo luto, quando um dos filhos, Bonifácio, falece num desastre de automóvel, a caminho de Monteiro, como Romeu do Dr. Jayme.

Olímpio Muniz de Farias, longe dos estudos e das letras, aprecia os que se dedicam culturalmente, e vela para que os filhos obtenham graus. Cinco de suas se profissionalizam através dos Cursos realizados no Recife. No estilo de Inocêncio, Cazuza, Manoel do Nascimento, disciplina o Oficial de Justiça, a prole numerosa para a solidariedade estudantil. A cada um que conclue e se emprega, a missão de educar o que está em vez. Nenhum falha, embora a perda de Bonifácio complicasse o rodísio exemplar.

Olimpio, o sóbrio e pontual Oficial de Justiça, envelhece fiel aos seus começos de ruralista. Planta, limpa e colhe com o gosto e a energia dos seus antepassados. É um lazer que o revigora para os encargos domésticos que prosseguem. Os netos se avolumam, procuram a casa mãe na cidade aprazível para crianças e adolescentes em férias.

O percurso doutoral de cada um é avaliado pelo modesto servidor da Justiça, que, no convívio com os bacharéis, aspirou iguais credenciais para os seus descendentes. Realçaria como avô de um Juiz ou de um Promotor, no estilo daquelas autoridades às quais prestou a atenção burocrática do seu expediente. E em muitos casos, para os estreantes, a informação precisa dos despachos.

O patriarca de origens e profissão modesta, Olimpio Muniz de Farias, alcança o grau social dos seus chefes, dos conterrâneos ilustres que soube admirar e com eles aprendeu para formar quase uma geração: a dos seus filhos e netos. Em zelos simples e perseverantes de um homem comum, de qualquer forma um grande homem de bem.

MANÚ CALDEIRA

A longevidade dos patriarcas de Alagoa do Monteiro, do municipio de média mais alta no recenciamento de 1970, flagra-se em nossa contemporaneidade em Manu Caldeira. Se o Ce. Raphael viveu 94 anos, Marcolino e Tobias Mayer, 96, Victor e Olimpio Gomes, 92, Joaquim Lafayette, 95, Severino Pinto 92 - Manu Caldeira já completou 98. Se é recordista entre os notórios de nossa terra, ao chegar ao centenário merecerá comemoração coletiva. Porque na longevidade um complexo de virtudes, uma arte de viver.

Do Sítio Riacho do Meio, plantador de Algodão, jovem de bons costumes, associa-se a Alcindo Menezes, para ampliar seus negócios. Passa a gerenciar armazem na cidade, onde ensilados são os grãos que sobram nas boas safras de milho e feijão. Um velho locomove adquerido a Né Batista, é revisionado cada dia por Manú Caldeira, a madrugar no trabalho. De tudo dá conta com um zelo caprichoso, de honesto gerente. E com os pequenos lucros de sua honrosa tarefa, compra vacas e cavalos, melhora seu plantel e se categoriza em fazendeiro no sítio de suas origens. Se não se credencia economicamente para mandar os filhos ao Recife, conquista para as filhas matrícula no Colégio NS de Lourdes. Serão professoras, das melhores do Município. São cinco mestras que dos sítios à cidade, prestigiam o Magistério modesto.

Manú Caldeira atravessa as décadas, sereno, limpo, simples, impressionantemente lúcido. Dez décadas. Percorre todo o século, e vê os amigos se irem e a cidade crescer. Não se amofina. Todos os dias atravessa o beco movimentado, ganha a Praça João Pessoa, para ir jogar no bicho. E fica horas apreciando a moçada na sinuca, com vontade de habilitar_se.

Afetuoso, bem cuidado pelas filhas, retribui em bisnetos e tataranetos, os carinhos que lhe passam. Comparece à missa dominical para agradeçer a vitalidade. A vitalidade plena, de um homem de bem, que nunca cometeu excessos, nem se descuidou de ser útil. Perseverante, prestativo, equilibrado, gentil e generoso. Uma figura ímpar, grandiosa, na sua elegância sem pôse, na sua simpatia sem fita, no seu calor humano sem interesse. Um secular cidadão do mundo, orgulho da espécie humana, Sem disto Saber.

MANOEL DO NASCIMENTO

História bíblica a do marceneiro Manoel do Nascimento que constroi um patrimônio suficiente para educar os filhos no Recife, a partir do serrote e da plaina do ofício modesto.

Perseverante e organizado, com credito na praça, o jovem operário que havia sido agricultor nas terras secas de Sucuru, Distrito de São Tomé, onde nasceu, vai juntando em conta bancária, comprando casas, apostando tudo na inteligência dos filhos. Na inteligência e na elevada moral que o lar monteirense alimenta nos três primeiros: Waldemar, Walter e Wanildo, a se credenciarem ao Vestibular, seguidamente, com ascética disposição de vitória.

Manoel do Nascimento acompanha de perto essas conquistas, e como há adolescentes femininas, julga-se no dever de instalar casa estudantil em Bairro do Recife, para assegurar um mínimo conforto à meia dúzia que cursa Faculdade. Porque se forma sob a confiança e visão do marceneiro uma república de primos, em entusiástica porfia do saber.

Waldemar, o mais velho, com o lastro ético e erudito de passagem pelo Seminário, equilibra a representação monteirense, aliviando as viagens do pai que fica viúvo nessa etapa de seu compromisso com os filhos.

Na Rua da oficina fechada, como um museu de dignidade, Manoel do Nascimento construiu uma casa de muitos cômodos para hospedar com os casais que se revesam, vindos do Recife, seus doutores e seus netos.

Ao envelhecer o agricultor de Sucuru e operário de marcenados começos modestos, coleciona recortes de jornais, fotografias, escritos dos economistas, adminstradores, contabilistas que nas Secretarias de Pernambuco, nas Autarquias, na SUDENE, desempenha-se conceituados, gratos ao pai que tudo providenciou a seguir o itenerário abençoado dos patriarcas da Alagoa do Monteiro.

MARIANO BEZERRA

Do balcão para os armazens sortidos, Mariano Bezerra há mais de sessenta anos honra sua profissão de comerciante e serve a Alagoa do Monteiro.

Inteligente, maneiroso, na média dos seus ancestrais, da família imperial dos Bezerra, compreendeu a importância da educação dos filhos e o seu trabalho, como as suas economias, destinaram-se à missão do patriarcado monteirense.

A prosperidade que lhe chegou com a ordem e o empenho do seu comércio de secos e molhados, nunca lhe subiu a cabeça, em seduções burguesas. Sua casa nunca foi senhorial, suas viagens nunca foram turísticas, seus lazeres nunca passaram de uma cavalgada ou de uma pescaria.

A consumir doze horas do dia no seu estabelecimento, Mariano Bezerra, ao lado do que exemplificou como perseverança e responsabilidade, estilizou um tratamento ao matuto, seu cliente típico, fazendo amizades, a ponto de dispor de um eleitorado certo. Não quis para si esse prestígio. Afinado com o grupo partidário dos Feitosa, como sucedera aos seus antecessores, assinala uma fidelidade de meio século. Sem que por tal compromisso se mostrasse intolerante e interessado. Os filhos de Mariano, criados em torno de um balcão, atenderam aos apelos do pai e cursaram com regularidade os diversos graus dos ambientes metropolitanos. Entre o Recife e João Pessoa, há engenheiros e contabilistas, que completam a vocação intelectual dos Bezerra.

Mariano, de raça longeva, é um octogenário com hábitos bem monteirense. Passeia cedo pelas avenidas desertas e toma assento na calçada, nas noites de verão. Prossegue incansável à frente dos seus negócios, com sua boa ordem e seu otimismo, a acolher com simpatia cada freguês e a sorrir sempre em confiaça.

Um patriarca modesto, de integral vivência na sua Alagoa do Monteiro, que passa honrada e esclarecida aos filhos doutores, no exemplo maior ao trabalho.

Prof. MAQUEBURGO

Inspetor de Ensino, na raridade de um diplomado por Escola Normal, ex-aluno da mestre monteirense Da. Daura Santiago Rangel, a serviço em Alagoa do Monteiro, o Prof. Maqueburgo faz fama de matemático. Mas logo se perceberá que entende de muitas outras ciências, com aptidão de contabilista, e de leis, para a rabulagem digna.

Consorcia-se com a filha do fazendeiro-comerciante Manuel Lula, cidadão operoso e pacato, cuja filha única, igualmente professora comporá um par bem monteirense, de mediano patriarcalismo nos seis filhos que nascem na cidade.

Maqueburgo, amigo de Ruy Carneiro é nomeado Interventor no Município de Araruna. Desempenha-se contento, nos três anos de administração pública. E retorna a Alagoa do Monteiro, para prosseguir em aulas, na advogacia, no cultivo de terra e criação de gado. Aprimora-se em preparar adolescentes para a admissão, tarefa realizada no final da década de 30, pela exímia mestra Eunice Lins.

Natural de Nazaré da Mata, em Pernambuco, uma cidade de intelectuais, oriundos do Seminário, Maqueburgo / havia recebido iniciações gramaticais de José Lourenço de Lima, Fernando Mota, Costa Porto. Leitor dos seus ex-mestres, aprofunda-se em temas rurais, do semi-árido, bem ao gosto do Tabelião Jayme Menezes. Torna-se uma personalidade dialogal na calçada do Farmacêutico Alcindo, na patota vespertina de tanta polêmica e sabedoria, sem tremer Dr. Joca, nem Deocleciano, os mais doutos.

Bom músico, filho de maestro, sola elegante o violão e o bandolim. Esportista, exibe seu físico de atleta nas partidas municipais. Está em toda parte na cidade que o estima, nos cuidados domésticos com a família a crescer sadia para alegria do velho Manuel Lula, um cidadão paternal. Maqueburgo muda-se para a Capital, em busca da educação para os filhos, assinalando sua presença de vinte anos na Alagoa do Monteiro dos grandes patriarcas.

MARCOLINO MAYER

Dos Freitas de São Tomé que receberam o sangue judeu do Cel. Adolpho Mayer, Marcolino casado com Lydia Raphael, compôs um núcleo doméstico dos mais representativos da Alagoa do Monteiro das primeiras décadas do século. Comerciante e agricultor, não se distinguiu em nenhum negócio. Sua marca humana: a simpatia, que começava no lar e se irradiava por toda a comunidade. Se nunca realçou profissionalmente não perde o prestígio social nem as amizades, a conviver suave e risonho, como um personagem francês da belle époque. que sabia admirar, confiar, aplaudir.

O encaminhamento existencial de Marcolino Mayer tinha começo na sua condição de filho do comerciante de joias que se apaixonara pela adolescente de casa grande da Fazenda Firmeza. Essa origem romanesca presidia a vida do mancebo que transferiu para a filha do Cel. Raphael toda sua paixão de viver. E que encontraria nos filhos, inteligemtes, afetivos, artísticos, a complementação dos seus sonhos.

Jamais seria Marcolino Mayer, um líder comunitário, ou um homem público. Se pegou em armas ao lado do Dr. Augusto Santa Cruz, nos anos rebeldes de 12, não se há de imaginar que tenha feito um só disparo. O episódio de curta duração define a solidariedade do amigo, com sua ingenuidade e sua distração à francesa.

Poético, nostálgico, bonachão, no seu paternalismo otimista, tornou-se um pai dos adolescentes que conviviam com os seus filhos, que freguentavam as vazantes, em busca de frutas ou que mergulhavam nas águas do rio Parayba, num festival telúrico.

Marcolino, participava tão saudavel, tão sem autoritarismo e sem malícia, que se pontualizava companheiro, em alegrias adolescentes. Viveu 96 anos, dentro dessa mística sem ambições e sem vaidades. Sua plenitude comunitária, em júbilos de um naturalista e em zelos de um grande amigo, culminou e encerrou uma época. A da nossa melhor infância.

Dr. NILO OLIVEIRA

Na nova geração de médicos nascidos em Monteiro, e que na cidade prestam serviços, o Dr. Nilo Feitosa Oliveira possue um nível patriarcal dos mais consistentes. Porque filho de duas famílias tradicionais, conduzindo sobretudo da genitora, uma vitalidade típica dos sertanejos.

Na família Feitosa, grandes mulheres, a diversificarem-se nos temperamentos da intuitiva Perolina, da suave Filomena, da inteligente Laura. Em Da. Maria, mãe do Dr. Nilo um pouco de cada indicativo, com sua marca bem pessoal, de coragem e extroversão. Coragem e extroversão que produziam amizades.

Estudante de Medicina, Dr. Nilo encerrou a rota tradicional dos acadêmicos monteirenses. A Capital Paraibana e nas Ciências Médicas, Campina Grande, passavam a prevalecer. O jovem médico prova como estagiário do novo universo.

Sereno e seguro atendeu ao roteiro curricular e diplomo-se sem dificuldade. Ao optar profissionalmente por Monteiro, demonstrou imensa estima aos seus pagos, no que sem dúvida influia o domícilio da grande genitora.

Amável, pacato, não se deixa alterar nem nos instantes mais esquentados das campanhas políticas, com tios e sobrinhos sustentando a vocação coronelista do avô Nilo Feitosa.

Médico de tempo integral, possue conceito em todo o Cariri, e em Sumé, onde começou a confiança nele prossegue, No expediente do INSS, no posto oficial do INANPS, comparece pontual e nunca se impacienta com a precariedade dos recursos e as angústias da clientela. É de uma devoção que repercute, principalmente que tudo faz com perícia.

Membro do Rotary Clube, única associação que o envolve nos intervalos da Medicina, cumpriu prazo presidencial com elegância e insenção, em atendimento as regras estatutárias.

Na família, de poucos, como acontece com os da sua geração, os cuidados, os investimentos educativos, de um patriarca monteirense.

Dele muito espera a cidade, porque assim dotado e a caminho da maturidade, o Dr. Nilo credencia-se a uma liderança, da qual não pode fugir, nem quando o seu temperamento peça discrição e recolhimento. De um cidadão humilde e bom. Altamente útil a sua gente, aos poderes de sua profissão médica, e mais à riquesa de sua personalidade.

LUCAS TOMÉ

Agricultor típico de Sítio, que conquista seu espaço urbano, para em seguida obter a prosperidade de um fazendeiro, Lucas Tomé transborda numa paternidade de 23 filhos.

Enraizado no seu grupo doméstico, nessa abundância de vocações, assistirá a migração de quase todos, à procura da oportunidade profissional que os cem hectares de terras áridas jamais ofereceriam.

Distingue-se então Lucas Tomé, como um bom conviva dos monteirenses abastados, a recomendar cada um dos seus rebentos que se revelam talentosos.

No Recife alguns deles disputam como inscritos no Vestibular, numa perseverança que bate recordes, como sucede a Jacinto Tomé, cinco vezes teimando em Medicina. Ao fazer opção na Universidade Federal da Paraíba, vence em Curso de Administração, e melhor ainda como modelar gerente do BANDEPE.

O cinquentão agricultor, aproveita da família numerosa, dos matutos que lidera, e por duas legislaturas torna-se mandatário na Câmara de Vereadores de Monteiro.

A vocação política do patriarca de modesta origem, realça em irmãos e sobrinhos e o clã dos Tomé prestigia-se como núcleo eleitoral. Não há porém neles, as paixões e as cobiças que a atividade insinua. Lucas Tomé impõe aos seus comandados o espírito dialogal de um bom senso inato, dos nascidos em Alagoa do Monteiro.

Aproxima-se dos oitenta cercado de estimas. Por reforço orçamentário dos filhos vitoriosos no Recife, em João Pessoa, em São Paulo, moderniza a agricultura, extensiona-se no criatório, inaugura currais, armazens, capela, no antigo Sítio do Meio eletrificado.

Se, como Olímpio Farias escala-se sem ruido e com seus momentos de luto, conserva a perseverança e a bravura dos seus anscestrais, que enfrentaram secas, maus governos, pressões do coronelato, brigas famíliares, tensões da vida sertaneja.

O octogenário Lucas Tomé Monteiro, homem comunitário e público é um sobrevivente do patriarca paternalista, com sua alta moral da velha Alagoa do Monteiro.

LUIZ PEDROSA

Original do percurso monteirense do oficial da Polícia Militar, Tenente Pedrosa, é que tenha deixado a farda ao casar-se com a bela jovem Auta Neves. Dizia-se que a família não apreciava a profissão. De fato, pelos anos de 20 e 40, a promoção na carreira dependia mais da bravura, e raramente de zelos éticos e estudos especiais.

Luiz de Araujo Pedrosa, professor primário e advogado amador, revelou-se um estudioso tão organizado que logo se credenciou a concursos públicos, ganhando vaga de Fiscal do Consumo, a mais cobiçada no serviço federal.

Bem nascido entre os Pedrosa do brejo paraibano, matriz de magistrados e padres, fugira de casa aos 16 anos, para uma aventura que se concluira nos rigores da missão federal.

Ao deixar Alagoa do Monteiro, outra era a presonalidade de Luiz Pedrosa, amadurecido na cidade, com três filhos inteligentes e promissores. Entre os 3, a filha Bernadete a destinar-se a Mestra da Faculdade de Direito do Recife.

Após uma meia dúzia de transferências, próprias do encargo burocrático, Luiz Pedrosa domiciliou-se no Recife, reaproximando-se dos monteirenses, na colônia tão representativa da terra de sua esposa e dos seus primeiros filhos.

Terra que jamais esqueceria, pois em Alagoa do Monteiro definira o seu destino, em afeições e aspirações profissionais tão venturosas. Se o Fiscal do Consumo encerra-se digno, com as homenagens dos colegas que nele reconheciam um dos mais competentes e probos, disporia Luiz de Araujo Pedrosa de alguns anos para acompanhar a carreira universitária dos filhos.

O mestre-escola improvisado, que em Alagoa do Monteiro ministrara aulas a um Lourival Vilanova e a um Netário Brás de Almeida, envelhecia com o seu alto saber apto a definir as inclinações adolescentes e a propor métodos de estudo aos filhos e sobrinhos.

SEU NEZINHO

Um dos mais enraizados filhos de Alagoa do Monteiro, pelas origens, pela profissão, por cada traço de sua personalidade Manoel Carlos Ferreira, o Seu Nezinho tão popular e estimado.

Do Cel. Antonio Vicente, primeiro intendente da Vila em 1872, não herdou Nezinho a inclinação política. Teria sido vereador, sem maiores empenhos, somente se cobiçasse o mandato dentro do seu ambiente de famíliares e amigos.

Nezinho, agente fiscal que é promovido a Coletor Estadual, não se envaidece, nem se tensiona nos afazeres burocráticos. Há de prevalecer nele o poético cidadão, simplista e cordial, que passava todas as tardes pelos botecos, jogava no bicho, batia papos com motoristas e engraxates. Sua veia boémica realçava na música, a redigir arranjos para o seu grupo de afinados instrumentistas, com Adamastor e Adalberto Guerra, por vezes com os aristocratas Epaminondas e Andrelino.

Sem se recusar a uma serenata pelas avenidas de precária iluminação ou cedo apagadas, no provinciano limite da tecnologia dos anos de 20 e 30. Na casa alegre do Cel. Raphael, onde havia piano, bandolim e violino, das filhas habilitadas nos colégios, um ou outro sarau, numa e outra bodas, Nezinho, com seu clarinete, animava os pares, a cidade que se amontoava no sereno. Na época dos chorões, dos chorinhos, das valsas do Padre Artur, um grupo ensaiava atualizado, sob a liderança do Coletor Estadual.

À semelhança de Manoel Sobrinho, a glória patriarcal de Nezinho Carlos adiou-se para os netos. Se os filhos não atenderam ao itinerário monteirense dos colégios do Recife, aos netos a vitória doutoral de nossa contemporaneidade. Num Francismar, bancário e contabilista, há o gosto musical do avô. Se não toma parte em orquestras, estuda, coleciona, restaura pelas técnicas da informática, os dobrados, as valsas, as partituras antigas, com uma intenção de palmilhar os feitos de Seu Nezinho, o radioso e educado boêmio, de uma época da gente humilde de Alagoa do Monteiro.

OSCAR NEVES

Do clã fundador da tradição monteirense, dos bacharéis e homens públicos, das primeiras décadas do século, Oscar Neves sem tais notoriedades, primou pela simplicidade generosa. De um homem bom, com sua religiosidade de vicentino e sua devoção aos familiares. Aos filhos e sobrinhos que muito o estimaram. Agricultor e comerciante sem grandes colheitas nem faturamentos prósperos, mantinha a alegria de possuir o necessário para o sustento decente. Contou em tudo com a diligente presença da esposa Da. Maroquinha, a envelhecer como uma das grandes damas de Alagoa do Monteiro, cujo testemunho sobre os antepassados tornou-se a fonte mais correta dos começos honrosos. Os filhos responderam às oportunidades educacionais da oferta paterna, e se não se doutoraram todos é porque eles próprios se anteciparam em compromissos domésticos, ou não se sentiram vocacionados para as ciências e as letras. Mas todos se cumpriram profisionalmente atualizados, agradecidos ao apoio do velho Oscar Neves, falecido nos anos de 70, na vizinhança afetiva de um Nestor Bezerra, de um Jayme Menezes, de um Mons. João Honório.

No destino de Oscar Neves, o primado do homem religioso, com sua frequência aos atos litúrgicos, com sua alegria cristã de servir. Os vicentinos de Alagoa do Monteiro devem a Oscar Neves, as iniciações organizadas do apostolado que sobrevive. Do belo apostolado que teve no intelectual francês Frederico Ozanam, o fundador glorioso. Sem possuir essas qualificações nem aspirar fama, Oscar Neves, entre os vicentinos, como em toda parte, conduziu a mística serena e suave de um simples. De um grande amigo, um pai exemplar, um cidadão comum e necessário. Sem malícia, sem pôse, sem relevantes posses, sem elevada instrução, e no entanto completo no seu ambiente e em seu tempo monteirense. Biblicamente um Justo.

PEDRO MARIANO

De matuto modesto, dono de Sítio, Pedro Mariano se ergue em senhor da Capoeiras, Fazenda construida por sua imensa capacidade de trabalho. É vaqueiro e é engenheiro, é motorista e é mecânico, tira leite e solda máquina, cava a terra e roga aos ceús pedindo chuva.

Se nas Fazendas maiores do Município, os açudes são Reculares, obras dos primeiros proprietários, na Firmeza, no Monconha, no Paraguay, no Jabotá, nos riachos de Pedro Mariano é ele quem ergue paredes, gerenciando o empreendimento. A inauguração do açude de Capoeiras é motivo para reunir a cidade, que comparece pelas melhores famílias, desde que Pedro Mariano é estimado sem restrições.

Um imenso churrasco, com muita cachaça, sanfoneiros e violeiros, numa confraternização que ficou na lembrança dos anos 40. O açude não chegou a sangrar nas chuvas da década, mas atravessá-lo é um desafio para os estudantes que produzem ruido na festa ecológica.

A esposa de Pedro Mariano é seu braço direito na faina romana. Mas há lugar para um genro, saído da equipe de motoristas do Cel. Raphael: Simeão da Consulta, paciente, modesto, cordial é o operoso e organizado contra-mestre, nas obras da Fazenda Capoeiras.

Sem ter sido feliz na missão patriarcal de promover os estudos dos filhos, conforta-se Pedro Mariano que as noras sejam doutas. A esposa de Reginaldo que substituira o pai no domínio da Fazenda, Da. Ismênia, é uma personalidade de intelectual, com suas leituras e seus cursos. Por isto as netas de Pedro Mariano ocupam direções no ensino, são mestras creditadas na Monteiro de nossos dias.

Do tipo enxuto, com suas mãos calejadas, vestido com simplicidade no paletó saco e chapeu de feltro cinza, Pedro Mariano de Carvalho nos seus dias urbanos é um cidadão educado, atencioso e gentil, na Alagoa do Monteiro já Monteiro, dos nossos dias.

NATANAEL CHAVES

Um membro da Tribu honrada dos Chaves de Camalaú veio a destacar-se no comércio de Alagoa do Monteiro, nos anos de 50, e adqueriu prestígio de empório com irradiação nas cidades visinhas. Natanael Chaves comanda meia dúzia de filhos, dentro de uma política de empresário moderno, a colocar o princípio da organização no espirito de confiança, e com isto os resultados econômicos são bons e as lições pedagógicas ficam.

Sem ter se preocupado em doutorar sua equipe doméstica Natanael deixou a vocação de cada um manifestar-se sob o lastro da escolaridade municipal, com o reforço de um ou outro curso nas capitais.

Viajado o casal Natanael Chaves, areja-se e informa-se, aplicando na cidade do domicílio próspero, a visão progressista de rotas norte-americanas e européias.

Um senso correto da operacionalidade, de trabalho consciente, que supere os improvisos e as rotinas dos antepassados, embora a eles homenageie na austeridade e na presteza, na boa acolhida, sem malícia e sem ganância, de toda a clientela.

Sob o estímulo paterno, dessa valorização do fazer e do gosto inovador, os filhos de Natanel Chaves, assumem o controle da distribuição de gás, ampliam a casa matriz, na variedade das ofertas e ousaram instalar em Sumé uma emissora AM, a Rádio Cariri.

A partir da paternidade afetuosa e austera, de um cidadão inteligente e arejado, cria-se na nova Monteiro um grupo que inaugura a mentalidade empresarial, que sem se estabelecer ao nível de indústria, é favorável à economia monteirense, no que lidera e organiza.

Um patriarca da modernidade, com sua fidelidade aos antepassados é o que saudamos em Natanael de Castro Chaves.

NAPOLEÃO SANTA CRUZ

Fazendeiro em plenitude de homem rural, com seus currais e suas vazantes, seu grande açude na Fazenda Jatobá, tão bem situada à beira da estrada para Campina Grande e a dez quilômetros da sede municipal.

No mapa do pátio, a Casa Grande, de largos alpendres varridos pelo vento nordeste; currais de lado a lado, e uma das vistas das mais encantadoras, sobre o açude com as águas largas e um vasto coqueiral por trás da parede sólida. Nenhuma outra Fazenda de Alagoa do Monteiro possuia esse traçado do Jatobá.

O Major Napoleão não era somente o Autor do projeto : é ele próprio a Fazenda. Criador astuto e cauteloso, previa os anos estiados e se resguardava estratégico. Campeador seguro, que vaqueiro nenhum superava, nem no porte elegante, nem na habilidade com os animais, nem no gosto que superava cansaços e riscos.

Por se envolver tanto com as coisas da Fazenda, não percebeu a importância da educação dos filhos. Talvez estes se empolgassem pelo pastoreio, pelas pescarias, pelo queijos e melaços, e resistissem à ideia dos estudos fora do Jatobá. Os poucos que experimentaram não concluiram. Sucederia o mesmo com os patriarcas mais integrados. Ou de filhos absorvidos pelos encantamentos e afazeres rurais e pecuários. O certo é que o Major Napoleão propiciou à sua larga descendência iniciações e acenos doutorais. Se nenhum deles chegou ao diploma alcançou um nível de educação invejável: Cornélio era chamado de Príncipe e Rodolfo um marido exemplar.

A missão do patriarca se completou em Napoleão Santa Cruz, senhor nobiliárquico do Jatobá, com sua pôse de cavaleiro da escolta de D. Pedro I, que teve essa vez aguerrida ao lado de Augusto Santa Cruz.

No todo da personalidade, uma simpatia gentil, que convergia sobre Alagoa do Monteiro, em dias de festas, todos os sabados, com suas filhas bonitas a acompanhá-lo num reinado de senhor rural que não teria substituto.

NESTOR BEZERRA

Comerciante de vocação, com seu ponto estratégico no beco do centro da cidade, que a população passou a denominar Beco de Seu Nestor, face à presença pontual e elegante do proprietário da Casa A Parahybana.

Nestor Bezerra viveu as alegrias da procriação sadia, com os filhos homens, todos homens, numa sequência que culminou com o par de gêmeos, a se doutorarem em Medicina, no Recife. Singularmente, Fernando e Ferdinando, estudiosos, aptos ao serviço / hospitalar, um cirurgião e outro anestesista. De tão parecidos e solidários, diziar-se que comparecia às provas o mais dotado para a Disciplina, num rodísio fraterno, de impossível contestação. O júbilo doméstico de Nestor rompeu-se com a morte de Ana, a esposa da família Paraguay, vítima de um processo de parto complicado, numa cidade sem maternidade. A partir desse instante amargo, Nestor Bezerra convocou parentes e amigos para a obra que muito contou com a dedicação de Jayme Menezes. Em 1960 inaugurava-se a Maternidade Ana Bezerra Paraguay, cujos serviços prosseguem, tendo sido renovada a instituição na atual administração Francisco Nóbrega.

Fumante de cinematográfico trago, segundo a observação dos adolescentes, convivas dos filhos, Nestor veio a sofrer as consequências do hábito nocivo, ao enfermar de enfisema, encontrou na segunda esposa D. Nadir, as atenções que a doença exigia. Sem ter envelhecido, faleceu em ambiente de grande pesar para a comunidade que tanto o estimava.

Os seis filhos homens de Nestor diplomaram-se numa pontualidade e numa variedade universitária das mais organizadas. Dois médicos, um bacharel e três engenheiros.

O patriarca que nunca passara dos estudos municipais ganhou pontos culturais, no zelo de cada um dos seus doutores. Compareceu a cada solenidade, conciente do que realizara para a sua Alagoa do Monteiro, confirmada terra de doutores pelos demonstrativos da paternidade de Nestor Bezerra da Silva.

Dr. NETÁRIO

No Recife o Tisiologista famoso manda seus doentes mais graves tentar a recuperação na sua Alagoa do Monteiro. E vez por outra está na cidade, a visitar parentes e amigos. Encerram-se uns e outros e o Dr. Netário continua. Pernoita na Pedra, em casa de familiares, para amanhecer em Monteiro, como se viesse fazer ginástica. Só que a caminhada é um lento recordar com lágrimas nos olhos. Menino pobre, de uma família com dificuldades a vida inteira, desde os arrazos odientos de 30, o estudante deveria sentir-se bem melhor na capital onde era conceituado. Mas não esquece, não desiste. Tem Alagoa do Monteiro no sangue e na alma.

Os monteirenses enfermam fácil no Recife. A cidade sanatório lhe faz falta, e a capital é ingrata. É poluida, contagiada, sem vez para os que migram.

Dr. Netário, abre vaga na sua clínica de ricos para os quase flagelados que o procuram. Os conterrâneos que além de fracassados, contrairam a tuberculose.

No Hospital do Sancho, da sua militância profissional de 30 anos, é o mesmo em acolhimento e receituário. Pronto a internar quem precise de uma cirurgia.

O velho Nétario, orgulha-se dos filhos que educou. É um patriarca distante de suas origens, mas nelas apegado para a assistência que presta aos seus. Possui o raro privilégio de entregar a sua clientela a um filho de cursos na Europa, os cursos que nunca fez.

Compensou a modéstia curricular com a atenção e a generosidade, de um médico no seu consultório, no seu hospital ou no seus postos, igual para todos e para todos um curador.

Aposentado volta-se para Monteiro, para dar a mão aos que dele ainda precisam. Não virão procurá-lo, desde que cientes da presença pontual do Dr. Netário, na cidade do Cariri.

O bom e ingênuo Inocêncio, ao explicar porque comprimentava pessoas nas ruas do Recife, afirmava ser o Pai do Dr. Netário, a quem todos deviam conhecer. Em Alagoa do Monteiro essa saudação grata do médico vai durar até o final do século. O século, cuja metade foi o tempo clínico e afetivo do Dr. Netário Braz de Almeida.

OLYMPIO GOMES

Da família numerosa, dos que nasceram na fazenda Caiçara de pais procedentes de São Caetano, no Agreste Pernambucano, Olympio Gomes por setenta anos viveu Alagoa do Monteiro. Afirmava-se local, comunitário, fiel e feliz no ambiente adotado / pelo casamento com Joventina, do clã Raphael. A semelhança de Marcolino e Alcindo, obrigava-se a residir na sombra do patriarca mó. Olympio Gomes acostou-se completo, a assessorar o velho que ultrapassaria os noventa.

Tornou-se uma espécie de avô representativo, para a netaria numerosa que impacientava o titular. Saudavel, habilidoso, gentil e bem humorado, Olympio, o tio Olympio, estrategicamente retirava a meninada do Sobradão e comandava excursões pelas vazantes, peloserrotes, à procura de umbus e jaboticabas, com direito a um tiro de revolver para os mais velhos.

Criador de cavalos, domador, elegante no montar, passeava com os menores na garupa. Merecer o empréstimo de um cavalo raceado, do tio gentil, era um privilégio dos adolescentes que iam se exibir para as namoradas.

Modesto nos negócios, precavido em subistituir a loja pelas casas que alugava, atendia com um jeito piedoso os que chegavam enfermos, tossindo com as febres pulmonres. Dele a idéia de alugar sempre a mesma casa, nos trechos periféricos da cidade. A Rua do Catarro, nasceu dessa cautela comunitária de Olympio Gomes. para poupar do contágio as crianças que proibidas ficavam de brincar nas aréias da avenida sanatório.

Personalidade municipal, de poucas letras e de convivios limitados, sem viagens nem correspondência, dispunha de tempo integral para alegrar e servir, servindo mais com o estilo de Franciscano, sem participações políticas nem aflições de empresário, no permanente bom humor de seu tempo doméstico, bom tempo de Alagoa do Monteiro.

Ao enfermar, conduziram-no para o Recife, onde duraria uma década, a caducar pensando nos cavalos de raça e nos roçados à beira rio, tentando fugar para o mundo sertanejo dos seus encantamentos. Que distribuia com uma jovialidade comunitária.

PEDRINHO BEZERRA

De estirpe ilustre que dera um dos mais apreciados homens públicos do Interior, o seu pai Cel. Pedro Bezerra, em Pedrinho e simplicidade quase displiscente de quem não nasceu para a glória.

Apegado ao seu mundo rural, como Tobias Mayer ou Napoleão ou outro Pedro, o Mariano, havia no proprietário de Floresta uma alegria desprendida. Uma quase contradição entre o estar presente e o não cobiçar. Em tudo investir sem preocupações de lucro.

O temperamento folgazão e o ruralismo prevalente, diminuiram um pouco o patriarca de vigília educacional. Os filhos inteligentes não se escalaram para o diploma como sucederia aos de Inocêncio ou aos de Nestor. Mas houve colégios - e dos melhores, para cada um deles. Nas filhas um rendimento pedagógico apreciável. E nos filhos a profissionalização garantidora do bem estar.

Pedrinho Bezerra assumiu compromissos políticos irrecusáveis a um filho de chefe imperial. Mas também não se esmerou no partidarismo. Dava sua cota sem romper com os adversários, e não deixava de zombar das paixões municipais. Corajoso e brincalhão, operoso e simples, havia de liderar sem fazer pressão, por estimas com os mais humildes, os camponeses e vaqueiros, seus compadres.

De pouca instrução, sabia admirar os talentosos, e prestigiava recitais e conferências, leituras e livros de seus conterrâneos.

Casado com uma filha de Satyro Feitosa, apurou-se no criatório, no mesmo vale do Distrito de Camalaú. Mas comparecia polido à feira e às festas em Alagoa do Monteiro. Para conforto da família, e melhor proveito nos estudos, dos filhos, comprou casa na Praça João Pessoa, onde por vezes madrugava, em caminhadas de sertanejo.

Um homem de fibra, gentil, alegre, patriarca simples, na Alagoa do Monteiro dos seus prestigiados ancestrais.

PEDRO MARCELINO

Um patriarca menor, com seu zelo e sua dignidade maiores. Filho de seu Theofilo, o gerente do coreto que organizava as retretas e carregava nas costas um vulumoso rádio philips que transmitiu toda a Guerra.

Pedro Marcelino, esforçado em aulas primárias, a melhor letra no tempo em que caligrafia valia nota, não contou com o ginásio e ficou na terrinha em funções de auxiliar, na Polícia e no Cartório.

Casado com uma Menezes, Da. Helena, aprendeu no convivio com Alcindo e Jayme, e tornou-se um adulto bem informado, com suas revistas e seu jornal, pronto para a missão paterna que cumpriu extremadamente.

Os dois únicos filho do casal, orientados foram nos estudos dentro de uma mística que se inspirava em Da. Terezinha, a primeira mestra de Escola Normal, a vir ministrar aulas no Moxotó Brabo de Ulysses Lins.

Pedro Marcelino assistia em tudo ao casalzinho que adqueria corpo e saber. Se o salário não dava para comprar dicionários e atlas, comparecia às bibliotecas, anotando com a boa letra tudo o que interessava ao curso dos seus estudantes. Encaminhados para o Banco do Brasil, dentro da aportunidade / monteirense mais cobiçada, ganhariam os dois, Bosco e Auxiliadora, os diplomas que o pai sonhava. Nos nomes a marca salesiana de Da. Terezinha, a avô que se orgulhava do irmão Batista professor da Ordem e que tivera os filhos Alcindo e Jayme, no Internato do Recife, sob a proteção de São João Bosco.

Pedro Marcelino, humilde, de boa fé, seguiu minuciosamente o itenerário que a sogra pregava, numa atenção heróica pelos adolescentes que tinham sobejas razões para adorá-lo.

Esse pai modesto e bom, faleceu de um ataque cardíaco quando cuidava do quintal da casa própria, adquirida com redobrado esforço. Aos 56 anos se ia um dos melhores monteirenses, nessa dimensão doméstica do servidor dos filhos. Amigos, e muitos, sentiram o golpe e se enlutaram por Pedro Marcelino, um raro homem sem defeito, Modesto, paciente, de devoções paternas imensas.

PEDRO NUNES

Modesto na sua condição econômica de proprietário menor, veio a aparecer o patriarcalismo de Pedro Nunes quando os filhos Pedrinho e Joselito, passaram a distinguir-se na Casa de Monteiro no Recife.

No apoio aos filhos, numa primeira visita à Capital a presença do Sr. Pedro, nunca graduado, produziu entusiasmos. Um varão bíblico com seu saber e seu bom senso, com seu porte de holandez, a que faltava apenas os olhos azuis. De mãos imensas, a realçarem pelo calejamento do criador-agricultor, com corda de laçar e enchada em caibro grosso, compunha a corpulência com uma fala irreverente, de critíco social e a boa risada, a lembrar Cícero Nunes.

Na Capital viveria um drama pouco comum aos nascidos em Alagoa do Monteiro : uma filha de vinte anos enfermou de câncer, e a lenta agonia penalizou toda a família. O velho Pedro, a suar nas salas dos hospitais, pertubou-se quase confuso, a odiar a metrópole, lembrando da pacatez dos seus pagos entre bois e carneiros sadios.

Refez-se com a solidariedade dos filhos, as preces da esposa, e aceitou demorar-se um pouco no Recife, acompanhando as primeiras vitórias dos que ingressavam nas Faculdades. No recem-criado Município de Prata, sua Fazenda já não mais pertencia a Alagoa do Monteiro. Compreendeu os bairrismos familiares que deixavam de lado a velha sede, com o asfalto facilitando vir ao Recife, sem passar por Monteiro. Mas a mistica regional, do matuto do Cariri nunca esmaeceu em sua personalidade orgânica : do homem viril e sensato, econômico e confiante, altivo e generoso.

Só ao perder a esposa é que se percebeu sem futuro. Trancou-se no sítio, e aguardou sua vez com a coragem dos resistentes.

Passou dos oitenta, e como os pais, sentiu até a última hora o gosto de pertencer ao mundo rural, do semi-árido sertanejo, com as tradições de honra e religiosidade que a família se obrigava a seguir. Na moral dos seus doutores os zelos domésticos das convicções. Assim findou num suspiro ruidoso.

RAUL SIMÕES

Uma vocação de engenheiro mecânico que se satisfaz com o empirismo da tarefa rotineira, sem pontualidade, num amadorismo folclórico.

Cecílio Simões, pai de Raul, inaugura em Alagoa do Monteiro o tempo madrugador sem compromissos profissionais. Pelas três horas é visto na Praça João Pessoa, indiferente à solidão e ao frio, fumando tranquilo. Raul possuirá essa natureza. Herda a pacatez filosófica dos Simões, inteligente e inativo.

Mas é um líder na classe prestigiada dos motoristas. E faz escola, na sua oficina mecânica. Os motoristas recorrem a Raul, como um intermediário por melhores estradas, como um advogado por melhores pontos, como um mandatário para se suprimir multas ou se maneirar nos exames.

Raul Simões é um poço de informações municipais. Um portador de um anedotário que diz muito sobre a cidade. Mas ninguém tão folclórico e anedótico como ele, Raul, o solteirão com seus filhos crescendo, o técnico em máquinas que recusa clientela, o cinquentão que se aposenta sem garantia de pensão. As irmãs Antonia, Honorina e Alzira, afanam-se nas costuras, confeccionam com elegância, e rezam muito, tudo para Raul, por Raul, que é um mininão indisciplinado. Das oito às onze, é visto pelas sinucas, pelas bancas de bicho, onde joga com perícia e sorte. Voltará pelo fim da tarde, depois de bom almoço e soneca longa. Uma personalidade voluntoriosa e altiva, nada displiscente, nem ingênua no seu modo de vida. Ele é um filósofo grego, contemporâneo de Diógenes, Sua presença em Alagoa do Monteiro teve seu lado útil. Primeiro porque amou a cidade, jamais admitindo outro domicílio. Segundo porque ensinou seu ofício gratuitamente, aos iniciantes. Terceiro porque fez amizades, e a elas foi fiel, em atitudes de um caráter. Se possuia seu bom humor desambicioso, sua modorna sem agressividade, aceite-se o temperamento e fique_se com o melhor nessa grandalhão, personagem do romance sertanejo ainda não escrito.

RODOLFO SANTA CRUZ

Proprietário rural que pouco vinha à cidade, integrado e realizado na agricultura e no criatório, Rodolfo Santa Cruz somente ultrapassa a natureza para conviver com a família. Pai devotadíssimo porque esposo extremado. Ao lado da sua querida Toinha, dileta filha do casal da rua da Várzea : Chico Torres e Filó Gomes, somava um complexo genético monteirense dos mais expressivos. E não se julgava responsável por outros encargos. Bastava-lhe o Riachão e o clã com nove mulheres.

Simples, Terno, trabalhador, Rodolfo Santa Cruz jamais fez uma inimizade quando também não se preocupou em fazer fortuna. Mas assim como cuidava dos amigos, cuidava do seu mundo rural. Um fazendeiro aprendido na escola mais creditada do Major Napoleão, o pai, do tio Major Hugo, do Cel. Sizenando, o legendário vizinho.

Rodolfo Santa Cruz, apesar de não ter sido um longevo, quando o grande coração parou aos 65 anos, conviveu com os genros, bancários, dentistas, funcionários públicos que converteu à vida rural. E que hoje prolongam essa herança com êxitos respeitáveis.

Para educar a descendência numerosa, instalou-se em Monteiro, onde o lar feliz renovava as tradições do patriarcalismo dos anos de 30, na segunda metade do século. Se os velhos coronéis, ao seu pai, ao seu sogro, aos Feitosa e Raphael, Dantas, e Neves - haviam encerrado o ciclo das casas senhoriais, na mediania honrada do lar de Rodolfo Santa Cruz, as visitas, as serestas, a convergência das estimas mais puras. Se definido politicamente, a assegurar votos de sua simpatia, não era propriamente um homem de Partido, nem se comprometia radical.

Personalidade ecumênica, de compustura superior, um patriarca sem pôse, grande pai, grande amigo, honra maior da gente sertaneja vinculada a Alagoa do Monteiro.

SIZENANDO RAPHAEL

Caso raro o de um patriarca sem filhos, a reinar sobre o destino de Meio milhar de camponeses, vaqueiros, mecânicos, seguranças na Fazenda Feijão, a mais populosa e bem cuidada do Cariri paraibano. De fama regional. Parentes numerosos, dos irmãos aos sobrinhos, receberam acolhida, amadureceram experientes, sem que um só se credenciasse a substituir o Cel. Sizenando quando este faleceu aos oitenta e dois anos. Após um derrame cerebral, acometido nos exageros da engenharia empírica do construtor de açudes.

O fazendeiro que ocupou cerca de seis mil hectares, onde chegou a arrebanhar cinco mil cabeças, cumpria o imperativo ecológico de fechar todos os riachos. Nos cearenses do clã Pompeu se Souza Brasil, os pioneiros de uma ciência botânica e hídrica para o semi-árido, havia aí por 1830, preocupações sistemáticas com as secas. Sizenando Raphael se esteve no Ceará, foi no Juazeiro de Padre Cícero. Mas o Padre dos beatos, era também entendido e iniciado em culturas nordestinas. De área seca, onde possuia vastas terras. Criador caprichoso, tão orgulhoso dos seus rebanhos que colocou luz elétrica nos seus currais antes de qualquer cidade do Cariri, ao ser indicado para a Prefeitura de Alagoa do Monteiro, Sizenando não demostrou igual iventividade. Seu mundo era realmente O Feijão, com seus clientes dóceis, com seus compadres atentos, seus afilhados de plantão.

Açudes inter-comunicantes, num sistema de irrigação pioneiro ; sementeiras de palma e capins, em primeiros plantios no Sertão ; roçados de cactus, de muita originalidade que e o modernismo, da eletricidade, dos veículos, das estradas. Sizenando comerciava diretamente com o Recife, sem ir a Campina Grande, muito menos à Capital da Paraíba. Em Alagoa do Monteiro, sua visita era festiva e benemérita. Dispunha de homens em armas para defender a fazenda e os parentes na cidade. Os cangaceiros sabiam disto e respeitavam. Um imenso homem de trabalho, fiel ao seu universo e ao seu povo, nascido e nunca saído de Alagoa do Monteiro.

SILVA BRITO

De São José dos Cordeiros, como Inocêncio Lopes, Alexandre da Silva Brito é uma vocação política que encontra na Alagoa do Monteiro dos anos liberais, de 1950, sua oportunidade municipal. Ninguém se relacionou com tanta atenção e com tanta habilidade, com a população pobre. Principalmente com o homem rural.

Silva Brito conta com a família Mendes, com os seus cunhados Heráclito e Tadeu, muito bem quistos e aptos à arregimentação partidária.

Contará especialmente com a esposa Da. Elvira, que, sem as disposições - e muito menos ambições de uma primeira Dama é gentil e paciente, num conjunto de virtudes do agrado do pobre. Sem malícia nem estratégia, Da. Elvira, comunitariamente vocacionada, prestigia o marido e conquista eleitores. Os filhos numerosos, do patriarca à antiga, cedo se ativam na mobilidade incançavel do pai, sempre candidato. Alguns ja adultos, comparecem com a palavra nos comícios ou com os financiamentos que as campanhas exigem.

Silva Brito faz escola de populismo e por isto, por três vezes, ganha pleitos municipais. Por ter sido Prefeito tantas vezes, em inéditas conquistas, dele teriamos esperado mais nos destinos da muncipilidade. Sua dívida com o eleitor pobre, a coincidir com o seu estilo administrativo, assoberbou de funcionários a edilidade a deixar de lado prioridades técnicas. Essa avaliação honesta não prejulga preconcebidamente, nem exclue virtudes outras do homem público, sobretudo sua preocupação com os mais carentes. Nota dez aoreóla o patriarca Silva Brito, objeto de nossos perfis. Um pai extremado, que oferece a cada um da sua paternidade decenal, o grau superior em estudos metropolitanos. Não lhe foi fácil o projeto se tinha de atender a catorze filhos. Na maioria deles a resposta correta, que combina com a tradição monteirense, dos talentos doutorados. Alexandre da Silva Brito patriarca clássico pelo número de filhos, moderno pelo diálogo com eles, e no todo doméstico uma amostra da grandeza monteirense.

SEU THEÓFILO

Um servidor municipal, com seu expediente no coreto, é o homem pouco humorado que alegra a cidade. Pontualmente pelas dezoito horas, sobe a curta escadaria do coreto, e pôe a funcionar um rádio philips, o primeiro em escuta na Alagoa do Monteiro de 1938.

Seu Theófilo é o servidor sizudo, encorpado, de pouca altura, porém bastante robusto para conduzir diariamente o aparelho transmissor. Dizem que possuia um calo no ombro direito, por conta dessa tarefa. Para a cidade, antes de Difusora, a fonte pública e informações e de músicas ; de programas culturais, como a crônica de Gilson Amado, lida por Cesar Ladeira, ao Papel Carbono de Renato Murphy. Só não escutavamos o Almirante do Fantástico e Extraordinário, porque Seu Theófilo, às 21, 30 recolhia o rádio. Ao se encerrar o noticiário da BBC, nos idos da Guerra, a cidade silenciava. Era a hora dos jovens se recolheram. Nos tempos do folclore agressivo se dizia : " soltaram a onça ". Nos nossos civilizados, retiraram o rádio... Seu Theófilo sózinho. O cidadão de pontualidade mal-humorada, gerou filhos melódicos: Biu, Dé, Pedro e Luiz Marcelino, tão presentes foram em bandas e orquestras monteirenses que dificilmente teria havido a época das retretas, das serestas, dos desfiles musicais, sem eles. Na impossilbilidade de educar os filhos no Recife, como era comum à classe média de Alagoa do Monteiro, o velho Theófilo velou para que aprendessem artes. Uma delas a música.

No coreto de Seu Theófilo as distrações mais nobres da cidade pequena e pacata. Pela noite o rádio com todo o volume noticiava, inundava de boa música as horas monótonas do ceu estrelado. Se havia futebol, Fla x Flu ou Seleções : Paulista x Cariocas, e lógico a Seleção Brasileira, famosa desde 1938, cujo campeonato mundial, na França transmetido foi via rádio da Praça. No coreto as retretas, em seguida o sorvete e os refrigerantes do bar modesto.

Seu Theófilo, patriarca singular, no seu zelo de funcionário pobre tornava a cidade civilizada, a todos enriquecia com o expediente sob seu comando, e presente está nos Marcelinos, filhos e netos de origem bem monteirense.

SEBASTIÃO CESAR DE MELO

Do agreste pernambucano, o terceiro telegrafista a consorciar-_se com filha de patriarca de Alagoa do Monteiro e a compor por igual seu núcleo doméstico, Sebastião Cesar de Melo ganha posses e prestigiar-se na década de 30 a 50. É um homem cordial, sereno e simpático, por vocação.

Escala-se do funcionário federal para o homem público, a atuar como fazendeiro, com moderna visão do criatório e culturas municipais. A Fazenda Paraguai é conservada com um zelo modernizante do jovem Cesar de Melo, facilitado em seus projetos, pela precoce colaboração de filhos e genros. Sóbrio e operoso, como Alcindo Menezes, lembrará o farmecéutico na boa administração que realiza nos anos de 50, à frente da Prefeitura de Monteiro.

O homem público Sebastião Cesar de Melo é exemplar, tanto pelo que produz em obras, como pelo que testemunha em compustura e serenidade. Em meio às paixões partidárias locais, sobressai-se o bom senso cordial de um cidadão civilizado.

Educará seus oito filhos nos colégios e Faculdades do Recife, com tal organização que não se abala em seu patrimonio para conseguir a melhor escolarização. E num aspecto inédito, conseguirá que os varões retornem a Monteiro, para, sob a liderança do octogenário conservará a Fazenda Paraguai, uma das raras propriedades do Município que não decai, nem se fragmenta.

O octogenário Cesar de Melo é visto até os meses finais, a dirigir seus negócios, numa presença singular do patriarca que não se aposenta nem abre falência.

TEMI

De horizonte profissional curto e sem ambições de proprietário Temistocles Viana, popular e carinhosamente Temi, é uma das figuras mais enraizadas de Alagoa do Monteiro. De constituição robusta, de temperamento afável, de mobilidade artística, uma mestre da convivência, Temi está em toda parte e participa.

Na sua descendência, somente homens, os adolescentes esportistas, com o sóbrio Antemildo que é capitão do Timi, e outros três peraltas, desafiantes, brigões. Temi tudo faz para que se ecolarizem corretos. Perde a batalha do patriarca monteirense patrocinador de doutores. Não assistirá a uma só entrega de diploma. Mas acompanha o encaminhamento profissional dos seus varões. Cumpre sua missão, dentro dos seus limites estreitos.

Nada altera o gosto de viver, a exuberante saúde do funcionário público que se aposenta, deixa Monteiro por uns anos, tropeça saudoso em São Paulo, e volta com a gula do octogenário matuto para sobreviver por outra década. A velhice de Temi é um referencial dos melhores, do clima, da água, do meio monteirense, aonde não se há de esquecer a boa prosa, a confiança entre os convivas, as lealdades, os desinteresses, as composições.

Temi dura lúcido e firme, na elegância simples do homem viril, que supera achaques, baixos salários, contra-tempo dos filhos, viuvez, para perseverar ele próprio um exemplar da condição humana desafiada, porque sabe descobrir nas pequenas coisas municipais, nos segredos da vida comunitária, o melhor remédio para as desventuras, para a velhice.

Na Monteiro dos anos 60, com energia de Paulo Afonso, TV, Telefone, no reinado da Embratel, Temistocles Viana é um personagem dos anos de 30, com sua simpatia, seu gosto de natureza, seu respirar forte, seu dialogar alegre, sua quase eternidade. Em Temistocles Viana, o homem comunitário que em pureza e constência se encerrou com ele.

TADEU MENDES

Da geração dos doutores, a de Netário, Luiz, Clemencau, sem iguais estímulos e vocação, Tadeu Mendes nunca saiu de Alagoa do Monteiro para ser um patriarca sereno e seguro na sua comunidade.

Agricultor e comerciante, no múltiplo das atividades municipais, acrecentou muito ao herdado, e se positiva como monteirense abastado. Na juventude, bom músico, bom dançarino, típico da sociedade que amadurecia com ele, Nunca se iludiu com política nem nunca quis aventurar-se pelo Sul.

Um negociador sério, em algodão, em agave, em gado. Deu emprego a muita gente humilde, com a capacidade gerencial de suas terras, seus currais, seus armazens.

Solteirão cobiçado nos anos de 40, casou-se com uma campinense que refinou a personalidade viril e enraizada de Tadeu Mendes, e ao lhe dar filhos e netos é uma educadora atualizada, a estimada Da. Natérica, convertida em Dama monteirense.

Tadeu envelhece contrariado porque gosta tanto da vida que usufrui com prudência, que encerra qualquer etapa ou desistir de suas atividades é custoso para o homem habituado ao trabalho e ao convívio fraterno.

Está em todas as promoções sociais: na Festa da Padroeira, no campeonato de futebol, nas inaugurações, no Rotary Clube. Na calçada, toda tarde, por vezes até muito tarde, quando o calor visita a cidade serrana, é um conversador visitado e seus assuntos são monteirenses, de chuvas, de plantios, de culturas e sementeiras. Cita o farmacéutico Alcindo Menezes como o seu mestre, nesses temas rurais, e o caráter do Prefeito de 1940, é para ele um modelo de grandeza.

Bom sujeito como se diz na terrinha, Tadeu Mendes, é fiel ao seu meio, ao seu tempo monteirense, do seu reinado afortunado. Sem ódios nem ambições, cauteloso e econômico, tranquilo na sua saúde de ferro aproxima-se dos 80, querendo ter apenas a metade. Nele realça esse raciocínio de um forte.

TÉRCIO RAPHAEL

Da ribeira do Pajeú, aonde criava gado e plantava cereais nas vázeas férteis, mantinha Tércio Raphael o compromisso filial com o pai que envelhecia, e vinha a cavalo, por dentro das serras em visita semanal a Alagoa do Monteiro.

Abastecia o Sobradão do Coronel com carnes e queijos, com rapaduras e alfinins, num regalo para a netaria que ia aguardar na rua da Várzea o comboio procedente do Morcego.

Personalidade autoritária, de machão, enevelheceria dócil, na paternidade mais terna. Nos anos da maturidade assustava. Era o comandante da casa do velho octogenário recolhido ao seu repouso e às suas rezas. Os netos, logo que se saciavam das doçuras do Pajeú, caiam fora, recolhiam as bolas e petecas receiosos da vigília fiscal do tio.

Sofria por conta dessa fama. Reclamava por não ter ido estudar fora, como sucedera ao irmão Sebas, médico diplomado no Rio de Janeiro.

Cuidou então para oferecer aos filhos o que haviam lhe negado. Em duas etapas, essas preocupações renovadas. Do primeiro casamento com uma prima, da Fazenda Varzinha, do Cel. Paulino, 3 filhos ; da segunda esposa, Theonas, dos Nunes do Bonfim, 8. Todos passaram por internatos do Recife e de Campina Grande, Quatro dos homens da geração mais nova, diplomaram-se. Alagoa do Monteiro, sem ser a terra deles, dos filhos de Tércio, os atraiu afetivamente, principalmente nos anos finais do avô.

Mas para o Cel. Tércio, coronel de espada e diploma que se ofereceu para ir lutar com a FEB, em gesto distinto, de patriotismo saudável, de um cidadão cinquentão, para o Coronel do Morcego, Alagoa do Monteiro era a terra e se fazer presente na vida comunitária, uma obrigação e uma honra.
Pertence assim o Cel. Tércio Raphael à galeria dos patriarcas monteirenses.

SEU ZIANO

Um Alcantara Guerra, das famílias primeiras de Alagoa do Monteiro, exerce funções de agente fiscal, sem jamais perder os hábitos matutos de um agricultor com pequeno curral em seu Sítio.

Numa posição singular, a moradia de Seu Ziano fechava a Rua da Várzea, obrigando a estrada que se destinava aos sítios da ribeira do Parhayba a fazer uma curva, na subida leve, a caminho do Engenho Velho e do Tingui.

O urbanismo que acompanhou os anos prósperos de Alagoa do Monteiro não se preocupou a retilinizar o trecho, como uma avenida mais extensa com calçamento e iluminação.

A casa do Seu Ziano, com modificações dos novos moradores, não se confunde com as da vizinhança, por causa desse caráter de prédio colonial, a fechar a Rua da Várzea. O cidadão que ali habitou por meio século e criou uma dezena de filhos não se preocupou com as distinções políticas, nem comunitárias. Falava-se num certo orgulho dos Guerra, que nas filhas realçava, sem que se explicasse a fonte doméstica. Nas netas Isa e Albenita, esse orgulho é um componente do elevado índice intelectual das universitárias. Agente fiscal sem oportunidade de promoção; agricultor com seu espaço de pomar, Seu Ziano era lembrado pelos filhos, habilidosos no futebol dos anos de 40, para em seguida se profissionalizarem fora da terrinha. Adalberto, Jurandy, Ignácio - craques da seleção monteirense. Em Adalberto o complemento musical, de um discípulo de Nezinho e de mestre Dudu, com seu trombone afinado.

No Sítio de Seu Ziano a acolhida cordial aos jovens que iam à procura de frutas, atraídos pelo banho no barreiro de águas limpas. Havia também um leite puro no pequeno curral anexo. Nas noites de lua, esse espaço tão próximo da cidade, essa casa colonial de resistência suburbana, atrai para as serestas que ali tinham começo ou conclusão.

No homem simples, gentil, Vespaziano de Alcantara Guerra, os traços e as acolhidas do patriarcado de Alagoa do Monteiro que os filhos e netos cultuam com inteligente dignidade.

TOBIAS MAYER

Pontual no dia de feira em São Tomé, a dez quilômetros de sua Fazenda Firmeza, Tobias Mayer pouco aprecia em Alagoa do Monteiro. Mas tudo que acontecia na sede municipal chegava ao seu conhecimento, via Alcindo Menezes, seu grande amigo e a Marcolino seu irmão.

Personalidade original de um meio ilhado na vasta propriedade, pelas vigílias da esposa, oriunda dos Barros, gente corajosa do Pajeú. Tobias não se magoava das anedotas que corriam sobre os seus limites domésticos e cuidava em produzir. O gado bovino era sua fonte principal, aprendido com Sizenando seu vizinho. Açudes capacitados para enfrentar anos estiados e poços artesianos, asseguravam à Firmeza o redimento de um bem estar que não era maior porque o Major Tobias gastava a metade das suas rendas com os filhos nos Colégios e Faculdades. Definido, decidido, leal, construiu o seu patrimônio a partir da herança do casco da Fazenda do velho francês o Cel. Adolpho. Mas duplicou os hectares e as bemfeitorias por conta de uma ascese matuta, na qual incorporou as sugestões dos filhos e genros.

Na Casa Grande da Firmeza hospedaram-se homens públicos, Secretários e Governadores. Mas nada tão agradavel para os jovens de Monteiro como forçar a acolhida do casal da Firmeza para o namoro com as sobrinhas bonitas que vinham do Recife, tomar banho de açude e beber leite nos currais do gado raçudo. Tobias pilheriava, contava histórias aventurescas do seu tempo de menino. Sem se predispor ao luxo aceitava a condição de sala de visita de sua aprezível Firmeza.

Viveria até aos 95, na longevidade do irmão Marcolino. Só que os útimos dez anos no Recife, conduzido pelos filhos que se jugavam na obrigação de oferecer atenções ao casal que envelhecera sozinho.

Um tipo humano de sólida composição sertaneja, operoso e organizado, econômico e progresista, principalmente se a educação dos filhos estava em prioridades do seu projeto existencial. De uma sáude física e mental que espantaria aos nórdicos europeus mais presunçosos. Descrentes da plenitude biótica de um latino.

ZI ROMÃO

Situado entre os patriarcas da modernidade, o filho do modesto e tranquilo motorista Joaquim Romão, é uma inteligência inquieta e polêmica. Uma personalidade com seus desafios, seus riscos e seus desperdícios. Mas um pai de família que zelou pelos estudos dos filhos e colheu os frutos dessa gerência doméstica. Secretário da Prefeitura Municipal, nos anos da administração Alcindo Menezes, Zi Romão aprendeu a admirar o farmacêutico de origem pernambucana, e escutou o aconselhamento para que ingressasse no Banco do Brasil.

O funcionário esperto e talentoso, que fácil aprendeu os macetes da instituição financeira, soube indicar aos filhos a mesma área profissional. Se nem todos se fizeram bancários, a maioria assim se localizou, ficando para os mais dotados a audácia de profissões técnicas, em novidades de informática e eletrônica.

Pos três ou quatro vezes Zi Romão obrigou-se a sair de Monteiro. Para atender ao esquema de rodísio do Banco do Brasil, para facilitar os estudos dos filhos, por razões de saúde. Voltou para não se diluir em saudades de sua terra.

Advogado competente, apesar de não ter se titulado, havia aprendido com Dr. João de Almeida, Zi Romão encontrará sempre uma clientela que nele confia.

Se a velhice chega, principalmente porque se submeteu a 3 operações cardiológicas, o vivaz e irreverente Zi Romão, pede com urgência, o ambiente monteirense, onde é possível papear sem compromissos e sem riscos de um assalto.

Nas esquinas da cidade, entre a Prefeitura e o Banco, na Av. Alcindo Menezes, que tanto aprecia, a hora nostálgica do memorialista. Se as forças já não o sustentam nesse expediente de esquineiros, aguarda na calçada, como nos bons tempos de Jayme Menezes, a visita cordial e inteligente. Porque neste patriarca da modernidade, com seus nove filhos à antiga, a inteligencia é um supremo valor, e um dom monteirense. O que se flagra em Manoel Romão Sobrinho, o questionado e estimado Zi Romão.

Terceira Parte

PATRIARCAS POR BENEMERÊNCIA
(ITINERANTES)

Patriarca é o grande pai. É o chefe de família numerosa com seus filhos e seus agregados. Da gens ou tribo que fez o povo hebreu e o povo romano. Patriarca: o pai Abraão. No nosso caso, o cidadão que comanda seus descendentes e seus servos, numa Fazenda. Ou a cominidade solidária por sangue e interesses afins, de comércio, de atividade pre-industriais, urbanas.

Há um patriarca cultural. De Liderança escolar, o mestre-escola de Areia e Mamanguape, na Parahyba do século XIX. Antes dele, o pároco também por vezes professor, pároco secular, na maioria, porém em alguns casos o franciscano, o capuchinho. Em nossos dias, o Redentorista.

O líder político, coronel de comando arbitrário, tido como encerrado em 1930, com Zé Pereira de Princesa. Médicos rurais, interioranos, municipais. Médicos doutores e Médicos por vocação, no empirismo da tarefa, de qualquer forma instruídos, lidos, atualizados. O maior deles, Amaro Lafayette, nascido em Alagoa do Monteiro, no Sítio Cacimbinha, domiciliado por meio século em Alagoa de Baixo, com sua presença luminosa, clínica e mística, nas ribeiras do Parahyba, Moxotó e Pajeú, que Ulysses Lins e Luiz Wuilson estudaram. E patriarcalmente lideraram.

Alagoa do Monteiro inscreve historicamente os dois modelos: no empírico Amaro Lafayette, no cientista Dr. Rafael Sebas. Em cada Município tronco do Sertão, um médico patriarcal : Lídio Paraíba, em Pesqueira, Dr. Coelho em Arcoverde, Dr. Sampaio em Floresta, Orlando Paraym em Salgueiro.

Na modernização das sociedades, pela radiofonia, pelos esportes, pelas artes, patriarcas jovens, patriarcas da transição.

Alagoa do Monteiro da primeira metade assinalamos uma dezena de Beneméritos Patriarcais. Eles procedem da vizinhança sertaneja, do Cariri, como das cidades litorâneas, do Brejo, das capitais. Importa o que tenham realizado numa fase do tempo monteirense, a conicidir em quase todos eles, com uma década. No mínimo uma década: a de 30, 40, 50, quando Alagoa do Monteiro, definia-se comunitária e urbanamente, para se erigir em Monteiro.

Vamos perfilá-los com honesta escala de suas personalidades e obras, e a imensa gratidão que lhe devemos.

PREFEITO AGEU DE CASTRO

Ao conviver na Assembléia Legislativa da Paraíba com o Deputado Ageu de Castro, mandatário do Alto Sertão do Coremas, certifiquei-me da obra realizada pelo Interventor Municipal na Alagoa do Monteiro de 1930.

Na época, o Prefeito Ageu de Castro surgiu como um furacão. Presunçoso, desconfiado, ríspido, arrimava-se no Poder sem fronteiras para cumprir um projeto urbanizador. Os cidadãos mais distintos, os proprietários das melhores casas, os usufruidores de sítios na periferia da cidade, consideraram-se desrespeitados em seus direitos. Na maioria deles, os membros da família Raphael. O Prefeito Ageu menosprezou o patriarcalismo, do sobradão, com seus armazéns, garagens e currais. Mandou desobstruir becos, Limpar e aterrar esquinas, recuar muros e cercas. Os que se consideravam prejudicados denunciaram a autoridade de tantos abusos. Em seguida, organizaram uma caravana de dez veículos à Capital, com cem assinaturas. Ageu de Castro foi retirado de Alagoa do Monteiro, mas deixou sua marca de adminstrador: na cidade de calçadas aplainadas, de quintais aprumados, de lages implodidas, de currais recuados. De praças traçadas e ajardinadas.

A fisionomia urbana de Monteiro, nasceu com a métrica de Ageu de Castro, o Prefeito demolidor e reconstrutor dos começos da décadas de 30. Poderia ter feito tudo sem a pôse de um Mussoline sem as intolerâncias, de um Hitler. Os ditadores que modelavam Ageu de Castro estavam longe da Parahyba, do meigo e educado Antenor Navarro, o Interventor que nomeou e demitiu o Prefeito operoso. Benemérito de alto preço, mas benemérito.

PREFEITO ERNESTO SILVEIRA

Personalidade forte, de um nordestino viril e altivo, nascido em Lagarto, município de Sergipe, Ernesto Silveira, por três anos administrou Alagoa do Monteiro. Veio com ordem expressa de Ruy Carneiro para apaziguar. Não possuia dons diplomáticos. Seu feitio estava mais para o empreendedor. Mas ao contrário de Ageu de Castro aproximou-se da sociedade representativa. Dos patriarcas em distinções históricas. Dos que evoluiam com a cidade e mantinham oa filhos nos colégios do Recife. Ernesto Silveira, decidido, elegante, compôs-se esclarecidamente completou a obra de Ageu de Castro em clima de uma prosperidade democrática. Encerrou-se o ciclo da romêntica Alagoa do Monteiro, dos meninos, passeando em lombo de carneiro, o jogando peladas nas ruas largas; dos flamboyants, que encantavam o jovem Lourival Vilanova, que via na cidade um jardim de Academus. Calçamentos, serviços de esgotos, chafarizes, matadouro, limpeza pública - prioridades da administração Ernesto Silveira que cuidou por igual de renovar as lideranças. Foi por amizade e senso público de Ernesto Silveira, que o farmacêutico Alcindo Menezes deixou os limites privados de tarefa de formulário para assumir por 4 anos os destinos do município, nos anos da Guerra e da transição democrática. Ernesto Silveira prosseguiria, - com sua firmeza e sua lucidez, um completo homo administrativus, na modesta Paraíba que Ruy Carneiro alegrava.

Patriarcal, pela prole numerosa e pela ascendência ética, Ernesto Silveira, assinalou na sua descendência, de doutores, de técnicos, de professores, a emoção monteirense, da cidade onde madureceu como homem público para o orgulho e o exemplo dos que nasceram do seu consórcio com a fina e firme Da. Lourdes, uma Dama que se fez estimar em Alagoa do Monteiro, terra de dois filhos do casal ilustre.

CÔNEGO VICENTE RODAS

Por mais de trinta anos pároco de Alagoa do Monteiro, o Padre Rodas chegado de Teixeira no final da década de vinte, exerceu uma influência enorme no Município de tradição católica. O beatismo ancestral, dos que se penetenciavam nas missões de Frei Damião, e eram devotos do Padre Cícero, encontraram no pieguismo eclesiástico do Cônego Rodas, a perfeita autoridade.

Zeloso na administração paroquial, conviva gentil de todas as classes, com sua batina bem cuidada, seu guarda-chuva e seu chapéu de abas largas, representava o clássico sacerdote. O modelar pároco de aldeia. Não se pronunciava seguro. Demostrava um acanhamento intelectual que não condizia com as décadas das prévias conciliares. Não realçaria na idade do João XXIII. Mas no clima do Pontificado austero de Pio XII, um sacerdote exemplar. Alguns o tinham como santo. Não o era, se nele havia uma desconfiança com a vida, uma escuta pessimista da natureza humana Faltava-lhe a alegria franciscana, a grandeza dalma de um São João Bosco. Os estudantes monteirenses, na maioria alunos dos Salesianos, não apreciavam o pároco exigente, clerical, que hodtilizava os Protestantes e via o pecado em toda esquina.

No seu conjunto a sociedade de Alagoa do Monteiro orgulhava-se das virtudes do seu pároco, virtudes de sacristia, com o templo limpo, as funções pontuais, as festividades litúrgicas zeladas. Um padre sem brilho, sem os arejamentos que a época reclamava, porém fiel, organizado, atento aos seus ministérios que honrou até o final, na longevidade nonagenária. Não estava mais em Monteiro, quando se retirara ao perceber que terminara seu tempo beatífico e beato. Nunca esqueceu porém das Três décadas do reinado paroquial, numa Alagoa do Monteiro de gente religiosa e progresista.

MONSENHOR JOÃO HONÓRIO

Ao tomar posse na Paróquia de Alagoa do Monteiro, na década de 50, o Padre João Honório procedia da cidade de Esperança, onde se incompatilizara por motivos políticos. Personalidade extrovertida, inteligente, lido, participante, o pároco que substituia o Cônego Rodas, possuia todas as virtudes para uma liderança progressista. Dos novos tempos eclesiásticos. Acautelou-se na maturidade, a convalescer dos atritos no Brejo paraibano.

Impô-se com a generosidade comunitária que faltara ao seu antecessor. Deu muita atenção aos jovens e com estes caminhou para os bairros pobres, onde a população descristianizava-se.

Descobriu outra frente menosprezada: a dos rurículas. Conservador brilhante, inteligência dialética, sem preconceitos, sem intimidação, o Mons. João Honório, parava nas esquinas, assentava-se nos bancos das praças, nas cadeiras do clube, nos encontros cordiais da farmácia - e expunha suas idéias, convencia, convertia. Um apóstolo aberto, atualizado para o diálogo do tempo ecuménico das encíclicas do Desenvolvimento e da Socialização. E se realizava coerente, nos serviços assistenciais, especialmente nos anos estiados.

Coincidia com o paroquiado do Mons. João Honório as distinções recifenses dos filhos de Monteiro. Ele soube acolher e abençoar estes êxitos, correspondendo com sua erudição e com sua eloquência, para explicar boa parte das conquistas profissionais e culturais.

Um pároco litúrgico e comunitário, por vezes explosivo, porém sempre generoso, fez discípulos, morreu no posto santamente.

CÔNEGO SÍLVIO

Páraco de São Tomé, na década de 30, o sacerdote virtuoso e culto, de singela empatia, visitava Alagoa do Monteiro com regularidade. O Cônego Sílvio pertencia à nossa gente, era participante cordial e eloquente de nossa vida. Da melhor vida monteirense.

Se um substituto a altura do nosso Cônego Rodas, ganhava pontos pela simplificação dos atos litúrgicos, quando falava sintético, e resumia a missa a um cerimonial de meia hora. Por outro lado, confessava com uma compreensão otimista, bem diferente dos rigores ascéticos do titular de Nossa Senhora das Dores.

Junto às famílias, nas festividades e nos lutos, o Cônego Sílvio alegrava com seu estilo otimista e amenizava dores, na experiência do crente tranquilo.

À semelhança do Mons. João Honório, deixou-se envolver pelas paixões políticas municipais. Desgostou-se com a réplica maliciosa dos paroquianos vitoriosos. Pediu para sair e veio realizar na Capital uma obra apostólica de repercussão, junto o Seminário em crise, e às paróquias desfalcadas.

Aos noventa e três anos, já sem a lucidez das características do seu tempo caririseiro, o Cônego Sílvio é visitado - e tido - como um sacerdote de vida exemplar, cuja simplicidade, bondade e sabedoria respingou abençoada na Alagoa do Monteiro da primeira metade do século.

PADRE ALFREDO BARBOSA

Pároco auxiliar, com breve tempo de substituto, o Padre Alfredo Barbosa, conviveu com tamanha simpatia e compreensão que será lembrado em Alagoa do Monteiro. Nos anos cinquenta, o jovem sacerdote marcava com sua personalidade calorosa a transição adminstrativa, litúrgica e psicológica do Cônego Rodas para o Monsenhor Honório. E tivessem sido convidados a escolher, os monteirenses teriam votado no Padre Alfredo. Amulatado, da raça bem adaptada ao Sertão, simples e sincero, corajoso e trabalhador, havia no Sacerdote de 30 anos as qualidades para a liderança de uma comunidade a crescer. A mudar, ao ritmo de Idade do Desenvolvimento.

Razões diocesanas nunca esclarecidas, negaram a Monteiro a juventude cristã do Padre Alfredo.

Transferido para Cabedelo, realizou o Pároco de origens modestas uma obra correspondente à política ecumênica e socializante do Papa João XXIII.

Precocemente a defrontar problemas de saúde, o Padre Alfredo foi pioneiro em safenas, e obrigou-se a ficar sem as pernas por causa de uma diabete infecciosa. Nunca deixou de viajar. E anualmente vinha a Monteiro, a testemunhar suas estimas. Nas capitais, entre João Pessoa e Recife saudava os monteirenses como seus conterrâneos, num regozijo solitário com os que se distinguiam e numa afeição generosa com os migrantes paus de arara.

Padre Alfredo, padre simplesmente, sem pompas nem cores de hierarca ofereceu à comunidade monteirense, aos jovens sobretudo, um modelo do sacerdote franciscano, pobre, alegre, fraterno.

DOUTOR BERNADINO

Ao contrário de Diocleciano e Raul Lafayette, os médicos itinerantes, O Dr. Bernadino era tímido e isolacionista. Pontual e habilidoso no Posto Estadual, não se chegava aos clientes, a ninguém se chegava na cidade que com ele contou por vinte anos. Sem estimá-lo. Somente na calçada de Jayme Menezes comparecia pelas 17 horas, infalivelmente. Escutava mais do que dizia. Dali saiu com dores de enfarto para falecer. Nem aos colegas contou os sintomas. Não quis saber de viagem a São Paulo para uma averiguação segura. Sem se despedir finou-se aos 58, apto a prosseguir prestando serviços médicos.

Era na sua área de emergência excelente. Não perdia tempo, Não embromava, Oscultava, olhava intuitivo, definia-se. Passava medícamentos baratos, apostando mais na natureza.

Para a população empobrecida era o melhor caminho. O gesto filial com a criança, a cortesania com a mulher, o papo bem humorado com o adulto ajudavam. Pelo menos agradavam. Assim procedeu em sociedade. Não se casou, mas sabia-se da sua paternidade, Demorou a assumir, após os aconselhamentos do Dr. Jayme. Não frequentava a igreja, propunha-se anti-clerical, sem que se lhe interessasse o comunismo. Era ao contrário, favorável aos regimes fortes, autoritários.

Se aparecem tantos defeitos, pena que assim fosse. Mas no essencial um bom médico. Na direção do Posto o homem certo. Honesto, cobrador de medicamentos. Se viajava era em busca de melhorias, nas instalações, no abastecimento.

Um cidadão digno, cumpridor dos seus deveres, burocraticamente exato.

Fica uma lembrança magoada, se comparado aos seus colegas, ou à saúde mental dos patriarcas monteirense. Pensei em não citá-lo se me obrigava a essas verdades. Nada porém tão injusto deixar sem uma página o profissional competente que assumia com brio e responsabilidade sua função médica. O juramento de Hipocrates jamais foi quebrado em Dr. Bernadino, obeso, feio e rispido. E no entanto eficiente, digno, merecedor da nossa gratidão pelos vinte anos de desempenho honrado.

Dr. DJAIR

Primeiro filho de Alagoa do Monteiro a abrir consultório médico no Recife, Djair Brindeiro seria procurado e recebia bem os seus conterrâneos. Por vinte anos Diretor do Hospital Português, dispunha de outra razão para os apelos da gente de todas as classes, em dias de aflição. Os seus conhecidos ou conhecidos dos seus pais, chegavam confiantes. E nunca se decepcionaram.

Filho de Da. Ditinha, filho de devoções e promessas, porque único varão, com precoces dons, obrigava-se a servir a terra de suas origens, na medida em que conquistava posições. O médico credenciado, avultou em letras e atualidades, e convidado foi para a vida partidária, nos anos de 50. Prefeito do Recife e Senador por Pernambuco, dois títulos comemorados em Monteiro, onde o Dr. Djair era lembrado como um adolescente de vocação artistica e o filho abençoado de Da. Ditinha.

Envolvido em tantas causas, normalmente envaidecido pelo êxito, diminuiram em Djair Brindeiro os vinculos com sua terra. Passou anos sem voltar a Monteiro, como sucederia a outros ilustres conterrâneos.

Mas sua emoção monteirense era das mais puras. Não perdia contatos com os amigos de igual origem, que, no Recife, no Rio, em Brasília, estavam em dia com a terrinha. Religioso, líder apostólico, presidio a OAF, modelar centro de recuperação de menores. Na extensão do serviço atenções com as prostitutas, primeiras atenções, em nível de assistência médica e moral.

Em casa, o patriarcalismo do Dr. Djair, com sua dezena de filhos. Conseguiu que todos se diplomassem, embora nem todos realizados como o pai. Na filha Miriam, o rendimento afortunado dessa educação. Miriam Brindeiro, poetisa, compositora, pesquisadora, é um orgulho da colônia monteirense no Recife, não somente por ser filha do Dr. Djair, porém porque se orgulha das origens do pai. No que comprova a fidelidade matuta do médico de elevada profissionalização e no homem público de tantos títulos. Perseverou o de cidadão de Alagoa do Monteiro.

MÉDICO DIOCLECIANO PEREIRA LIMA

Ao tempo em que os filhos da terra começavam a brilhar na profissão médica, no Rio de Janeiro, um Raphael Sebas, no Recife, Djair Brindeiro e Netário Brás, Alagoa do Monteiro dependia dos serviços extencionados do farmacêutico Alcindo Menezes. Médicos itinerantes, experimentais, em começos de estágiários, apareciam e se iam. Um desses demorou-se mais: Diocleciano Pereira Lima. Vocacionado para as letras e para a política, de certa forma um exilado das querelas partidárias de Triunfo, o médico obstreta e ginecologista, era visto em leituras na calçada, batendo na máquina artigos que o Diário de Pernambuco publicava. Na sua versão de intelectual prestou maiores serviços a Alagoa do Monteiro, com seus colegiais contando com a verve erudita do leitor de Stefan Zweig e John Gunther, nas vésperas da Guerra. O civismo de Diocleciano veio às preças quando o Brasil oficializou o apoio a causa Aliada. Falava com entusiasmo, no estilo caloroso dos mitingueiros, e agradava às massas.

Ao deixar Monteiro, nos recomeços da Redemocratização, elegeu-se Deputado Estadual, em Pernambuco, e escutá-lo na Casa de Joaquim Nabuco, muito agradava aos acadêmicos monteirenses, a terem Pereira Lima como um conterrâneo.

Os filhos inteligentes, que fizeram carreira no jornalismo e no ensino universitário, nascidos em Alagoa do Monteiro, engrossavam a colônia briosa e bairrista que se domiciliava no Recife.

O médico escritor Diocleciano Pereira Lima, nos dez anos de domicílio monteirense, deixou a marca de sua inteligência, dos seus serviços profissionais, do seu amor aos estudos, numa originalidade histórica.

MÉDICO RAUL LAFAYETTE

Sem jamais ter residido em Alagoa do Monteiro, pela proximidade e laços de parentesco, o jovem clínico de Alagoa de Baixo, atendeu á população vizinha, principalmente quando não havia médico local.

Filho do Farmacêutico Amaro Lafayette, o pioneiro dos diagnósticos e dos tratamentos científicos nas ribeiras do Moxotó e do Paraíba, o Dr. Raul credenciava-se pelo prestígio do pai e comparecia empático e competente dentro dessas origens.

Se perito em doenças cardíacas, intuia rápido sobre as infecções regionais, de tifóides e varíolas, com alcance sobre os estragos do "barbeiro", a regionalizada doença de Chagas. Os enraizamentos do profissional, nascido e bem retornado aos seus pagos, facilitava por igual a conversação com o cliente matuto. No arsenal clínico do Dr. Raul, a alegre partilha, o diálogo sem mistério, que era comum complicam-se nos doutorizinhos das capitais. Daí o rendimento da consulta, que também se simplicava na medicação a indicar-se. A que aprendera com Amaro Lafayette, de eficácia mais provável, sem os custos altos dos laboratórios.

Vítima de grave acidente, em sua Alagoa de Baixo, quando perdeu a esposa e ficou sem a mobilidade do tempo juvenil, com uma perna mecânica, o médico de liderança comunitária na fronteira sertaneja, perdeu também sua verve.

Mas ninguém esquecia seus serviços, e a visitação que inspirava, unia as duas comunidades, prosseguindo portanto o Dr. Raul Lafayette em sua benemerência pública. O legado cívico e profissional, transmitiu-se aos filhos que prosseguem vinculados a Alagoa do Monteiro, terra dos avós.

PROFESSORA EUNICE LINS FALCÃO

Ao se inaugurar o Grupo Escolar Miguel Santa Cruz em 1934, uma equipe de professoras diplomadas e experimentadas, assumiu os começos da unidade de ensino. Nessa equipe as irmãs Eunice e Berenice. Para completar, vieram familiares das mestras, com a genitora apta a amizades e os filhos menores, distintos colegas na infância monteirense.

Eunice Lins afirmou-se pelo equilíbrio pedagógico mais correto: empatia, disciplina, saber. Preparou toda uma geração para o ingresso nos Colégios do Recife, entre o Salesiano, o Nóbrega e o Marista, cujo Exame de Admissão, assustava.

Os alunos de Da. Eunice foram sendo aprovados numa regularidade que chamou a atenção dos responsáveis pelos internatos, onde a colônia monteirense distinguia-se.

D. Eunice, serena e firme, religiosa e culta, completou seu tempo em Alagoa do Monteiro, casando-se com Totoinho, membro da família Falcão. Quatro dos filhos de D. Eunice nasceram em Alagoa do Monteiro, e ao se cumprirem com zelos domésticos e profissionais, conduziram o espírito da gente sertaneja, da Alagoa do Monteiro da fase áurea. Os ex-alunos de Eunice Lins Falcão, que assumem na sociedade monteirense de hoje, a vez dos patriarcas dos anos de 30 e 40, são devedores à Mestra, de aulas tão claras e fecundas, que iluminaram os adolescentes de afortunada oportunidade no Grupo Escolar Miguel Santa Cruz.

JUIZ AGRÍCOLA MONTENEGRO

De família de Magistrados, procedentes da Alagoa Grande, cumpriu o nobre ofício de Juiz de Direito, em Alagoa do Monteiro, por duas décadas o Dr. Agrícola Montenegro. Possuia uma vocação de homem de letras, lia os clássicos e redigia claro. Poeta e cronista, alimentou por anos a boa ordem cultural que o Radialista José Ramalho colocou na Rádio Difusora de Monteiro.

Homem religioso, era visto nas funções litúrgicas, pontual e contrito como o seu antecessor Dr. Navarro. Essa participação paroquial aumentava o prestígio da autoridade e toda a comunidade se sentia mais seguro quando o Dr. Agrícola e o Mons. João Honório se cumpriam amistosos. Professor de línguas no Colégio das Lourdinas, o Magistrado completava sua presença intelectual na cidade, tão prestigiada nas capitais pelos filhos em evidências de mestres, e tão carente na sua sede de pais sacrificados.

Por fim, a paternidade do Dr. Agrícola, com sua quase dezena de filhos, a maioria a nascer em Alagoa do Monteiro. Se consorciado com uma monteirense, da família Santa Cruz, a ambietação do Magistrado se tornava perfeita, o que explica seu longo período judicante.

Um profissional competente, um professor atualizado, um orador e um cronista de presença cultural luminosa, um patriarca progressista e um cidadão de compleição ética, o Juiz Agrícola Montenegro deu a Alagoa do Monteiro, o melhor de sua maturidade.

JUIZ SINVAL FERNANDES

Em muitos aspectos assemelhado ao seu antecessor Agrícola Montenegro, Sinval Fernandes, homem de letras e de vida religiosa, distingui-se pela capacidade de fazer amizades. Simples e generoso, encantava os vizinhos, alegrava a juventude, amenizava os rigores da Lei.

Em dia com os códigos, seguro nas sentenças, possuia a personalidade luminosa que a tudo ultrapassa. Que jamais fará da Magistratura um expediente julgador. Se um jurista, a caminho do jurisconsulto, não sé complica no seu ofício que é tentado pela minúcia e pela aridez do aplicador. Do servo da Justiça.

O Dr. Sinval Fernandes é um servo de Deus que responde pela ordem judicial. É antes de tudo um espírito tocado pelo Evangelho, um místico cristão. Daí a simplicidade do acolhimento às partes, a prefiguração que há nele do clássico Juiz de Paz.

Historiador, com suas anotações e seus arquivos, ao ser promovido para a Capital, a assumir a desembargadoria, lembrará grato os anos da Alagoa do Monteiro, dos seus estudos, das suas amizades, da sua amável judicatura. E do nascimento e educação de suas filhas. Filhas que farão carreira brilhante, no magistério Superior, em altas funções federais.

Sinval Fernandes, erudito e competente, um poliglota e um colecionador, um Magistrado que é também um sábio, da sabedoria de viver e conviver. Foi a grande lição que ministrou à comunidade monteirense.

IRMÃ LOURDINA MARIA DO CARMO

No final dos anos de 40, recebia Alagoa do Monteiro a comunidade religiosa das Irmãs Lourdinas, a objetivaram a instalação de um Colégio, com sua metodologia moderna e seu internato confortável.

Em número muito inferior aos homens, em um quinto talvez, a oportunidade educacional das moças Matriculadas em Campina Grande ou no Recife, constituia-se uma raridade, pelos custos elevados e toda a delicadeza do empreendimento. Ao lado delas os rapazes, liberados desde os quinze anos, eles se viravam para a complementação das despesas, estagiários, balconistas, auxiliares do ensino. E se tornavam autônomas antes da diplomação.

Para as adolescentes, a inauguração do Colégio Nossa Senhora de Lourdes ampliou horizontes, e a Alagoa do Monteiro aumentou seu crédito de polo cultural do Cariri.

Na liderança das religiosas, pedagogicamente em dia, a personalidade da Madre Maria do Carmo. Exerceu a missão apostólica por uma dúzia de anos, assinalando-se como uma grande mestra, daquelas que nas Damas e nas Dorotéias, as alunas das primeiras décadas do século aproveitaram De família abastada, com seu porte aristocrático, titulada e viajada, a Madre Maria do Carmo vivenciou-se como uma Irmã, com seu franciscalismo e seu ecumenismo, extender para as famílias, em certos aspectos para toda a cidade, via Paróquia, o que a formação crstã, com sua densidade pedagógica, nela reunira para servir ao bem comum paraibano.

LÍDER CULTURAL JOSÉ RAMALHO

De família de artistas, dos violeiros e cantadores e compositores do Teixeira, José Ramalho aportou na Alagoa do Monteiro, dos anos radiosos da liderança dos irmãos Menezes. Auxiliar do cartório do Dr. Jayme, soube o moço aprender mais na convivência com o sábio Tabelião e acompanhar os passos dos líderes culturais da cidade.

Sem estudos colegiais, vendo chegar e sair a juventude dourada dos cursos recifenses, José Ramalho, não se intimidou para a missão que era sugerida ao seu talento. Apoiado no sistema de som da municipalidade que intitulou solenemente de Rádio Difusora de Monteiro, redigiu crônicas que lia solenemente, apoiou causas cívicas, artísticas e esportivas, em tudo assessorado pelo irmão Nonato, um boêmio inteligente e simpático. E também um artista.

A Rádio Difusora fez época, principalmente nos meses em que faltava energia elétrica em Monteiro. Escutar a Rádio Difusora, que transmitia o noticiário nacional, e abria horários para a vida social monteirenses, era um lazer ilustre. E José Ramalho, ao compreender essa elevada e única escuta - caprichou na programação. Promovia debates, conferências resumo de livros, crítica cinematográfica, com uma vivacidade de líder cultural.

Migrou para Campina Grande, a atender solicitações proporcionais à sua competência. Sem jamais esquecer a Alagoa do Monteiro onde se iniciara como um hábil comunicador, bem informado, de gosto artístico, eloquente e atualizado, como um líder cultural.

MESTRE DUDU

De Pesqueira, terra de boêmios e músicos, o sapateiro mulato carregado, feio e simpático, que logo realçou no final da década de 30, em Alagoa do Monteiro.

Mestre Dudu fez escola. Não possuia erudição musical. Possuia capacidade de escuta, disposição de arranjador e uma paixão pelos instrumentos de sopro, com seu piston em forma.

Assim como em Pesqueira nasceram grandes talentos de intelectuais, um deles tido como gênio, Zeferino Galvão, nasceu o mestre Dudu que está longe do paralelo. Mas possuia forte liderança. Influenciou jovens talentosos, como Adalberto Guerra, Zi Romão, Demóstenes. Se um forasteiro, mulato feio, com sua horrível dentadura, não poderia ser um medíocre para tais lideranças.

A orquestra sob a batuta de mestre Dudu, pontualizava-se no Clube dos 30, mensalmente, ou em datas festivas. Os casais valsavam elegantes, saculejavam ousados, segundo o ritmo que o piston impunha. Mas era no coreto da Praça João Pessoa onde o ciclo musical de Mestre Dudu, assinalava-se glorioso. Sem que sua profissão recebesse recomoensas, nem ao menos seu nome completo fosse citado.

Nas tardes domingueiras, após as corridas de cavalo matinais e o futebol, encerrado pelas 17 horas, iniciava_se a retreta que se alongava pela noite. O fólego do Mestre Dudu era legendário. Os músicos se rendiam ao comando alegre, quase gaiato, do maestro pouco educado e nada estético, Dizia-se que conduzia uma latinha com a cola de sapateiro para manter um dente postiço que costumava voar ao sopro do trompetista... Na anedota a certeza de uma vontade alegradora. De uma incansavel disposição para reger e solar, sem preocupações com os horários. Num derrame vocacional artistico e populista.

As retretas do Mestre Dudu atraiam, entusiasmavam. Inspiravam romances, ofereciam à cidade uma expectativa de horas radiosas. Nos internatos do Recife, incidentes, namorosas, versões pitorescas das retretas do Mestre Dudu, divulgavam-se e eram registradas em cartas e revistas. Enquanto o Mestre decaia, e sem recursos para educar os filhos, para a sobrevivencia digna, recolheu-se para morrer em Arcoverde, saudoso da ingrata Alagoa do Monteiro.

O ESPORTISTA SARGENTO SIMÕES

Do Teixeira, da terra do Cônego Rodas e de José Ramalho, veio destacar em Alagoa do Monteiro, e destacar-se nos Esportes, o Sargento Simões.

A Polícia Militar instalou nas cidades troncos da Paraíba, unidades de comunicação, em época sem energia elétrica regular, bem distante das redes da Embratel. Num quarto cedido pela Municipalidade, na administração Alcindo Menezes, o eficiente serviço de radiófonia. O Sargento Simões abria seu modesto espaço para a escuta do mundo. Se precária tornava-se a captação privada radiofônicam procurávamos nos horários do nosso interesse, o excelente sinal da Polícia Militar. E o futebol, nas transmissões vibrantes de um Ary Barroso, de um Gagliano Neto, de um Jorge Cury, constituia-se o melhor lazer nas noites sertanejas. Porque nas tardes domingueiras, dava-se prioridade ao treino no campo do Cajá, com alguns possíveis amistosos. Em ambos os gêneros, a boa disciplina do Sargento Simões; a sua habilidade de craque e melhor perícia de técnico.

A Rádio Difusora de Monteiro recebeu atenções do Sargento Simões inteligente e vibrador. Ao lado de Nonato e José Ramalho, com as iniciações de Luís Marcelino, toda uma equipe passava a exercer influência na Alagoa do Monteiro, pacata e monótona dos anos de 40.

Pela primeira vez uma quadra de volibol ergueu-se numa avenida, e o Sargento Simões comandava os treinos. Corridas no 7 de setembro, e em outras datas cívicas, animavam a juventude com suas energias sem mobilização adequada. De música e festivais também entendia o Sargento Simões que cumpria uma liderança das mais simpáticas nos esportes monteirenses.

MARIETA GAUDÊNCIO DE BRITO

Da união das famílias mais rivais do Cariri, nasceria a personalidade vigorosa e gentil de Marieta Campos, após o casamento com o bom Lindolfo, funcionário público itinerante. Esteve a servir em Alagoa do Monteiro, e a esposa vivaz e cordial, acompanhou o evoluir da sociedade, nos anos de 30, e jamais devinculou-se dos monteirenses.

Grande alma, rarissima no seu equilíbrio, de uma mulher corajosa e meiga, maternal e plena no seu assumir do Lar. Brito e Gaudêncio, o talento e a prepotência, que se conflitaram nos Cariris Velhos, desde o final do século XIX. Os pais de Marieta se ofertaram em conjugação para a paz, sem um êxito imediato. Caberia à filha enérgica e convincente, com o apoio do diplomático esposo, interferir, amenizar, civilizar pelo diálogo.

Residente em Campina Grande, manteve Marieta suas terras no Uruçu, propriedade fundadora do clã dos Gaudêcio. Comparecia sempre, menos como herdeira, do que como fiadora do entendimento estabelicido com os Brito.

Alagoa do Monteiro possuia para ela um encantamento de bela cidade, com sua gente pacata, com seus filhos ilustres. Em Campina Grande ajudou a muitos monteirenses, procedentes das suas amizades.

Á beira do açude velho, a residência de Marieta acolhia com simplicidade. E nos escritórios da SAMBRA havia uma secretária ao dispor da gente monteirense.

Mulher bíblica, em fortaleza e em crença, em visão e versão generosa de todos os instantes, não se omitiu por ser pobre, nem temeu ingratidões. Acometida de um câncer deu lições terminais de coragem e de fé, com a lembrança de Alagoa do Monteiro, suavizando suas dores.

Marieta Campos de Brito Gaudêncio, primeira Dama do Cariri, do Cariri que inclui Alagoa do Monteiro. Nos filhos que se realizam profissionalmente em Campina Grande, atenções e serventias com os monteirenses, pelo que aprenderam e testemunham.

NELSON GAUDÊNCIO

De trânsito prestigiado no Cariri paraibano, a partir do seu tronco genético, dos primeiros homens públicos da Região, Nelson Gaudêncio sem espírito partidário, fez-se um conviva amável de todos os seus contemporâneos.

Em Alagoa do Monteiro, ambientou-se fácil, tão estimado, por negócios corretos e atenções de cavaleiro, que ao casar na cidade, recebeu os parabéns de uma centena de casais. Para isto contribuiu, como contribuiria em todo o destino de Nelson Gaudêncio, o charme e a simpatia da esposa Alice, dos Mayer japiassu.

Agricultor filho de fazendeiro, constrói seu patrimônio, a torna-se criador de prestígio, sempre nas feiras do Cariri. O patriarca organiza-se para enviar os filhos ao Recife, onde se diplomarão com galhardia, distinguindo-se desde a formatura a carreira médica do Dr. Genival Japiassu. No sobrenome o patrimônio de uma família que, oriumda de Pedra, viria a Alagoa do Monteiro, assinalando-se prestativa e operosa, no destista Cazuza e nos seus descendentes.

Outros filhos de Nelson e Alice, optaram por Campina Grande, em cujo mercado progressista, obtiveram fortuna. Ao enviuvar, não quis o criador do Cariri, domiciliar-se junto aos filhos, que o cercavam afetivamente, no Recife e em Campina Grande. Manteve seu posto regional, passando a residir em Serra Branca, terra dos seus pais e sobrinhos. De um segundo casamento outros descendentes do viril pai setentão. Na personalidade vigorosa de Nelson Gaudêncio, a solidez do homem sertanejo, inteligente e operoso, com seu orgulho de pertencer ao Interior, sua paixão telúrica, com a comunidade em primeiro plano.

Caberá para Nelson Gaudêncio o título de Cidadão do Cariri, por essa fidelidade regional, a distribuir-se e reforçar-se em Sumé, em São José dos Cordeiros, em Alagoa do Monteiro. Por ter se enraizado com firmeza e convicção por sua prestimosidade e simpatia, pelos filhos que educou, Nelson Gaudêncio, cidadão do Cariri é também patriarca de Alagoa do Monteiro.

BIANOR LAFAYETTE

Patriarcas itinerantes, domiciliados na vizinhança, que estejam a postos para emergências após regulares visitas profissionais, teremos no médico Raul Lafayette, no mecânico Clovis Viana, no Cônego Slvio de Sumé. Caso singular de um Bianor Lafayette que reside no Rio de Janeiro, desde os 17 anos quando foi se matricular na Faculdade de Medicina. Retorna a sua Alagoa do Monteiro, anualmente, na Festa da Padroeira. Se os pais o aguardam, a intenção afetiva é compreedida e louvada. Mas o casal se despede e Bianor prossegue. Em quatro décadas nenhuma ausência. Nos anos da Guerra, brigou por uma vaga, num avião inseguro, num navio comboiado. As estradas poeirentas esburacadas nunca impediriam que viesse de carro, se assim lhe convinha. Para testemunhar sua devoção à Padroeira, símbolo da sua terra. Conviva por um mês, com os irmãos e os sobrinhos, com os amigos de várias gerações. Retocava cercas, trazia novidades químicas contra as pragas que dizimavam as mangueiras do Pau Darco, assumia com os mais modestos, pleitos na Capital Federal.

Sem ter se graduado em Medicina, realizara-se próspero e bem conceituado na Siderurgia de Volta Redonda. Lido, bem informado comentava com Jayme e Alcindo, a versão carioca do Brasil de Getúlio.

Na calçada do solar dos Lafayette, sua alegria arregimentava populares, e a larga sombra de um ficus-benjamin de meio século perfumava o grupo nostálgico. Comparecia as solenidades do 7 de setembro, ao prado, aos aniversários do m s, e a cada novena.

Cuidadoso na apresentação pessoal, de fala mansa e porte viril, desfilava com sua classe, de óculos escuros, como um ator de cinema. Sem ambições políticas não ficava indiferente aos destinos públicos da cidade. Sabia opinar, sabia assumir. Resumia em sua educação, em seu estilo, em sua compustura o patriarcalismo do casal de maior presença genética na Alagoa do Monteiro da primeira metade do século. Aos oitenta e cinco, sem poder repetir a pontualidade de 40 anos, Bianor Lafayette há de lembrar com emoção as razões que levanto para inscrevê-lo como personalidade radiosa do nosso patriarcalismo itinerante.

MARIETA

Filha de Amaro Lafayette, acompanhava o pai nas viagens constantes a Alagoa do Monteiro, e assim habitou-se a estimar e a servir a gente conterrânea do ilustre pai.

Na infância, a alegria de inaugurar estradas e veículos, no pionerismo do grande inovador, que conduzia nos carros de oito lugares, equipamentos gráficos, bombas e peças para outras modernidades.

Marieta revelou-se cedo uma personalidade mística, de suave presença na vida, com sua pureza e confiança, com seu otimismo e sua ternura. Solteira, dispôs de tempo integral para os sobrinhos, que ajudou a criar, e que hoje retribuem, através dos netos que moram em Alagoa de Baixo, na casa matriz dos Lafayette. A escolarização que se fazia no lar, nas primeiras décadas do século, encontrou Marieta, a prima, em disposições de aprender para transmitir. Veio muitas vezes a Alagoa do Monteiro expor as novidades didáticas, a última cartilha, o mais novo método que o patriarca pedagogo obtinha no Recife. E ao observar disposições maiores nas parentas de idade próxima, pedia ao pai compreensivo e generoso, que convidasse a amiga adolescente para compartilhar das aulas privilegiadas, como hóspede feliz. Lidia, Maria das Dores, Toinha, estiveram a ganhar do tempo amistoso, a meio caminho dos internatos recifenses. Marieta adulta, prosseguiu monteirense. O intenerário do pai foi seguido pelo filho Raul Lafayette. Marieta estava a postos como uma assessora psicológica, filtrando as notícias, moderando os temperamentos, apostando nas convalescenças. E se a hora era de luto, a meiga maturidade, confortava, anunciava uma outra vida, acompanhava em orações.

Nas festividades litúrgicas, dividia-se em duas paróquias para alegrar-se na Páscoa ou no Natal, com as duas comunidades. Como o primo Bianor, jamais perdeu o novenário de NS das Dores.

Aos oitenta anos, festejou D. Helder em Monteiro, apresentada como uma personalidade celestial, com suas virtudes de santa.

Abela alma de Marieta Lafayette é suficientemente grande para se incluir entre os monteirense intinerantes de permanente benemerência.

PROFESSOR JOSÉ DE ARAÚJO VALENÇA

Vocação de mestre-escola que se atualiza no Recife, e por razões de saúde convalesce em Alagoa do Monteiro, para a plena realização do professor. De Línguas e matemática, aptos a ensinar também geografia e história.

Convidado para assumir aulas particulares, de reforço a estudantes em férias, institucionalizou-se o Prof. Valença no Colégio NS de Lourdes, e no recém fundado Ginásio Cenecista. Sua presença neste último se fez tão correta, tão decisória dos destinos do modesto educandário a que dei começo, que não teria prosseguido sem o professor de matemática. No ano cinquentenário da CNEC, irei propor o nome de José de Araújo Valença para o Ginásio Cenecista de Monteiro. Se assim penso é porque convicto sempre estive da imensa cota cultural, do mestre recifense. Em Alagoa do Monteiro dos anos de 50.

Emfermo, com família numerosa, José Valença não realizou o sonho de professor universitário. Em etapas penosas, obteve seu título de grau superior. Mas nunca se intervalou no seu Magistério. Se deixou a Capital pelo Interior refeito pelos favores climatológicos, reassimiu suas aulas e prestigiou-se na profissão. Ao lado do encaminhamento para os Vestibulares, do Recife ou de João Pessoa, assegurou aos jovens monteirenses ganhos profissionais nos concursos públicos. Para o Banco do Brasil, tantos os aprovados de Monteiro, que a Matriz Nacional interessou-se em explicações. O talento da juventude, numa tradição de meio século, e o método de ensino do Prof. Valença. Após quinze anos de uma docência com tão históricos resultados, o mestre que cuida dos netos no Recife, sabe do reconhecimento e da gratidão da comunidade monteirense.

JOSÉ DE FREITAS

No Recife, a educar os filhos e a acolher monteirense, José de Freitas cumpre uma missão patriarcal que proclamamos bem próxima dos seus contemporâneos. Do Irmão Ignácio Feitosa, comerciante, prefeito e Deputado, do pai fazendeiro.

Na modéstia de um gerente de hotel no centro da capital pernambucana, José de Freitas ameniza a indelicadeza da "cidade cruel", facilita o encaminhamento dos assustados matutos que desciam na Rodoviária de Santa Rita. Assume compras de remédios, de assessórios para máquinas, é um consul paciente e leal. E nunca fica um semestre sem rever a terrinha, sem a visita Da. Maroquinha ou Da. Julieta, como a filha que reside em Monteiro e cria os netos do avô afetuoso.

Sem ter se graduado, embora ginasiano no Recife da década de 30, José de Freitas valoriza a titulação, é apreciador das boas letras, amanhece com o jornal em vistoria e escuta os noticiários, apto da opinar e a decidir.

Nas filhas um rendimento pedogógico, técnico e redacional que soube apreciar nos seus conterrâneos doutores e escritores. Em todas elas uma intuição feminina de bons resultados, com seus cursos na UNICAP ou na UFPE, para alegria do octogenário educado. Tão capaz de admirar. Viajadas, as filhas completaram em Londres e em Tóquio, o grau de saber oficializado nas Universidades Brasileiras. Enquanto o único filho se habilitou em administração e grencia banco. O cidadão feliz que é José de Freitas, no bem estar do seu lar, com a esposa filhos e netos, endereça para as suas origens a explicação de tudo que lhe aconteceu. Não precisou de riquezas nem de formatura, de posses nem de diplomas, para o cotidiano estável e límpido de sua conclusão existencial. Na juventude, conviva dos patriarcas efetivos, da Alagoa do Monteiro, aprendeu com eles para dispor no Recife, de uma moral que se definiu no seu lar, com força maior que nenhum colégio, nenhuma universidade lhe dariam. Mas quis para os filhos o nível moral e a instrução que se completam.

O PREFEITO LUIZ LEITE

Um homem educado e bom, excepcionalmente as duas versões que se completam, Luiz Leite, um mineiro de Ubá veio a negócios no Moxotó Brabo. E ficou.

Contabilista, atualizado em leis, vocação de bacharel e de administrador, prestou assessoria e em seguida a Prefeituras. Um técnico sem arrogâncias, um burocrata sem complicações, um homem público sem partidarismo. Casou-se na família Gomes Raphael, e logo modelou-se no esposo mais fiel e mais gentil. Assim está aos 90 anos cuidando de sua meiga Carmelita, há quase uma década em grave esclerose, que Luiz Leite enfrenta, paciente, devotado, em mística domesticidade. Mas um cidadão atualizado, lido, com seu tempo de Secretário da Faculdade de Direito do Recife, onde conheceu os grandes mestres de 45 e ministrou lições de civilidade. De confiança e cortesania. De elegância e ternura.

Ao fazer as duas praças, das Alagoas do sertão, entre a hoje Sertânea e Monteiro, contou com uma clientela distinta, credenciou-se a muitas estimas e tornou-se uma personalidade de múltiplos encargos.

Na municipalidade de Monteiro, por onde o Prefeito Alcindo Menezes muito realizara, rigoroso e organizado na administração, Luiz Leite tomou parte na equipe dos anos 40, e em fase de transição nomeado foi para a Prefeitura. Em nada alterou o seu estilo e em nada diminuiu o ritimo de trabalho. Em poucos meses desempenhou-se competente, com a singularidade da sua fina expressão.

Num capítulo em que se anote os que serviram a comunidade de Alagoa do Monteiro, civilizadamente, Luiz Leite é o benemérito maior, em sua simplicidade e em sua educação.

CLÓVIS VIANA

Um engenheiro sem diploma, um operário com perícias de engenheiro mecânico, Clóvis Viana, domiciliado em Alagoa de Baixo, vinha semanalmente a Alagoa do Monteiro consertar máquinas. O Dr. Raul Lafayette, em situação semelhante chamado era pelos enfermos. Não havia grande diferença, ao consertar os engenhos técnicos, Clóvis Viana alegrava tanto os proprietários, donos de locomóveis, de bombas, de cataventos, de moinhos, de máquinas de costura ou de escrever. De automóveis e tratores. Tão bem cuidava e recumpunha que devolvia a calma aos impacientes, a saúde mental aos mais desesperados.

De tudo entendia, conscientemente. Não era um palpiteiro. Lia revistas especializadas. Numa delas publicou-se aí por 1934, um caminhão de três eixos, precursor do tribus, desenhado e montado por Clóvis Viana.

Casado na família Gomes Raphael, dispunha da melhor acolhida e sua prestimosidade voltava-se em primeiro lugar para as peças e maquinismos do avô, o volumoso arsenal do Sobradão do Cel. Raphael, a incluir apropriadamente armas de fogo, na época de ameaçados cangaceiros de Lampião.

Os serviços elétricos em decadência, quando Paulo Afonso estava anunciado, recebiam do operário inteligente o reparo necessário para que escutassemos o futebol ou as notícias da Guerra.

Sem ter frequentado Faculdades, Clóvis Viana conviveu com ingleses, gerentes e técnicos das firmas em que seu pai iniciou-se como a Anderson Clayton e na SAMBRA onde atuou por cerca de 30 anos. Incorporou muito da sabedoria britânica. De uma segurança, de uma classe de europeu ilhéu. Se prossegue lúcido, aos 83 anos, essa formação britânica expressa-se na conversa do sólido pernambucano, com suas experiências no semi-árido, entre o Moxotó e o Pajeú. Em Alagoa do Monteiro, a presença de um expert da qualificação de Clóvis Viana, continua a render quando chega amistoso para visitar enfermos ou para partícipar de solenidades nas quais é muito bemvindo.

Uma inteligência ativada pela oportunidades dos seus ambientes profissionais, um cidadão de aparência tecnológica, muito a nos interessar - e a nos servir - com essas fortes razões incluimos Clóvis Viana, que nunca residiu em Alagoa do Monteiro, como um dos nossos maiores patriarcas itinerantes.

VANILDO BRITO

Um mestre universitário, filósofo do sagrado e poeta místico, Vanildo Brito nasceu em Alagoa do Monteiro, onde o pai era Promotor Público, aí por 1934.

A primeira infância na terra sertaneja foi suficiente para que nunca a esquecesse. O genitor, dos Brito de São João do Cariri, há de ter prolongado essas marcas das origens.

Ao se aposentar da Universidade Federal da Paraíba, Vanildo Brito, que viveu com grandeza o Magistério Superior, nada mais aspira do que um reencontro com Alagoa do Monteiro.

Admirável neste professor-escritor, poeta de uma geração, a lembrança e a esperança umbelicais. Porque é a cidadezinha de seu nascimento, a qual visitou uma dúzia de vezes, que habilitou a inteligência erudita e a alma ecumênica de Vanildo Brito.

Estudioso, lido, metódico, perfeito na personalidade de professor, se não obteve graduações maiores na profissão é porque preferiu seus livros, suas reflexões, sua estilizada vida provinciana. Não fez cursos no exterior porque lhe bastavam os clássicos lidos no original: Shopenhauer ou Nitzeche, Shakaespeare ou Keats, São Tomás ou Thomas Merton. Também porque não gostaria de perder um ano fora de sua Província.

Residente em Tambaú, em vez de olhar para as águas de ondas altas, madruga na foz do Parahyba, procurando o amarelo das águas barrentas, que indicam chuva.

Esse telúrico caririseiro é um poliglota que aprende o arabe para ler o Alcorão no original. Mas tudo trocaria nos clássicos pessimistas e nos profetas de todas as religiões, por uma frase folclórica da sabedoria sertaneja, por um verso de Pinto. Pinto de Monteiro.

Os filhos do poeta são criados dentro dessa paixão pelo universo pobre onde nasceu, o qual exalta a invocar lendas, tradições, a Natureza e a Gente, que se concentram em Alagoa do Monteiro.

HERÁCLITO MENDES

Vocação de mestre-escola, por sua aplicação nos estudos e sua delicadeza solene, Heráclito Mendes, apelidado de Professor deu conta de seus dons no zelo pela educação dos filhos. Sem a oportunidade dos cursos recifenses, com modesta perseverança repetiu a quinta-série, renovou preparatórios de Admissão, aproveitando os melhores mestres do Primário, na sua Alagoa do Monteiro dos anos de 30. De Eunice Lins e de Da. Aurora. Conviveu didaticamente com Maqueburgo e Valença, os amaturados professores de 1950. E assim obteve Heráclito Mendes a funcionalidade do agente fiscal no Serviço Público da União.

A família foi crescendo e o paternalismo burocrata complementava as aulas dos seus matriculados no Grupo Escolar Miguel Santa Cruz. Transferido para Esperança, compreendeu a necessidade de encaminhar os adolescentes para a Capital. Comprou casa no litoral, com imensa devoção educacional. A meia dúzia de filhos que diplomou, em cursos disputados como Enganharia e Odontologia, alegraram o patriarca que sonhara em ser doutor.

De volta a Alagoa do Monteiro, assumiu a Coletoria Federal, prestigiado entre os conterrâneos. A agricultura da herança dos Mendes, atraiu a atenção do vitorioso na causa dos filhos. Na Carrapateira do velho Delfino Mendes, seu sogro, chegou o bom senso ilustrado do funcionário Federal. Em casa, um filho não dispunha da normalidade psicológica para os êxitos dos demais. Heráclito dedicou ao seu caçula toda uma pedagogia da ternura, a edificar a sociedade monteirense.

O septuagenário, cercado de 19 netos e 5 bisnetos, dispõe de tempo para o apostolado paroquial e para as reuniões rotárias.

Realizado profissionalmente, sem que lhe fizesse falta o diploma Superior; realizado no lar, com sua descendência em boa forma, inscreve-se Heráclito Mendes na escala do patriarca moderno, do tempo novo de Monteiro, com todo respeito ao espírito da gente pioneira, de exemplares conquistas culturais.

Apêndice

DAMAS MONTEIRENSES

ADALGISA

A jovem que deixou Alagoa do Monteiro, no final da década de vinte, altamente magoada pelo insucesso de um casamento, tinha fartas razões para tudo esquecer. Anos depois a proprietária de pensão na Rua Nova, acolhia a clientela procedente de sua terra, hospedava estudante como se fosse a genitora, cuidava dos sobrinhos da irmã viúva.

A solidariedade de Adalgisa Viana à irmã Alice, que perdeu o bom esposo, em 1938, quando um bando de Lampião aterrorizou o Município, assassinado no Ribeiro Fundo o agente fiscal Pedro de Alcântara, Adalgisa não ficou apenas compadecida como a sociedade monteirense. Veio confortar a irmã e a conduziu para selarem o igual destino de lutadoras. De lutadoras com proveito e bem estar para muita gente. A gente de todas as classes de Alagoa do Monteiro.

Em dois andares de prédio da Rua Nova, no centro comercial do Recife, com todas as linhas de bonde na porta e a meio quilômetro da Estação Central da Great Western, a Pensão de Adalgisa servia a Alagoa do Monteiro. Não somente como hospedagem, como ponto de encontro de familiares, endereço dos que estavam internos em hospitais ou em colégio. Dos que se aventuram na Metrópole.

Nos anos de 40, a numerosa estudantada que se matriculava no Salesiano, recebia a visita da Da. Adalgisa, que corrigia a carência alimentar do internato, alegrava como um parente, e informava aos pais sobre a situação dos estudantes.

Ao começar a perder forças, desgastadas pelos afazeres pesadas, de quem madrugava na compra no Mercado de São José e dormia tarde, nos cuidados com a clientela, envelhecia. O prédio da Rua Nova sofreu estragos e Adalgisa mudou-se em situação desfavorável. Manteve sua acolhida, com menores poderes. Enfermaria aos setenta, pedindo para voltar a Monteiro, onde recebeu as atenções finais dos conterrâneos que provaram da sua generosidade, em quase quarenta anos de gerência na pensão consular da capital Pernambucana.

ALICE VIANA

Ao contrário de Da. Alice Feitosa, a sua homônina, Viana Alcântara, muito sofreu na vida. Enviúvou aos trinta anos em situação altamente trágica. O marido, boníssimo, meigo esposo, pai devotado, em missão de agente fiscal, deparou-se com um bando de Lampião no Distrito de Umbuzeiro. Teria passado sem incidente se o espírito fraterno não o colocasse na estrada, em montaria chotã, para ir avisar o fazendeiro Sátiro Feitosa dos intuitos dos cangaceiros de assaltar o Ribeiro Fundo. Cumprinda a missão, Pedro de Alcântara regressou ingenuamente a Umbuzeiro, e os cangaceiros nele se vingaram.

Para tentar sobreviver com dignidade, arrasada nos seus sentimentos e onerada na sua maternidade, mudou-se para Recife. Apoiada pela irmã Adalgisa ocupou Da. Alice o espaço mínimo na pesão da Rua Nova, enquanto se esmerava em retribuir com as tarefas domésticas complementares. Encomtrou no filho Hilton a humildade para atuar nas compras, na recepção aos hóspedes, sem deixar os estudos. Nos estudos, a marca monteirense do talento e da díciplina que permitiu à mãe de tantas lágrimas as alegrias dos diplomados.

Retornando a Alagoa do Monteiro, tornou-se Da. Alice com sua saúde incomum, assistente devotada dos irmãos que envelhecia, como o simpático Temi, no dobrar dos oitenta e a própria Adalgisa que finou cedo.

Nonagentária, Alice de Alcântara atualiza o prestígio geriático de Alagoa do Monteiro. É lúcida e operosa, a viajar para os netos no Recife, e a reassumir em sua casa nas tarefas essenciais. Algumas dessas tarefas de adolescentes, como a subir em mangueiras e saputizeiros para apanhar a fruta sem o mínimo dano.

Uma dama esplendorosa, na sua força e na sua ternura, no que já prestou e no que promete, com a vida religiosa em distinção da crente, que frequente a igreja cada manhã e nunca ausente das funções que se programam no novenário de maio e de setembro.

Na Rua Joaquim Romão, em casa de porta e janela, com a humildade habita uma dama cristã de caráter romano.

ALICE FEITOSA

A filha segunda do casal do Jatobá não possuia traços de suas origens. Era leve e alada como uma folha. Possuia o perfume de um jardim. Em toda a natureza de Da. Alice Feitosa, suavidades e alegrias de um ser angélico, Uma rosa mística. Os numerosos filhos, sequênciados como era comum aos de sua condição, não lhe modificaram os dons originários. Deu muito de si, em cada cria, do parto sem assistência médica, ao percurso da infância, com as enfermidades irrecussáveis, numa época sem vacinas. Perdeu alguns, na proporção de outras contemporâneas. Um garotão de seis anos há de lhe ter produzido lágrimas. Mas a vida continuava. Os estudos dos varões no Salesiano, das moças em Campina Grande, encontraram Mãe Alice a postos, a orgulhar-se das boas disposições dos estudantes.

O marido, homem público, precisava do apoio doméstico nas campanhas. Mulher de candidato sofre mais do que o titular, assumindo nem sempre com vocação, obrigada a receber visitas que sabe incinceras, alianças de adversários de ontem, e defrontar-se com a malícia das ruas, abarrotadas de má vontade. Seu Ignacio escutava com o cenho carregado, a certificar-se dos apuros de um revólver, pronto para o revide em palavras, em gestos, em balas, Alice escondia as lágrimas e puxava o terço.

Nas fases do domicílio na Capital, sempre por contigências do mandato parlamentar do esposo, vivia a sonhar com o retorno à sua Alagoa do Monteiro, o que conseguia todo mês para conservar as instalações da casa e rever as irmãs e sobrinhos Por muito tempo a mãe, D. Santa, matriarca do Jatobá que passaria dos noventa

Ao ingressar na quadra da velhice, próxima dos 80, Da. Alice percorria as ruas de Monteiro distribuindo rosas. Seu jardim de meio século, desafiou todas as secas, todos os dias de sua ausência, para florir com exuberâncias nas vésperas da morte da Dama meiga, gentil, poética que perfumara tantas vidas.

CECY

Entre a inteligência pedagógica de Jayme Menezes e o bom senso corajoso de Iracema Azevedo, Cecy inaugura a geração dos que amadureceram na segunda metade do século. É um patrimônio ético e universitário de Monteiro, numa composição dos novos tempos. É uma Dama monteirense do século XXI.

De curso primário privilegiado, entre as atenções dos pais e a espirituosa vigília da avó Teresa Julieta, Cecy se fez adolescente liderando em Monteiro, na saudavel vibração do seu ser debruçado sobre o futuro. Não foi uma aluna de aplicação rigorosa, em precoce ascese de cdf. Alegre, robusta, esportiva, integrada no seu ambiente, assim chegou ao Recife, onde nem a sizudez pedagógica das madres alemãs do NS do Carmo, conseguiram modificar sua bela constituição monteirense. Obteve o colegial, escalou a Faculdade, em ritmo seguro de uma personalidade privilegiada. Sem se exibir por estes dons. Bem ao contrário deixou que prevalecesse a saúde mental de uma jovem do seu tempo, de cidade do interior, com a irmandade decenal no seu constado. Ao falecer a mãe Iracema, Cecy com os seus primeiros filhos, incorporou os irmãos menores, e não se omitiu ao que o velho Jayme, dela exigia, emcomodismo e inquietação. De um patriarca imensamente secular.

Professora estadual, por 12 anos Diretora do Colégio do Recife. Olívio Montenegro, fez época na administração escolar, De tão devotada optou pelo cargo comunitário, em Bairro de classe média, sacrificando a carreira universitária.

Os filhos exigiram-na no lar, e bem no estilo de Iracema, com os acrécimos da mestra de letras e erudita em educação, patrocinou estudos adolescentes, com uma lucidez e uma firmeza que as famílias do condomínio pediam uma vaga, no investimento Vestibular. Dra. Cecy não recusou a meia dúzia que duplicava seu grupo doméstico. Nessa fase, da maturidade, transbordou em Monteiro, seu saber de estilizada liderança cultural e mensalmente está nas suas origens, com o brilho de sua vocação.

Da. CELESTE

De aparência frágil, modesta, conformada, bem distante da pose e do orgulho Santa Cruz, Da. Celeste oculta uma força surpreendente. Ninguém com tantas razões para se recolher em lamúrias, machucada pela vida.

Se pouco conviveu com os pais, não dispôs dos filhos em seu lar. E o marido, pobre, deslocado dos negócios, cedo enfermou complicando o destino do casal.

Da. Celeste, a Dama do sacrifício, legítima filha de NS das Dores, na vizinhança da igreja, somente dispunha da oportunidade de orações. De comparecer e ajudar em todo o expediente paroquial.

A mulher frágil, raquítica, pálida, sem nenhum retoque de feminalidade, não se apassivou no beatismo. Evoluiu em sua fé adulta e assumiu o comando da família. Viajou constantemente a Recife, a assistir os parentes em desajustes. Foi a São Paulo e Belo Horizonte, tentando encaminhamentos profissionais. E na sua Alagoa do Monteiro, quando era a vez de repousar para os defrontamentos previstos, saia a visitar enfermos, a pleitear recursos para amenizar situações piores do que a de sua órbitra doméstica.

O marido, os irmãos, o pai, alguns filhos faleceram, sem que Da. Celeste desesperasse com os seguidos lutos. Deu a cada um a cota final do seu carinho, se não conseguira prolongar-lhes a vida. E para a mãe nonagenária atenções de um convívio alegre, sem lamúrias, sem julgamento.

Em Da. Celeste Santa Cruz uma dramática biografia que está longe de encerrar-se. Ela prossegue com seu discreto heroísmo, com sua piedade humildade, com sua generosidade astuta. Ninguém sabe que recursos dispõe para sobreviver; para ajudar a tantos. Qual o segredo de sua força interior para chegar a uma velhice alegre, sem queixas, após tantos desafios.

Na maioria das Damas monteirenses, uma composição social, de um grupo sólido, de uma sociedade favorável, de um bem estar que se fez bem comum. Em Dona Celeste somente ela, com sua fragilidade teimosa, com sua meiguice inteligente, a provar que Deus existe.

DARCY

Filha do secular Manu Caldeira, Da. Darcy é uma professora de vocação que realizou os cursos correspondente, a incluir-se o Pedogógico com Licenciatura. Reune na personalidade da mestra, a boa natureza e os bons estudos.

Criada em Sítio, cedo atarefada em arrebanhar e nutrir, em tirar leite e fazer queijo, em subir em àrvore e mergulhar em rio, em conviver com os pobres e em rezar pedindo chuva, trás para a sala de aula a experiência comunitária. Da. Darcy sabe português e matemática, mas é sobretudo mestra na emoção com que se comunica. Compreende os seus alunos porque conhece a procedência deles, a fome que passam e os dramas que presenciam. Líder do professorado, anima as colegas que começam a cansar e saúda otimista as que chegam. Na Paraíba ensinar é um grande sacrifício. Da. Darcy consolidou-se nessa convicção e não a teme. Pelos seus alunos ensinaria sem outra recompensa, que a de vê-los a se instruirem.

Diretora da Biblioteca da Fundação Alcindo Menezes, é vista 12 horas por dia velando pelos 3 expedientes da Casa. A Biblioteca, com uma frequência de 60 consulentes, serve muito a Monteiro, e seria impossivel a ordem e a eficiência do empreendimento particular, sem a presença de Darcy que lidera os filhos nos horários prolongados.

A grande mãe é de fato o seu ser em desdobramentos da professora, da líder, da Diretora. Tudo é carinho e providência na Dama jovem que bebeu na fonte pura dos seus ancestrais e conciliou o saber dos livros com o de sua herança.

De uma geração que se situa entre os anos de 60 e 70, no assumir profissional e no definir do seu grupo doméstico, na modéstia de seus orçamentos, é uma heroína da transição. Modernizou-se sem radicalizar, sem perder a moral dos antepassados. Para isto mantem uma vida religiosa de pontualidade litúrgica. E como bibliotecária, folheia os livros e os resume concientemente.

É uma Dama admirada entre os mais jovens e os mais velhos, aos quais compreende, estima e serve.

Da. ELVIRA

Esposa do patriarca Alexandre da Silva Brito, que por três vezes elegeu-se Prefeito de Monteiro, Da. Elvira cumpre missão exclusivamente doméstica. Nunca realçou como Primeira Dama. Ela sim a grande mãe monteirense, Pelos seus catorze filhos, nascidos na cidade de suas origens, criados com iguais condições do afeto mais puro.

Se em Da. Sebastiana, a matriarca dos Lafayettes, havia uma fecundidade heróica, com essa coragem prolongada em estratégia de projeção de cada filho, em Da. Elvira o ato procriador, com todas as implicações de saúde e educação, ficava nos limites do seu lar. Em solidário anonimato. Da casa cuidada para as orações comunitárias na Paróquia, com algumas visitas a pessoas idosas, prioritariamente a sua genitora Da. Cordeira, que viveria 96 anos.

Assim, nem a verve política do esposo, nem a pôse vaidosa dos Mendes, alteraram a vocação materna, em seu conteúdo místico e em sua humildade caseira.

Uma mulher bíblica, nesse incansável tecer e fiar, dos encargos domésticos.

Atualizada, participante, com sua boa instrução primária e sua vontade em vigília, conseguia - e prossegue - uma discreção que terminava por render, em opinar ou em sugerir, tal a moralidade do seu posto.

Seis dos filhos homens diplomaram-se assumiram chefias, gerências, distinções nas profisões liberais. As filhas bancárias, professoras, não ficaram sem aproveitar nos estudos. E em todas, a maternidade alegre e responsavel do exemplo consanguíneo.

Os netos prosseguem povoando a casa onde nunca faltou a alegria e a mobilidade das crianças. Mas igualmente a confiança do eleitor camponês, correligionário de Silva Brito. A todos eles Da. Elvira ofertou seu estilo, com uma compreensão generosa, e a lição maior de seu espírito humilde, apaziguandor. De divino acolhimento e antecipado perdão.

Da. ELISA BEZERRA

Dos Souza do Mocó, uma das primeiras famílias povoadoras de Alagoa do Monteiro, a jovem Elisa veio para cidade aprender em aulas dos padres-mestres, casou com Euclides Bezerra e iniciou com vocação abençoada a missão maternal.

Ao residir na esquina da igreja, convidada foi para colaborar nos atos litúrgicos, acompanhando com a irmã Tibúrcia, o cotidiano paroquial.

Nos anos de calor político ou de longas estiagens, a personalidade de Da. Elisa realçava convidando à moderção e reunindo outras damas de sua categoria para ajudar aos flagelados. Juntamente com Lydia e Maria das Dores, suas amigas desde a Escola, ofereceu ao Apostolado das Associações, das Filhas de Maria e das do Sagrado Coração, a piedade e a caridade. Todos os párocos de Alagoa do Monteiro acolheram a alegre e humilde piedade da liderança de Da. Elisa.

Os filhos adolescentes, foram se destinando ao Recife, como sucedia nos anos de 30 e 40. Da. Elisa passou a ser uma mãe da estudantada, pelo carinho com que recebia os colegas do seu filho Gilvan, a doutorar-se em Medicina, de Teresinha e Fátima, caprichosas nos estudos.

Um modelo de natureza bem composta, a lembrar a meiguice a ternura de Alice Feitosa. Nunca se impacientava, nunca castigava, nunca julgava. Uma personalidade plena.

A viuvez, relativamente cedo, dentro da longevidade de Monteiro, domiciliou Da. Elisa no Recife, na vizinhança do filho médico, Por uns dez anos manteve seu espirito angélico, com toda a carga de afeição e de bondade.

Enfermou aos oitenta, a esclerozar-se lentamente, exigindo um plantão dos filhos que sabiam o quanto lhe deviam. Veio para a capital paraibana, hóspede de Teresinha, a esmerar-se no longo período de desgaste materno. Aí findou cercada das merecidas atenções, encerrando o ciclo das grandes damas meigas de Alagoa do Monteiro.

IACEMA

Filha única do senhorial Tabelião e Professor Epami-ɔndas Azevedo, Iracema privilegia-se nos estudos caseiros e stitucionais. Matriculada no Prytaneu Pernambucano, adian-ı-se na língua francesa, estuda música, ahabilitar-se à pródiga ıaternidade que lhe está reservada.

Esposa de Jayme Menezes, o jovem dentista que passa auxiliar do Cartório, e logo assumirá a titulação com inte-ɡência e fólego, procriará o casal nada menos de doze filhos. ıteligente, astuta, artística, diplomática, além de culta, Iracema ɜtaria bem acima do seu tempo monteirense se os deveres ɔmésticos não exigissem dela uma plena atividade de dona ɐ casa. O Dr. Jayme, homem de leituras e escritos, personali-ade socrática, busca novos caminhos educacionais para a role imensa, e com isto onera mais a terna e realista Da. Ira-ɜma. A educação liberal que o Dr. Jayme patrocina tem o seu reço, principalmente se nem todos os filhos desfrutam tran-uilos da liberalidade inaugurada na Alagoa do Monteiro dos nos de 30 e 40.

O sacrifício de Iracema ao se colocar como intermediária os temperamentos diferenciados, do diálogo das inteligências dolescentes, contribuiu para o seu desgaste, vindo a falecer ntes dos 60.

Sua perspiscácia, sua rara intuição, seu domínio gentil e ıaneiroso de situações nem sempre simples, dentro do con-ınto vibrante, audacioso, altivo e autônomo, da média dos ɜus filhos, compõe um histórico dos mais significativos da randeza da mulher. Como se ela pertencesse a uma galeria e personagem de romance.

Grande Dama, a altura de um grande homem, seu espo-ɔ, no comando de uma grande família. Porque no recesso do ır, no esforço equilibrador de diferenças individuais, como no róprio percurso escolar de cada um dos doze filhos de Jayme lenezes, a matriarca inteligente e atualizada, ofertou-se com ıais poderes e fez muita falta quando merecia a duração das uas contemporâneas, a Maria das Dores, a Elisa, a Lydia.

Da. JULIETA

Dos Batista, gente de Sítio, de composição sólida, bronzeados, bem autênticos na sua força de sertanejos, a jovem Julieta é toda cândura e espera. Ao se consorciar com um Neves, não altera seus dons. Adamastor é um pacato e modesto cidadão, que não se tensiona no orgulho e no projeto dos parentes bacharéis. É um tímido alfaiate com sua pureza de músico.

Em Julieta, a maternidade do investimemnto maior das gerações de 20 e 30. A que produziu a sociedade monteirense. Como Lydia, como Maroquinha é Julieta uma Dama em concentração da sua maternidade.

São três filhos para uma filha. O grupo é menor ao se comparar à fecundidade das suas contemporâneas, a uma Iracema com seus doze, a uma Elvira, com catorze. O quarteto de Julieta ressoa musical, na sonoridade harmonica do par. Talvez desafinasse se tivesse havido a procriação exagerada das damas em paralelo. A profissão de Adamastor, e quase timidez do casal não realçaria numa batalha de sustentação doméstica. Tudo pode ter um percurso sereno. De estudos metropolitanos adiados. Se há um aproveitamento máximo da escolaridade em Alagoa do Monteiro, fica para melhor ocasião a chegar ginasiano. Os parentes não se conformavam e o mestre-escola Luiz Pedrosa, ao sediar-se no Recife, com sua equipe em Faculdade, pede a Julieta que envie os seus para a complementação que a tia Auta, concorda. Julieta acompanhará o êxito de Ledo, à distância. Sofre pela longa ausência do filho mais velho. Mas contará com a constância filial dos que ficam, bipolando-se entre Monteiro e o Recife, como sua amiga Alice Alcântara. Em termos de amizades o indicador da personalidade de Da. Julieta Neves. É perfeita no diálogo, na correta estima. Maroquinha, Alzira Simões sabem disto. A octogenária que madruga na Praça João Pessoa apura-se saudável para a grande missão de mãe, avô e amiga.

LOUZINHA SIMÕES

Um casal de muitas afinidades, reune a moral monteirense acumulada nas famílias Simões e Torres. Heráclito e Louzinha são os personagens dasta união que durou meio século. Em ambos a modéstia, dentro de um padrão de vida que não acompanha a desenvoltura dos coronéis do criatório, do comércio, da vida pública.

Da. Louzinha mantem-se vigilante, na busca de uma conquista profissional dos filhos, através da educação. Se são inteligentes, obrigam-se a render o que acontece na maioria dos jovens monteirenses. Os Simões não se distinguiram em conquistas de posições e de fortunas. Operários, ficaram satisfeitos com a freguesia amistosa e de remuneração limitada. Raul e Durval são mestres na mecância do automóvel que nunca progridem. Ao mestre de costura, o alfaiate Heráclito não sucede diferente. Cria e planta, na rotina dos que aguardam a invernada para o lucro sem abastança.

Da. Louzinha rompe o ciclo das coisas a acontecer. Do conformismo cabocio. Ela se empenha com bravura, acompanhado a escolarização dos filhos, nas aulas públicas, para que tirem o melhor proveito. Matrícula em Campina Grande, a confiar na generosidade de parentes. Investe as fontes possíveis de sua habilidade manual. E verá vitórias profissionais dos seus descendentes que orgulham Monteiro.

Seu tempo doméstico é partilhado com os parentes e vizinhos. Ninguém tão presente e prestativa, nas horas difícies. É capaz de zelar pela limpeza, segurança, iluminação, do quarteirão onde reside, da Praça da Saudade, onde caminha saudavel. Mas é na Paróquia que sua liderança torna-se evidente. Convive bem com todos os párocos, desde o Mons. Rodas. Pertence a diversas Associações, onde é Secretária ou Tesoureira. Assume tradicionalmente na Festa da Padroeira. De um bom humor permanente, é mãe, é esposa, é tia, com uma desenvoltura que encanta, e para os líderes políticos, do primo Jorge Menezes ao amigo Arnaldo Lafayette, uma voz auxiliar das campanhas que pretendem servir à sua terra. Sem nível Superior, uma personalidade superior, nos seus dons cultivados com paciência e modéstia, para a afirmação mais simpática de Alagoa do Monteiro.

LYDIA

Nora do francês Adolpho Mayer, filha do Cel. Raphael o patriarca maior de Alagoa do Monteiro, Lydia passou de adolescente tranquila a mãe corajosa, com a mesma suavidade que trouxe do berço. Se por vezes indagam sobre a fonte matriz do talento monteirense, esquecemos todos de admirar, sem explicações, o mistério feminino da doçura das nossas mães. Em Da. Lydia havia uma tal abundância desses dons, um derrame mágico de melodia humanizante, que ninguém há de esquecer.

Marcolino Mayer, o marido de personalidade extrovertido, o tio conversador que nos encantava com sua companhia ecológica, nas vazantes na ribeira do Parhyba ou nos açudes da Firmeza e do Olho Dágua, Marcolino deixara-se envolver pelo grupo que no Clube carteava noite adentro. Outra esposa, no lugar da jovem Lydia, teria criado forte resistência, em desaforos de encabular os filhos. Lydia, ao lado das preces, sentava-se silente atrás da porta para que o marido a flagrasse na espera silenciosa. Todo o seu segredo estava nessa capacidade de acolher a vida em silêncio. As alegrias e os desencantos.

Os filhos evoluiram com a força dos bem nascidos, sob o amparo da venturosa genética, graduações da inteligência, numa média superior em nosso meio. Há uma tendência a rebeldia dos bens dotados. Os filhos de Lydia e Marcolino não deixaram de lado esses impulsos vitais. Polemizaram entre si e com os pais. Novamente a técnica sublime de Lydia comparecia : ninguém apanhava, ninguém sofria penas humilhantes. Na cidade grossa, do machismo castigador, na Escola de Da. Tibúrcia, na prédica do cônego Rodas, nas histórias aterradoras da Infância - essa pedagogia de Lydia, como se fosse não apenas dícipula, mas irmã de Maria Montossori, em tudo sua contemporânea. As lições gratuitas e não eruditas dessa mestra da ternura é um dos pontos mais positivos da mulher monteirense.

Da. MARIA

Mãe de vinte três, com sobrevivência de 17 filhos, Da. Maria é prestadora de serviços nas casas dos patriarcas. Conzinheira prendada, especializou-se no trato com os idosos, pela capacidade de escuar e cuidar pacientemente. A modesta profissão dessa matriarca pobre, não impede que seus serviços realcem. Primeiro os que presta ao seu grupo numeroso, com cerca de trinta netos circulando na Rua do Arame onde reside.

Ao amanhecer é comum vê-se Da. Maria a caminho do trabalho, depois de ter deixado almoço pronto em casa. Ligeirinha vence dois quilometros para chegar ao centro da cidade. Sua simpatia saúda cada pessoa que encontra nas avenidas, e é bem vista em todas as casas de famílias tradicionais. De uma saúde bem monteirense, nunca frequentou clínica médica e seus 23 filhos foram paridos em casa, na modesta casa de porta e janela, de suas moradias. Aos sessenta anos aposentou-se do INSS, sem porém deixar de trabalhar. É convidada para assumir almoços e jantares festivos.

Sua atenção aos netos completa a personalidade da mulher sem letras nem posses, a merecer lugar em nosso capítulo da Damas Monteirenses. Da. Maria, de sobrenome nunca citado está à frente de sua família, apesar dos dezessete filhos terem se casado. Seu zelo pelos estudos dos netos é igual ao de uma Dama de classe médica. Em Aracaju um sua neta está a caminho da Medicina, sem poder esquecer o ânimo da avô de tantos encargos familiares. Se um filho ou nora adoecesse é Da. Maria quem consegue assistência médica, tudo em função de suas amizades. E por ter tanto amigos sobrevive dignamente com o salário minimo de sua aposentadoria.

A mãe de 23 filhos, alegre, desprendida, saudável é um exemplar da raça sertaneja que os sulistas pernósticos menosprezam. Da. Maria sem tomar conhecimento dessas polêmicas confirma-se cada dia como uma Dama de Alagoa do Monteiro.

Da. MAROQUINHA

Quando a geração das Damas mais representativas da sociedade de Alagoa do Monteiro foi se encerrando, algumas ainda na maturidade, como Da. Sebastiana e Iracema, outras na longevidade das nonagenárias, Da. Santa e Da. Filó, creseu como memória afetiva da cidade, a viúva de Oscar Neves, Da. Maroqinha.

A partir da morte prematura de Ana Paraguay, com seus quarenta anos, a vizinha Da. Maroquinha deu atenções de uma segunda mãe aos filhos de Nestor.

Para os filhos da irmã Alice, o mesmo carinho que anos depois incidiria sobre os de Maria das Dores, de Alcindo Menezes.

Há assim no destino feliz de Maroquinha Neves, essa missão complementar que a septuagenária assumiu e nos seus oitenta e seis anos prossegue.

Qualquer visitante da Alagoa do Monteiro dos anos de 30 a 50, que retornem á terra de nascimento, sabe dessa gloriosa sobrevivente que reconstitui os dias nobres, perfila cada patriarca, lembra as datas de nascimento e os obituários.

Na calçada da Rua Nestor Bezerra continua a haver uma roda amistosa onde o velho Monteiro prossegue. Da. Maroquinha está a presidí-la, com sua lucidez admirável e sua estima ao torrão natal.

Em dias de novenário da Padroeira, ou das Festas de fim de ano, nas eleições ou nas datas cívicas, ao convergirem sobre Monteiro, os conterrâneos que se desviaram das origens ou se omitiram ingratos, é Da. Maroquinha quem os acolhe plenamente autorizada para reavivá-los e reconciliá-los com a gente monteirense. Com a verdadeira Alagoa do Monteiro.

Cercada de filhos e netos, de filhos que se diplomaram de netos universitários, a Dama memorialista, de convicções municipais, extende sobre as outras famílias com sua grande personalidade, a maternidade monteirense que Deus lhes confiou.

DONA NANA

A filha mais velha do Cel. Manoel Joaquim Raphael, ao se casar com o Juiz Fetosa Ventura, renunciou ao domicílio monteirense, sem deixar de estimar e influir em Alagoa do Monteiro.

Mulher de precoce maturidade, de precoce altivez, feminisima, antes de haver feminismo, assimiu no lar e liderou nas comarcas do trânsito profissional do marido. Mulher sábia, mulher forte, biblicamente imensa, Da. Ana Raphael Torres Ventura, chegaria à capital da Parahyba com esses dons. Montou atelier para complementar o modesto salário do Magistrado, no seu projeto de educar os filhos. Todos eles adqueriam diploma e se afirmaram em profissões liberais, do médico Altino Ventura, aos funcionários graduados Aurélio e Abel. Mas Da. Nana não esqueceu Alagoa do Monteiro, onde o pai bem situado, alimentava os sonhos da matriarca educadora. E nas visitas constantes, pelas férias forenses ou em solenidades do Sobradão, comparecia e assumia. A argúcia, a visão, a vontade, da mulher definida e decidida compunha uma cana de liderança singular : a filha de fora, que morava em Campina ou na Parahyba, era a mestra de cerimônia, era a orientadora culinária, era a decoradora e disciplinadora de todo cerimonial. Não se intimidava nem mesmo com os atos paroquiais, pois pensava em função dos interesses da comunidade. Advertiu a um páraco tão agradecido aos favores do assistencialismo clerical do coronel beato, que menosprezava deveres para com os pobres. O Coronel beato era o pai de Da. Ana Raphael...

Ao residir na capital paraibana, num sobrado da Rua Duque Caxias, despertou atenções da sociedade ilustre, a na sua casa vinham potualmente, primeiras damas do Município e do Estado. A costureira exímia também se distinguia em opinar e servir. Sempre altivamente.

Alagoa do Monteiro jamais perdeu pontos nessa vida exuberante. A correspondência de Da. Nana com os pais e os sobrinhos documentam uma época, a melhor época de Alagoa do Monteiro, dos anos anos de vinte a quarenta, os da pródiga Dama grande mãe e lider comunitária.

PRISCILA

Dos Nunes da Boa Vista, Priscila tornou-se citadina bem jovem, ao frequentar as festinhas de Alagoa do Monteiro nos anos de 30, ao matricular-se no Colégio das Damas em Capina Grande e ao conduzir os filhos para os estudos em João Pessoa.

Esposa do próspero fazendeiro Josa Leite, um dos mais atualizados em sementeiras e gado raceado, Isabel Priscila sofreu as agitações e injustiças das campanhas políticas quando o marido apresentou-se candidato. A Primeira Dama nunca esteve em saliências do paço municipal, nem nas arregimentações partidárias. Mas nunca se omitiu. Possuia, na época, a maturidade para os desempenhos distintos.

Concentraria a sua plena capacidade para os deveres do lar, atenta a vocação de cada filho e aos encaminhamentos universitários de cada um.

Enviuvando, defrontou-se sem drama, com a conservação do patrimônio imenso que o marido acumulara. Empresário rural dos mais organizados, Josa Leite, nos dias da longa enfermidade distribuiu as terras com os filhos e genros em condições de cultivá-las, e assegurou à esposa uma viuvez digna. De uma geração alegre, a que projetou Alagoa do Monteiro como cidade de intelectuais e de artistas, Priscila manteve a boa forma, em lucidez e convivência, a se favorecer também com os dons da família, com a saúde mental dos Nunes. A sua irmã Sevi, deu-lhe ilustrações de uma personalidade internacional, com sua liderança em Campina Grande, colunista social do melhor nível e excursionista confiavel nos cinco Continentes.

Cercada de netos, Isabel Priscila reconhece a beleza da vida o bem estar que a sua cidade lhe oferta. É de amizades seguras, com os parentes, as vizinhas, a velha guarda da Alagoa do Monteiro que conheceu adolescente nos anos da plenitude social.

Atende ao destino das filhas, professoras, assessoras, credenciadas às administração pública, atualiza a sua experiência, com uma astúcia suave, de quem viveu e sobrevive sem ilusões. Uma grande Dama, na sua área doméstica de repercussões pública.

Da. MARIA DE ALMEIDA TORRES

No recolhimento do lar, limitada em amizades, a viúva de Manuel Amâncio integrou-se na família monteirense com uma solidez de Dama sertaneja.

Adolescente, oriunda do agreste pernambucano veio a residir em Alagoa do Monteiro, nos começos dos anos de 30. Por coincidência habitou o casarão de beira da Lagoa, na vizinhança currais e das vazantes, meio de vida dos familiares. Habituou-se assim a um convívio com a Natureza e com o passado, pois a casa mais antiga da cíiade sugeria lembranças e assustava. Revigorou-se no dupla imersão, para o assumir da maternidade que aconteceria em sucessão dos partos, por seis vezes.

O marido, homem de ação, comprador de gado, marchante, pouco tempo dispunha para o diálogo educativo. Seguro e austero na profissão de muitos riscos, julgava-se de dever cumprido em abastecer o lar e em zelar pelo nome. Da. Maria, simplesmente e biblicamente Da. Maria, preocupou-se com os estudos e a formação moral da prole sadia, inquieta, inteligente. Se assídua na comunidade paroquial, fazia-se acompanhar dos filhos. E atenta aos horários escolares, ficava de plantão para que os deveres de classe mantidos fossem com responsabilidade.

Sem possuir nível de instrução relevante, supria com o seu bom senso, com essa vigília milagrosa, cada instante de cada personalidade em evolução. Os adolescentes, tentados pela profissão paterna, escapuliam das aulas, por conta de uma viagem às feiras de gado, de uma vaqueijada, de um mergulho nos açudes, em anos invernosos. Nunca exagerou em proibir ou em punir, porém se manteve astuta, advertindo, recuperando. As filhas docilmente seguiram o aconselhamento materno, principalmente após a viuvez de Da. Maria. Edna e Betinha ganharam diploma de Curso Superior e se habilitaram em concursos públicos.

Dos quatro filhos somente um graduou-se em engenharia Mas nos outros três o domínio das letras e dos números, em suficiências para os encargos assumidos, no comércio, em bancos, em negócios avulsos. Na nossa contemporaneidade, para uma Da. Maria quase octogenária, o conceito dos Amâncios, realizados economicamente com a elevada moral de suas origens. Os netos despontam na mesma direção e todos eles estão cientes da grande Dama responsavel pelo património monteirense. Da família do discreto patriarca Manoel Amâncio.

Da. SANTA

Da Caiçara, na ribeira do Pajeú para o Jatobá do Major Napoleão, Da. Santa reinou como uma Dama rural, cujas seis filhas prendadas e belas jamais se fixariam em Fazendas.

Mulher forte, de hábitos senhoriais, no comando de uma Casa Grande, perto da cidade e na beira da estrada, com as moças realçando em formosura e credenciando-se casadoras, Da. Santa assumia tanto mais quando o marido vivia pelos pastos, vigilante dos zebus, das cercas, das emas, das onças, das cobras. E com suas solidariedade ao Dr. Santa Cruz, o rebelde do Araçá.

Realista em tudo, nas relações com o marido, com os padres, com as filhas, com os visitantes e com a clientela dos negócios - Da. Santa carregava todas as chaves, impunha suas convicções, avalizava com propriedade, emitia pareceres julgava. Era empreendedora, criativa, fiscal, promotora e juiza, como uma dama romana. Das épicas damas dos começos Roma.

E no entanto possuia sua contida ternura, seu discreto romantismo. Dela se conta que, numa conversa de filhas e sobrinhas sobre Lua de Mel, quando uma visitante mais sofisticada anotava lugares poéticos, entre Caxambu e Petropólis, a superar Recife e Salvador, Da. Santa como se ausente da conversa respondeu que o melhor lugar da sua lua de Mel fora os braços de Napoleão...

Tinha raça essa filha dos Gomes da Caiçara, oriundos de São Caetano da Raposa, no Agreste pernambucano. Sobreviveu a Napoleão por uns vinte anos, e em nenhum momento, a Fazenda Jatobá perdeu o charme de sala de visita do Cariri. Se diminuiu as criações, no rateio da herança, se não mais as festividades folclóricas do São Jõa e das cavalanhadas, o zelo pelo casarão, pelo pátio, pelos currais diziam da presença da grande Dama no seu posto honrado.

Da. SEBASTIANA

A esposa do Cel. Joaquim Lafayette inscreve-se entre as grandes damas de Alagoa do Monteiro, não somente por suas virtudes maternais. Conduzia na forte personalidade uma liderança comunitária regional. Que se extendia a Alagoa de Baixo e a Rio Branco, e vinha afunilar-se no Recife nos anos dos estudos dos filhos.

Mulher inteligente, corajosa, profética, de tudo entendia e em toda parte atuava, sem temer equívocos ou injustiças do seu derrame existencial. Se a causa lhe parecia justa, comparecia fluente, guarreira, a contestar, a aplaudir, a solidarizar-se No que fazia estava inteira, com sua religiosidade e sua maternidade. Com seu amor à Alagoa do Monteiro. A vigília comunitária de Da. Sebastina surpreendia quando madrugava na porta de um enfermo, quando acompanhava uma dama injustiçada, ou desafiava as autoridades para libertar um jovem de família amiga que cometera algun excesso.

Ao seu grupo numeroso deu o exemplo dessa participação, nada lhe parecendo mais grave do que o omitir-se. Em Adail e Alda as filhas mais velhas, as tarefas pedagógicas e sociais que o ambiente monteirense requeriam. Para cada um dos seus catorze descendentes o projeto doutoral, que a grande mãe cobrava com uma vemência irrecusável. Fez época em Alagoa do Monteiro a Dama decisória que viera de Pernambuco, aos 16 anos consorciar-se com o jovem comerciante sem recursos de coronel. Da. Sebastina esmerou-se pela ascensão profissional do esposo, em preliminares do que faria à dezena dos filhos, enumerados nas contas do Rosário.

Influente, temida, estimada, com sua intuição e seu bom senso, por conta de dons naturais, sem estudos e sem riquezas, impressionou governadores e secretários, ministros e hierarcas eclesiástico, sem deixar de ser uma mulher do seu tempo monteirense, alegre e orgulhosa do que Deus lhe ofertara. Para alegria e orgulho dos seus contemporâneos.

Da. TIBÚRCIA

No nome original, uma personalidade forte. Da primeira mestra de Alagoa do Monteiro, pura vocação para o ensino sem estudos especializados.

No final dos anos de vinte surgiram as professoras diplomadas, vindas da Capital, revoluncionando a cidadezinha. Porque além da bela missão, jovens e vistosas, alvoroçavam os coroas e produzinham paixões.

Da. Tibúrcia inaugurou sua Escola, com a sobriedade dos mestres-escolas, entre um Prof. Torres e um Prof. Epaminondas, sem se esquecer o inovador Luiz Pedrosa. Mas o estilo durão, da aula tensa, com a palmatória a vista, é que agradava aos pais. Da. Tibúrcia atendia a essa confiança, e na modéstia do seu espaço doméstico toda criança desarnava. Se era enérgica, não era grosseira. Cumpria a tarefa com honestidade e paixão. E ao colocar seus alunos, aptos nas iniciações profissionais, todos lhe agradeciam.

A mestra austera, tão sem recompensas para o seu difícil ofício de ensinar, preferiu as atividades apostólicas, e de tanto servir à Igreja, recebeu hábito em Ordem Religiosa. Difícil imarginar-se Da. Tibúrcia fora de Alagoa do Monteiro, a seguir regras monarcais, em terna obediência.

O período de clausura não durou, e na sua querida cidade, a tão estimada líder apostólica voltou a ter os encargos de sempre, visitando enfermos, ajudando os sobrinhos, incansavel no expediente paroquial. Organista e calequitor.

Uma personalidade composta pelas energias sertanejas, pelo amor ao Trabalho. Teria sido uma líder regional se retocada e aprendida em meios cultos. Sua raça produziu muito, sem acabamento. Não foi em tudo o que fez uma pessoa qualificada, porém uma pessoa honesta, de firme boa vontade, para servir ao bem comum, como lhe fosse possível. Esses dons e sua efetividade, compõem uma grandeza matuta, da sertaneja útil e estimada que foi Da. Tibúrcia Feitosa, em Alagoa do Monteiro.

Da. TERESINHA

Das margens do Capibaribe para o Moxotó em Custódia, a professorinha de família de senhores de engenho, Teresa Julieta de Vasconcelos Pinto, será a meiga Da. Teresinha, na velhice em Alagoa do Monteiro. Toma domicílio no final dos anos 30, ao lado dos filhos vitoriosos Alcindo e Jayme Menezes. Fizera época com o esposo, igualmente professor na Alagoa de Baixo das primeiras décadas. Entre os alunos de ambos, os Lins, os Siqueira, os Arruda, que se consideravam gratos ao curso Primário realizado sob o comando dos primeiros diplomados em aulas públicas.

Ao enviuvar - e se aposentar - Da. Teresinha veio para Monteiro, a alegrar os netos numerosos. Os filhos obtinham um prestígio na sociedade próspera do Cariri, que orgulhavam a septuagenária, instruida e muito conceituada. Piedosa e apostólica, empenhava-se para descobrir vocação sacerdotais, e endereçá-las aos salesianos do Recife, onde o irmão Batista pertencia a Ordem de Dom Bosco. As vocações que conseguiu, por ela se sustentavam com as campanhas que realizava, se os seminaristas eram adolescentes pobres. Viveu a alegria de algumas ordenações. Voluntariosa, opinativa, em dia com o seu tempo, mestra experiente, liderava nas associações paroquiais, era escutada pelos párocos, sabia decidir e ajuizar. Admiravel a posição assumida pela Da. Teresinha nos começos da II Grande Guerra, quando o Estado Novo jogava dialético, em linha germanófila. Nas rodas da Farmácia São Francisco, em conversas aos visitantes, expunha as razões Aliadas e propunha a solidariedade à causa democrática.

Por sua sabedoria, por suas convicções, pelo gosto de viver com sua fé dialogal, apóstola dos tempos ecumênicos, Da. Teresa Julieta, a mestra de Alagoa de Baixo, nos seus quinze anos de Alagoa do Monteiro, marcou a comunidade que acolheu com a melhor compreensão de suas virtudes. Virtudes amadurecidas na personalidade radiosa, da mãe, avó e mestra cristianisssima.

STELA

Neta do Cel. Raphael, em cujo Sobradão veio a estudar as primeiras letras, e ali ficou na orfandade adolescente, Stela casou-se na família dos Nunes, constituiu família, e encerrou seu curto tempo monteirense antes de completar 50 anos.

Aluna do Colégio fas Damas, aproveitou com vivacidade, das lições das mestras de língua francesa. Como sua Tia Maria das Dores, dominava vários instrumentos, do piano ao bandolim, pintava aquarelas, atuava com método. Método e polidez, as notas 10 da aluna que as transmitia ao seu meio social. Sempre hóspede do avô, acolhia os visitantes, disciplinava os netos, colaborava com as festividades do Sobradão musical. Na Igreja igual cota administrativa e apostólica, com sua piedade, seu bom gosto, sua ordem.

A fragilidade de Stela, com sua asma congênita e seu corpo leve, assim como nunca impediu que presente estivesse nas muitas atividades domésticas e paroquiais, e se iniciasse prendada no ensino, essa fragilidade surpreendeu pela família que procriou. Seus cinco filhos sequenciaram-se robustos, em partos sem problemas. Pena que Stela não dispusesse de um maior prazo vital para a alegria de criá-los. Se casou aos trinta, anos quarenta e pouco faleceu, deixando os claros que todos perceberam.

A Dama menor, da geração dos nascidos em 20, menor pelos limites físicos e temporais de sua existência, a Dama angélica, de humilde e leve trânsito cumpriu sua missão em todos os capítulos de sua oportunidade.

Os filhos fazendeiros e criadores, as filhas professoras e bancária, atualizam a meiga Stela, personalidade que se conferiu nos anos dourados de Alagoa do Monteiro, entre 1934 e 1950, como uma das filhas ilustres do clã caudoloso dos plenamente Raphael, porque neta de Paulino e de Manoel Joaquim.

Da. ZELÍA

Ao se tornar esposa do operoso José Pontual, Da. Zélia sabia que o marido sofria da vista. Mas não imaginava que perdesse a visão nos anos em que a família crecia. Daí o imenso compromisso da mulher de origens rurais, do Sítio dos Barros, que oprigava-se a ativar-se na costura e na culinária para criar os filhos. Criar e educar, dentro da tradição de Alagoa do Monteiro.

O heroísmo de Da. Zélia mereceu atenções das damas que ja haviam dado conta da missão educadora. A judiciosa Da. Iracema de Jayme Menezes, comentava que Zélia estava a merecer uma estátua pelo muito que realizava. Pelo alto preço de seus afazeres.

Na máquina de costura, na cozinha, sobretudo na arte de decorar, Da. Zélia madrugava e ia a meia noite, com as encomendas festivas. No período do São João, os bolos de milho, as cangicas e pamonhas de Da. Zélia eram apreciadas no Recife, em João Pessoa, em São Paulo, para onde se remetiam. Admiravel a coragem e a humildade de vender nas praças, na porta dos clubes. As filhas que estudavam, pagavam matrículas e livros, com o resultado dessas vendas. Se a mãe não se encabulava de - nem cansava - nas dez horas no fogão, po que a vaidade adolescente recusar-se ao trabalho honrado?

Da. Zélia criou oito filhos, todos eles com seu Primeiro Grau, três contabilistas, uma de Curso Superior, bancárias e professoras de realização plena.

A esposa devotada teve tempo de orientar o grupo que abria serviços de mecânica nos anexos da casa própria, quando quintal, jardim, garagem, transformaram-se em oficina. O marido experiente e astuto, vigiava pela escuta, cada batida de pino, cada manobra de desamassamento. E seguro do seu ofício porque Da. Zélia no comando geral animava, garantia. Funcionária modesta, auxiliar de enfermagem, ganhou aposentadoria digna, para então ficar ao dispor dos filhos residentes no Sul. Em toda parte presente, essa admiravel Da. Zélia Pinheiro Barros, matriarca e vitoriosa.

Montado e impresso nas oficinas gráficas da

Editora Universitária UFPE

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20
CEP 50740-530 – Fone: (081) 271.8395
Várzea – Recife – PE